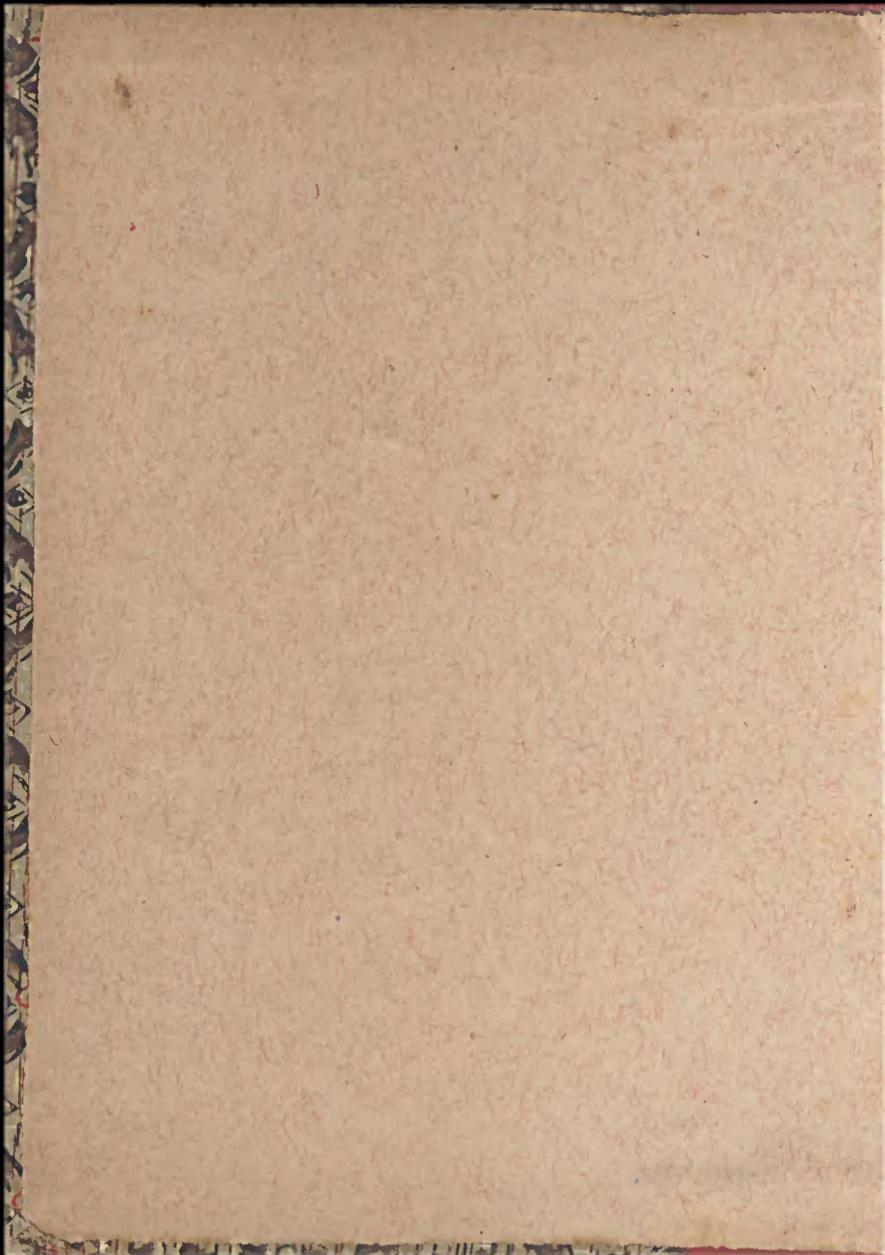


cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12 13



120 00

1<sup>o</sup> Idigau







---

Off. Graph. Monteiro Lobato & C. - R. Gusmões, 70 - S. PAULO



JOÃO RIBEIRO

# COLMEIA

(SEGUNDA SERIE DE — NO-  
TAS DE UM ESTUDAN-  
TE — DO MESMO AUTOR)

MONTEIRO LOBATO & C. — EDITORES  
RUA DOS GUSMÕES, 70 — S. PAULO — 1923





## A SCIENCIA DO AMOR

**A**PÔNTA agora no horizonte uma sciencia nova,  
a sciencia sexual.

Reune já os seus congressos e festeja o proximo advento na caligem das crises contemporaneas.

E' uma nuvem que chega "temerosa e carregada" (como diz o poeta) e prompta a subverter o mundo.

No meu scepticismo irreductivel acredito que essa tempestade será como a daquelles annunciados cometas que de vez em quando devem dar cabo da terra.

---

O conselheiro de saúde, doutor M. Hirschfeld, pessoa a todos os respeitos digna de consideração, abriu num discurso breve e quasi rude o recente e primeiro Congresso da Reforma Sexual segundo os principios da — "Sexualwissenschaft".

Esta "Sciencia sexual" nasceu de um capitulo da biologia que já arrebetava, pela congerie dos



factos, a sua categoria modesta de capitulo. Fez a sua independência logica, e com ella creou a aspiração de solapar o velho edificio da ethica, já combalido por tão reiterados golpes.

A grande guerra produziu estragos e degenerações, cortou e esfalfou a vida, eliminou quasi a mocidade, deteriorou a infancia e comprometteu o futuro; enfim, antecipando os serviços da morte, supprimiu uma geração.

A sciencia sexual, que já existia, tornou-se a providencia desses estragos.

Seu lemma é — “aedificabo”.

Passaram despercebidas para os politicos e reformadores sociaes e, em geral, para toda gente, as consequencias ultimas das doutrinas de Darwin e de Haeckel, das leis de Mendel quanto ás vicissitudes da prole, e da composição bi-sexuada dos esposos, demonstrada desde O. Hertwig.

A partir de Claude Bernard, noutro sentido, os trabalhos de Brown Sequard, Freud, Ellen Key, a psychopathia de Kraft-Ebing, os factos revelados por Steinach e outros, formaram um material enorme de experiências positivas e irrecusaveis.

“Todas as formas de attracção na natureza, e



entre ellas o Amor, se fundam em leis scientificas”.

Ora, a satisfação social dada ao sentimento do amor é o casamento, mas até hoje sem referencia nem consideração pelas novas leis naturaes. E' preciso affirmar e encarecer que o casamento sem amor é mais immoral que o amor sem o casamento (“dass Ehe ohne Liebe unsittlicher sei als Liebe ohne Ehe”).

E' de mister ainda conformar a Moral com a Verdade, pois que ambas andam já muito distanciadas pelo preconceito, pelas idéas religiosas, pelos negocios e por toda a sorte de suppostas vantagens e pela ignorancia: o que tudo redundna na ruina da prole, da especie e até mesmo da felicidade pessoal dos individuos.

Verdadeiro peccado da carne é a antiga virtude da mortificação della, o velho ideal da — “sophrosyne” — das abstenções mortaes sem nenhum proveito.

Fazendo a historia das idéas humanas acerca da vida sexual, diz Hirschfeld que é possível dividir-a em tres periodos.

No primeiro periodo, como entre animaes, o amor tem o character, puramente, de processo reflexo e mechanic. E' como a sede ou a fome.

No segundo periodo (que estamos ainda a atravessar e perto do fim) as coisas passam-se diferentemente: criam-se freios de cohição contra a ordem natural, a humanidade legisla e ordena sob differentes aspectos as solicitações sexuaes, em correspondencia com a expansão da moral; essa ordenação traz vantagens evidentes mas os seus defeitos essenciaes resumem-se no "solteirismo" e na "prostituição".

X O celibato, os vicios solitarios e o meretricio são as consequencias dessa ordenação moral. Fére a liberdade e o direito personalissimo do Amor, e estiola a vitalidade da especie porque o amor é uma potenciação da vida e a vida sem amor é apenas existencia.

Enfim, chegou para a humanidade o terceiro periodo cujos albores já lobrigamos no horizonte. E' a phase em que o amor será a nova redempção do mundo, segundo o verso de Goethe:

Die Erde wird durch Liebe frei...

Não será um periodo de absoluta licencioidade, como espera a libidinagem da corrupção presente. Será o equilibrio entre o mecanismo de repressão consciente, até o ponto em que des-

appareçam as renunciias morbidas, as coacções sociaes, a prostituição, em proveito de um estatuto fundado na observancia, sem preconceitos, da moral nova.

A alta significação do amor não consiste e nem se esgota na procreação. E', ao contrario e diversamente, uma das condições da harmonia da vida e da sociedade.

---

Eis as idéas e as palavras do grave conselheiro (que, entretanto, não nos parece muito grave).

A guerra lá onde precipitou a morte tambem está a precipitar o amor. A destruição reclama creações novas e urgentes; por isso mesmo acreditamos que no momento as regulamentações scientificas ou de qualquer ordem são mais do que nunca inuteis.

Deixemos á humanidade os seus proprios instinctos de reparação.

Acreditamos cada vez mais que o amor será menos mercantil, menos venal e menos absurdo.

Mas, não serão os sabios os autores da liberdade feminina. Ellas, as mulheres, conquistarão por si mesmas essa liberdade que já vão conquistando na lucta pela vida. E dizem que a verda-

deira liberdade não é aquella que se recebe, mas a que se adquire, por bem ou por mal, arrancando-a á tyrannia dos senhores.

Este é o caminho menos impervio.

A sciencia progride muito, o que quer dizer que ella erra e vive a reformar-se dia a dia. A moral, porém, é demorada, lenta e circumspecta; na engrenagem do mundo ella faz uma vagarosa rotação emquanto as rodas mais velozes fazem mil giros.

E' bem que seja assim a entroza. Na eternidade é coisa prudente esperar o que deve vir, sem erros irremediaveis.

A — Reforma sexual — de agora, pode trazer alguns beneficios no meio de immensas desgraças; entretanto, é uma expectativa salutar, se souber conter-se no opportunismo que deve ser o segredo do seu possivel exito.

Eis alguns dos seus principios, segundo o discurso inaugural de Hirschfeld:

I — O amor é um processo reflexo de grande complicação, cuja "phase centripeta, a impressão amorosa" se faz pela corrente de prazer levado ao cerebro pelas varias portas dos sentidos e cuja phase "centrifuga" se desdobra exteriormente na satisfação funcional.

II — A capacidade de reacção e o impulso sexual estão em estreita dependencia do organismo individual. (Essa proposição deriva do facto que a proporção de elementos cellulares femininos é variavel em cada individuo de qualquer sexo. Ha homens, desde as suas cellulas, mais mulheres que outros homens; e ha mulheres que são mais masculinas que outras mulheres). E' um teor dos tecidos.

III — A constituição sexual, pois, em qualquer individuo é um estado preformado, de natureza mixta, de attributos de ambos os sexos.

IV — A secreção interna das glandulas sexuaes actua sobre o cerebro da mesma forma que este por sua vez actua sobre as secreções externas.

V — As necessidades sexuaes na generalidade humana exigem funcção periodica, como é o caso do somno e da alimentação, não segundo a força, mas segundo a satisfação. Podem ser re-freidas todas essas funcções temporariamente; mas, ao cabo, com grave perigo da saude e bem estar.

VI — A vida sexual para a especie é principalmente a condição da harmonia vital interna e



externa; não é só procreação, mas um elemento conservador do organismo.

---

Para concluir.

Não desejo que em mim se veja qualquer curiosidade malsã pelos assumptos eroticos.

Em tempos que já lá vão, li a arte de amar de Ovidio, e hoje nem sequer me interessa a grave sciencia do amor.

Catão, que era um velho caturra, sentiu já no fim da vida a necessidade de aprender a lingua grega; a sociedade romana de então começava a hellenizar-se, e era prudente acompanhar a moda.

Um pouco para acompanhar as modas, de longe em longe, costumo ler esses bolchevismos esporadicos. . .

A sciencia não descobrirá nunca, por antecipaçoão os segredos do matrimonio.

Todo aquelle que se casa, dizia Heine, sempre se casa como o Doge de Veneza que desposava a onda adriatica: que haverá lá dentro? perolas? monstros? incognitas tempestades?

Mysterio eterno.



## O PROBLEMA DE FERMAT

**H**A quem sinta a poesia dos numeros? Não ha duvida.

Neste anno de 1922 deve ser concedido um premio (e não o será com certeza) a uma das muitas memorias apresentadas para solver uma questão mathematica.

Historiemos o caso por menor.

Um mathematico allemão, o sabio Wolfskehl, vae para dez annos, instituiu em testamento um premio de cem mil marcos ouro, cerca de cinco mil libras esterlinas, a quem dêsse uma demonstração da verdade apparentemente simples, isto é, demonstrasse que a equação

$$x^n + y^n = z^n$$

não tem absolutamente nenhuma solução em numeros inteiros desde que "n" seja maior que "2",

Para facilitar a comprehensão do problema, digamos aqui que com o expoente "2" é sempre



possível achar a solução, pois que a somma de dois quadrados pode ser igual a outro quadrado (theoremata de Pythagoras).

Assim os quadrados de 3 e 4, ou 9 e 16 somados são o quadrado de 5 ou seja 25.

Isto era conhecido desde a alta antiguidade. Mas desde que o expoente "n" seja maior que dois, isto é, desde que se trate do cubo ou de outra qualquer potencia, além da segunda, cessa toda a analogia. Não ha um cubo que seja a somma de dois outros cubos e assim por diante.

Donde veiu a Wolfskehl a idéa de pedir tal prova, paga a peso de ouro?

Veiu de que elle era um poeta dos numeros, e repetia como Gauss que a theoria dos numeros era a rainha da mathematica.

E' presumivel acreditar que Wolfskehl conhecendo a enorme difficuldade da demonstração exigida, com tão precioso chamariz pensava talvez em induzir e arrastar alguns jovens e ambiciosos mathematicos á paixão dos numeros e a quebrar a cabeça nessa poesia transcendental...

Ainda havia uma razão além dessa. O grande mathematico francez Pierre Fermat, do se-



culo XVII, tratando de Diophante, de Alexandria, a proposito do mesmo problema, accrescentou talvez descuidosamente, que lhe tinha achado a prova e a demonstração, mas que, por escassez de espaço na occasião em que escrevia, deixava de communicar-o aos seus leitores.

Ora, é muito discutivel que Fermat tivesse achado a prova que não deu nunca. Como quer que seja levantou a duvida e a curiosidade de conhecê-la, e isto é que tem atormentado desde então a perspicacia dos discipulos e admiradores do grande genio francês.

A demonstração exigida por Wolfskehl, segundo as determinações do seu testamento deviam ser dirigidas á sociedade de Sciencias de Göttinga, publicadas em livro, como acaba de ser feito, e communicadas por dois annos a todos os mestres que cultivam a mathematica; e depois dessa dilatação será deferido o premio.

A um juiz desses trabalhos pareceu que havia memorias interessantes pela habilidade dos concurrentes e pela documentação do erro a que estão expostos os espiritos mais sagazes.

Muitos commetteram o erro de confundir questões diversas por incompreensão.



Para  $n=2$ , desde a idade media foi achada a solução pelas equações seguintes:

$$\begin{aligned}x &= p^2 - q^2 \\y &= 2 pq \\z &= p^2 + q^2\end{aligned}$$

Pode-se attribuir a  $p$  e  $q$  arbitrariamente quaesquer valores em numeros inteiros para se ter a solução de equação de segundo gráo:

$$x^2 + y^2 = z^2$$

E' um exercicio elementar e facillimo de realizar. Além desse gráo apparece a impossibilidade, isto é, não se pode achar tres expressões que se possám compor com duas grandezas quaesquer  $p$  e  $q$  por addição, multiplicação e subtracção.

E' o caso geral de  $x^n + y^n = z^n$

A impossibilidade resulta de proposição já desenvolvida por Riemann e Clebs, o que aliás não inutiliza o problema, mas pode evitar a confusão entre coisas differentes.

O sabio Wolfskehl desconfiando da esterilidade dos concurrentes estabeleceu que os juros dos 100.000 M., seriam até o momento da solução, applicados ao progresso da sciencia que tanto amava.



## O LATIM E O SPORT

---

O latim foi uma especie de “volapuk” ou “esperanto” na idade media e ainda mesmo nos tempos modernos.

Ficaram alguns vestigios na historia e nas letras dessa universalidade que vivia á custa de linguas demasiado barbaras e ainda infantes sem prestigio que as impusesse.

Hoje desapareceu o latim compulsorio, mas os latinistas ainda proliferam e reclamam um logarzinho ao sol.

Não é um grande mal.

O peor é que os latinistas, em geral, são poetas “quand mème”. Versejadores detestaveis na lingua materna arrogam-se amigos favorecidos das musas antigas.

Nunca vi um só delles que não fosse poeta. . . latino.

— Fazem versos em latim, dizia com espirito Voltaire, graças á ausencia do seculo de Augusto.



Que carêtas medonhas não fariam Horacio ou Virgilio se acaso os tragassem!

— Estão-me a entrar uns corninhos aqui pelo ouvido, dizia Castilho, a uma leitura de versos do Caetano Filgueiras.

---

Nos Estados Unidos segundo uma nota de revista literaria houve certo movimento em favor do latim, como lingua do "Sport".

A razão dessa escolha parecia obvia. As linguas extranhas são sempre elegantes no ponto de vista da moral da linguagem; o que tambem se queria evitar era a rudeza de certas expressões de giria em espectaculos publicos tão frequentados de moças da sociedade distincta.

Os "sportsmen" não teem papas na lingua e atiram a ouvidos castos e delicados a sua terrivel geringonça.

O latim pareceu que era o verdadeiro remedio.

E' exemplarmente tradicional essa impunidade latina.

*Le latin dans les mots...*

---

Por outra parte, o latim satisfaz e aplaca as iras grammaticaes.



Ha uma casta de grammaticos intransigentes que combate com entranhada ferocidade todos os peregrinismos que invadem a lingua vernacula.

Elles, os parvos, commettem eguaes dispaute-rios, mas quando pilhados, dizem que cedem á *con-sagração* geral.

Não ha lingua nenhuma que não seja uma Babel de outras linguas. Essa interpenetração de todos os idiomas é um dos aspectos do progresso e da solidariedade humana. Porque fechar a porta a tão interessantes hospedes?

Mas, o grammatico vernaculista faz guerra de morte a esses contagios funestos.

Principalmente no recanto obscuro da Iberia houve essa galharda guerra de xenophobia linguistica, que tomou passagem para cá.

Que seria a moda de Paris com os seus vocabularios proprios que nos impõe a elegancia ou o bom tom?

Estou que os desportos desappareceriam, se se vulgarizassem “bolapé” ou “pé-bóla”, horriveis naturalizações do “foot-ball”...

Este e outros...

E' claro que convem dizer “chapéo”, que é já portugûes, em vez de “chapeau”; mas como dizer



outra coisa para substituir sem igual sentimento de elegancia a “echarpe”, a “blouse” etc.

E os jogos inglêses serão acaso bem inglêses? “Lawn tennis” é a composição graciosa de uma antiga palavra celtica com outra francêsa, tambem antiga; nenhuma das duas é propriamente inglêsa ou saxonia.

Em Paris “modiste” é a que faz ou vende chapéos. Seria truculenta coisa chamar-lhe — chapeleira — a não ser por affrontoso insulto.

E a musica? que seria della sem o “scherzo” ou o “smorzando”, o “pianissimo”? . . .

E as danças? o “fox trot” o “rag-time”? as traducções destruiriam toda a poesia. “Polka”, por exemplo, é a a mulher polaca e é o feminino de “polak”. O mesmo succede a “mazurka”.

Pois não impusemos ao mundo o “maxixe”? eis um intercambio compensador.

---

Ora, é essa graça e o mysterio das palavras peregrinas ou estrangeiras que contribuem em larga parte para o exito das novidades.

As expressões vernaculas são naturalmente inchadas e nenhuma coisa nova deve ter semelhante densidade.



Foi pensando tambem nesta contingencia das coisas que recentemente o sr. Stanley Weir imaginou um glossario para os jogos de ar livre.

Grande jogador e mestre do "links", elle quer que se jogue em latim.

E' a lingua de Horacio, de Catullo e de Cesar a mais propria a dar majestade ao "golf", ao "tennis" e ao "foot-ball".

Uma linguagem veneravel, imperial, e peregrina parece reunir as qualidades mais adequadas. O hebreu e o sânskrito seriam muito remotos, o grego assaz difficil. O latim, mais ou menos familiar aos estudantes e universitarios, grandes jogadores habituaes, será como na edade media a lingua universal.

Eis aqui o exemplo de uma eventualidade no jogo do "golf".

Em vez de dizer brutalmente:

— My jam ball has gone into the jamm'd brook!

O jogador dirá:

— "*In annem globus meus condemnatus delapsus est.*"

O verbo latino "condemnare" afigura-se



mais terso e menos rude para uma imprecação.  
“Jamm’d” é brutal plebeísmo.

— Recue de vagar.

— “Swing back slowly”.

— “*Tarde retorsum*”.

— Ponha o olho na bola!

— “Keep your eye on the ball!”

— “*Oculum in globo fige!*”

O latim fornece outras expressões habituaes  
“*a tergo!*” e “*tutissimus ibis*” de applauso ou conselho.

Não se podem avaliar as possibilidades dessa latinização proposta por autoridades como os “sportsmen”, Mr. Punch e Stanley Weir.

O maior defeito será o de latinizar a giria sem equivalencias razoaveis.

Os neo-latinistas vão corrompendo como podem o idioma do Lacio.

Que difficuldade teriamos nós de achar um equivalente ao nosso jogar a leite de pato?

Inteiramente impossivel seria traduzir tambem o jogar por nozes — “for nuts” que é outro dito da giria. Os neo-latinistas são imperturbaveis, entretanto:

— Eu hoje não jogo “por nozes”.



— “*Nequeo ludere pro nucibus hodie*”.

O anachronismo é inevitável, e com esse andar teríamos um novo baixo-latim a accrescer ao glossario da infima latinidade de Ducange.

E talvez... novos poetas.

---

Para nós outros, essa proposta parece inútil. O vocabulário inglês dos nossos desportos dá graça, força e vigor, e, acima de tudo, encerra certa expressão de elegância que vence todos os obstáculos.

Accresce que a língua inglesa segundo uma insinuação excelente de Arthur Neiva, levanta a nossa flebil *psychè* de preguiçosos. E' um tônico espiritual.

E' a voz de uma raça imperial e indomável.

A moda é, além disso, árbitro nessas matérias. Contrária-a é o mais seguro meio de perder o seu latim.

Temos alguns maníacos que vivem a latinizar mediocrementemente a literatura moderna. Seria um emprego para esses “pé bolas” pedantescos.

Mas, Deus nos livre delles!

Já não são poucos os que atormentam as orelhas do proximo.

Emfim... talvez se aprendesse um pouco de latim por esse processo intuitivo e divertido.

*“Pro Jupiter! aggerem superavi!”*

Deus meu! não queria ir tão longe.

Esperemos a moda, que se ella vier, seremos todos romanos.



## GOETHE E O BRASIL

---

O grande Goethe deixou pelo menos duas paginas inspiradas pelo Brasil.

Ficaram um pouco esquecidas entre os escritos esparsos e fragmentarios que formaram o *mare magnum* de seu espolio literario.

Desenterrou-as o archivista Burkhardt que achou uma dellas em letra autographica do grande poeta entre os papeis postumos da archidukeza Anna Amalia.

Devem ser classificados entre os versos menores e occasionaes, feitos quiçá a pedido ou solicitação de pessoa amiga.

São duas cantigas, dois *lieder* que não provêm de inspiração directa, mas remontam a antigas narrativas acerca dos indios do Brasil.

São antes traducções ou paraphrases de que o erudito Reinhold Koehler descobriu a fonte genuina.



E essa fonte é Montaigne.

Foi de trechos do antigo ensaísta francez que Goethe se serviu para escrever a — Cantiga de morte do prisioneiro — (*Todeslied eines Gefangenen*) — e a Cantiga de amor de um selvagem americano — (*Liebeslied eines amerikanischen Wilden*).

Cremos que não ficaria mal o canto do prisioneiro ao lado dos versos do *Yjuca pirama* do nosso grande poeta nacional.

Montaigne nos *Essais* (I cap. 30) occupa-se com grande sympathia dos cannibaes do Brasil; e em certo lugar escreve:

“J’ay une chanson faite par un prisonnier, où il y a ce traict: “Qu’ils viennent hardiment trestous et s’assemblent pour disner de luy, car ils mangeront quant et quant leurs pères et leurs ayeulx, qui ont servy d’aliment et de nourriture à son corps: ces muscles, dit-il, cette chair et ces veines, ce sont les vostres, pauvres fols que vous estes: vous ne recognoissez pas que la substance des membres de vos ancestres s’y tient encore: savourez-les bien, vous y trouverez le goust de vostre propre chair.

E’ um facto verificado que a anthropophagia,



quasi sempre rara, tinha o sentido de incorporar nos vencedores a bravura dos vencidos.

Aqui, o vencido, em seu canto, antegoza a vingança de que os seus inimigos teriam no sacrificio o desgosto de manducar seus proprios paes que, anteriormente serviram aos banquetes da victima em outros tempos mais felizes.

E' este o *lied* segundo o poeta :

Kommt nur kühnlich, kommt nur alle  
Und versammelt euch zum Schmause,  
Denn ihr werdet mich mit Dräuen,  
Mich mit Hoffnung nimmer beugen,  
Seht, hier bin ich, bin gefangen,  
Aber noch nicht überwunden.  
Kommt, verzehret meine Glieder  
Und verzehrt zugleich mit ihnen  
Eure Ahnherrn, eure Väter,  
Die zur Speise mir geworden.  
Dieses Fleisch, das ich euch reiche,  
Ist, ihr Thoren, euer eignes,  
Und in meinen innern Knochen  
Stickt das Mark von euren Ahnherrn,  
Kommt nur, kommt, mit jedem Bisse  
Kann sie euer Gaumen schmecken.

Não quizeramos atraiçoar esses versos do grande poeta, mas é forçoso para quem não os



compreenda dar o longinquo fulgor da prosaica  
versão que ahi vae:

Destemidos que sois, agora vinde,  
Todos juntos, fartaes-vos no banquetè  
Pois que não cedo ás vossas ameaças  
Nem a falsas promessas eu me curvo.  
Vede, aqui estou eu, eis-me prisioneiro  
Qual o sou, todavia não vencido;  
Vinde pois, reparti esses despojos,  
Essa, que devoraes, agora minha,  
Carne, é de vossos paes, de vossa tribu,  
Que me serviu outr'ora de repasto.

Desvalorizei a moeda e dei alchime por ouro.  
Mas nem tudo que luz é latão.

O outro *lied*, cantiga de amores, tambem se  
inspirou em novo trecho de Montaigne, no mesmo  
lugar das suas obras:

Outre celuy (traict) que jè vien de reciter de l'une  
des chansons guerrieres, j'en ai une autre amoureuse, qui  
comence en ce sens:

“Couleuvre, arreste-toy, arreste-toy couleuvre, afin  
que ma sœur tire sur le patron de ta peinture, la façon  
et l'ouvrage d'un riche cordon que je puisse donner à  
m'amie: ainsi soit en tout temps ta beauté et ta disposition  
preferée à tous les autres serpens.”



O cantor selvagem refere-se á cobra de coral de formosas e variegadas côres.

Goethe compoz duas versões desse thema; a primeira mais literal

Schlange warte, warte. . .

á segunda de maior espontaneidade e sem duvida de tom mais popular.

Schlange, halte stille!  
Halte stille, Schlange!  
Meine Schwester will von dir ab  
Sich ei Muster nehmen;  
Sie will eine Schnur mir flechten  
Reich und bunt wie du bist,  
Dass ich sie der Liebsten schenke.  
Trägt sie die, so wirst du  
Immerfort vor allen Schlangen  
Herrlich schon gepriesen.

E' inutil traduzir os versos de Goethe pois que reproduzem literalmente as palavras de Montaigne.

Saturado de leituras de Thevet, de Lery, de Gomara e de Benzoni, constituiu-se Montaigne advogado e defensor dos Cannibae, "*ces peuples-*



*enfants*” em quem elle encontrava menos selvageria que nos seus contemporaneos da Europa.

Foi Montaigne um precursor de Rousseau na admiração do “homem da natureza” e deve ser considerado como João Jácques e Tolstoi os verdadeiros paes e fautores das revoluções progressivas do bolchevismo que, todas, tendem a destruição das convenções, dos artificios, da historia e da civilização.



# DU GUAY TROUIN E UM AVÔ DE BOCAGE

---

---

**P**OUCA gente conhece o officio de intimação que  
Du Guay Trouin, ao tomar de assalto o Rio  
de Janeiro, fez chegar ao governador da cidade.

Eil-o aqui no seu texto authenticico:

“Monsieur,

Le Roi mon maitre voulant tirer raison de la cruauté exercée envers ses officiers et ses troupes que vous fites prisonniers l'année passée, et Sa Majesté étant informée qu'après avoir fait massacrer les chirugiens, auxquels vous aviez permis de descendre à terre pour panser les blessés, vous avez encore laissé perir de faim et de misère ce qui restait de ses soldats, les retenant en captivité contre le cartel d'échange passé entre les deux couronnes de France et du Portugal. Elle m'a ordonné d'employer ses vaisseaux et ses troupes pour vous contraindre à vous remettre à sa discrétion, à me rendre tous les prisonniers français, et à faire payer à tous les habitants de cette colonie une contribution suffisante pour les punir de leur inhumanité, et de dedommager Sa Majesté de la dépense d'un armement aussi considérable.



“Je n’ai point voulu vous sommer de vous rendre que je ne me sois vu en état de vous forcer, et de réduire votre ville et votre pays en cendres, si vous ne vous rendez à la discrétion du Roi, qui m’a commandé d’épargner ceux qui se soumettront de bonne grâce, et qui se repentiront de l’avoir offensé dans la personne de ses officiers et de ses troupes. Cependant j’apprends que l’on a fait assassiner M. Du Clerc, qui les commandait; je n’ai point encore voulu user de représailles sur les Portugais qui sont tombés en mon pouvoir, l’intention de Sa Majesté n’étant pas de faire la guerre d’une manière indigne d’un roi très chrétien; je veux croire même que vous avez trop d’honneur pour avoir participé à ce honteux massacre. Mais ce n’est pas assez. Elle veut que vous m’en nommiez les auteurs, pour en faire un châtement exemplaire. En sorte que si vous différez d’obéir à sa volonté, tous vos canons, vos barricades et votre nombreuse multitude n’empêcheront pas que je n’exécute ses ordres, et que je ne porte le fer et le feu dans toute l’étendue de ce pays. J’attends votre réponse; faites-la moi prompte et décisive, autrement vous connaîtrez que si jusqu’ici je vous ai épargné, c’était pour m’épargner à moi-même l’horreur d’envelopper les innocents avec les coupables. Je suis, *et coetera.*”

Ainda está para ser escripta com serena imparcialidade a pagina da nossa historia em que foi o Rio de Janeiro surprehendido pelo famoso *raid* de Du Guay Trouin.

Não era bem de surpresa o sentimento que despertara o impeto do ousado flibusteiro.



Não sei que tremor vulcanico convulsionava então as terras de beira-mar da colonia. Rompiam motins na Bahia, e Pernambuco ardia com a guerra sangrenta dos mascates.

Sabia-se alguma coisa dessa premeditada vingança contra os assassinos mysteriosos de Du Clerc. Tudo se podia esperar do odio politico e da vaidade do Rei-Sol, quando começava a fulgir a estrella de Villars. Os ingleses que tanto haviam soffrido mandaram aviso a Lisboa.

A investida anterior, de Du Clerc, tinha sido um desastre e deixara no Brasil uns seiscentos prisioneiros, entregues quasi sem lucta por inepcia do seu capitão.

A cidade esperava que a mesma tactica de inacção se repetiria com Du Guay Trouin, e que a inercia bastaria para vencel-o.

Du Guay Trouin, porem, tinha longa experiencia da guerra e junctava á ousadia de acção a astuta rapidez dos golpes.

Ao sair da Europa conseguira enganar os ingleses frustrando o bloqueio de Brest; já na altura da Bahia quis investir a cidade não o fa-



zendo por escassez de viveres; e chegando ao Rio logo varou o porto sob o fogo das fortalezas e immobilizou a frota portuguesa em poucas horas posta fora de combate.

Du Guy Trouin escreveu um livro curioso, a — *Vie de monsieur Du Guay Trouin écrite de sa main* — que teve varias edições, em espanhol, de Madrid, 1711, no original francez, de Paris 1712, e outras.

São todas essas edições, antigas e novas, um pouco defeituosas, porque o manuscrito existia em imperfeitas copias e era preciso collacional-as. Só agora foi publicada a edição definitiva aproveitadas as edições varias, e esse trabalho devemos a Henri Malot, na impressão actual, de 1922.

Da vida tempestuosa e acidentada de Du Guay Trouin o que mais nos importa é a relação da empresa de 1711 contra a cidade do Rio de Janeiro.

A entrada não foi disfarçada sob o nevoeiro nem tão facil quanto se podia deprehender dos nossos livros de historia. Sob o fogo da prodigiosa artilharia das fortalezas e dos navios de guerra portuguezes que se collocaram de través para impedir a entrada dos franceses, teve Du Guay Trouin trezentos homens fora de combate.

Estava sempre na vanguarda o bravo cavalleiro de Goyon que, logo occupou á viva força a ilha das Cobras.

Nas versões internacionaes essa ilha figura com apellidos deturpados. No tempo da questão religiosa lá esteve preso o bispo do Pará e o mundo catholico se consternava ao saber que o alto dignitario da Egreja por maior martyrio estava recluso na terrivel — *Ile des Serpents*.

Du Guay Trouin commetteu outra deturpação do nome. Naturalmente leu em alguma carta maritima — *ilha das Cabras* — erro typographico de pequena monta.

Assim é que elle sempre fala da — *île des chèvres* (enfim, *de bestiis non disputandum*).

Da ilha das Cobras passaram todas as tropas a terra firme; o resto é mais ou menos sabido, o bombardeio á noite, a trovoada que ainda augmentou o tumulto, lançou o panico nos habitantes da cidade que, todos, abandonaram, levando o que podiam.

O terror contagiou a tropa que se recolheu para as montanhas e florestas distantes. Du Guay Trouin ficou inteiro senhor da cidade.

---



Antes desse golpe decisivo conta Du Guay Trouin a historia do estratagemma e insidia preparada contra os franceses por um Du Bocage natural da Normandia que se fizera naturalizar portuguez e no momento, commandava um dos navios portuguezes que elle proprio fizera saltar aos ares, na desesperança de o conservar.

E' curiosa a aventura do marinheiro.

Este Du Bocage, em terra, passou a guardar as baterias do São Bento, e, disfarçado em marujo francês (e na verdade bem o era) deixou-se encarcerar como suspeito de mistura com algumas sentinellas avançadas de Du Guay Trouin e dessas conseguiu obter informações sobre a situação real dos assaltantes.

Como o pecego "tornado melhor em terra alheia", Du Bocage, enjambrando umas calças de matalote e tesourando as suizas, lograva o intento de seu insidioso proposito.

O resultado do estratagemma foi o infeliz assalto dos portuguezes contra as forças do cavalleiro de Goyon, postadas numa das collinas. A arremetida degenerou em revés.

Para precipitar, de um lance a aventura, Du Guay Trouin, por um tambor fez chegar ao go-



vernador, Castro Moraes, a carta em que o intimava a render-se.

O governador, como é sabido adjurou que defenderia a cidade "até a ultima gota de sangue"; fanfarrice que acabou na mais ingloria fuga.

A philosophia do governador era que a cidade melhor entendida era a propria pelle, e, assim, mettendo-se pelos mangues dentro foi parar á Iguaçu.

A justiça manda dizer que a resistencia já então sendo impossivel; sem frota, sem artilheria toda ella em poder do inimigo que se apossara de todas as baterias e fortalezas, a guerra seria um sanguinolento e vão sacrificio que se havia de ajuntar á terrivel pilhagem já consumada nas casas e nas egrejas.

Du Guay Trouin fez o possivel para evitar o saque da soldadesca; adoptou, porém, um methodo novo e pratico; conseguiu um pouco tarde armazenar os bens dos habitantes a quem os entregou mediante resgate. Era apenas questão de *preço honesto* como se diz nos restaurants da Italia e S. Paulo. Couro e cabelo.

Depois de chegar á França foi cortejar o Rei que o premiou com a "cornette", isto é, o pavilhão de chefe de esquadra.



A edição da biographia de Du Guay Trouin foi agora publicada, não sem alguma emphase, na — “Collection des Chefs-d’oeuvre méconnus”. — Não é certamente obra prima, mas é um documento valioso da historia.

---

Aquelle Gillet Du Bocage de quem falamos foi o pae de uma Dona Mariana du Bocage, mãe do famoso poeta de Arcadia portuguesa.

O avô de Elmano que figura na frota do Maquinez originava-se de uma familia de Rouen e cercanias da qual nasceram varios poetas francezes de alguma notoriedade. Uma mulher desta familia Mme. du Bocage foi a autora do poema — *Colombiade* — que o poeta tentou verter para a nossa lingua. Outro membro da familia, Fiquet du Bocage, foi traductor de coisas inglesas. Elmano, por sua vez, foi traductor insigne.

Parece que as musas melhor que Marte sorriram á boa fortuna dos Bocages.



## A POESIA JAPONÊSA

**Q**UE é a poesia japonêsa ?

E' uma coisa aerea e fragil como uma teia de aranha.

Não sei se existe maior subtileza que a dessa literatura quasi sem palavras. A concisão chegou alli ao extremo limite.

A palavra balbucia, diz pouco e diz tudo para quem quer adivinhal-a no tremor dos labios.

O — “New age” — de Londres publicou uma pequena anthologia de versos nipponicos, e o seu compilador confessa que toda a poesia japonêsa se funda em pura suggestão: é uma poesia de subtilezas, de ambiguidades, de matizes e de “nuanças”. Se um poema diz tudo, com certeza não é japonês (“if a poem says all... then is not japo-nese”).

Assim, a regra é não só dizer pouco, mas dizer menos, na arte poetica do extremo-oriente.



São realmente os nossos antipodas, de pés e de espirito.

Eis o meu difficil entretenimento de hoje.

---

O que vou tentar aqui neste momento é já uma dessas dynamizações que sublimam e transcendem a proverbial traição dos traductores.

O texto inglez de que me sirvo é já talvez um exemplo de infidelidade em segundo gráo. As poesias japonêsas foram traduzidas literalmente, "ipsis literis", por um conhecedor das coisas nipponicas, Mr. Marriot Watson. Este fiel trugimão, fiando muito pouco de si proprio, entregou o texto literal a um habil versificador — Mr. Clifford Bax.

Senti os riscos e perigos de uma nova e terceira trasladação em prosa portuguesa, tratando-se de versos tão aereos e fugitivos.

Uma das especies poeticas japonêsas mais comuns e mais apreciadas é a do poema em tres versos apenas: o primeiro e o terceiro de cinco syllabas, o segundo de sete.



Eis um exemplo que se deve ler, já se compre-  
hendo, com a prosodia inglêsa:

*Furu ike ya  
Kawasu tobi Komu  
Misu no oto.*

Estes versos indicam apenas uma imagem in-  
fantil, uma pintura em xarão, e dizem isto:

Um velho charco...  
Uma rã pula  
Na profundeza da agua.

Essa pequenina nota descriptiva faria rir num  
poeta do occidente; mas toda arte japonêsa está  
nessa extrema simplificação.

Do mesmo modo é a pintura dos japões. Uma  
linha apenas marca o horizonte. Acima desta ha  
talvez o disco da lua e abaixo, o zig-zaguear do  
reflexo.

Equivale ao trimetro da poesia chamada de  
Hokku, nome de um poeta genial do Japão.

A tartaruga recolhendo a cabeça  
Que não vê, nada ouve  
É nem cobiça coisa alguma no mundo lá fóra,  
Vive todavia dez mil annos.



ou no inglez de Mr. Bax

*The tortoise, holding back his head,  
Who neither sees nor hears  
Nor covets aught within the world outside  
Lives for ten thousand years.*

Tem um sentido gnomico e sentencioso como est'outros do mesmo poeta:

Aguas do monte que ides ansiosas para o mar  
Soffrei mais um pouco as sombras do arvoredo...

Soffrer as sombras da jornada é um sabio conselho para todos que caminham e realizam a sua finalidade inevitavel.

*The waters of the mountain that shall  
mingle with the Sea's  
Must for a little while endure  
the shadows of the trees.*

Têm o mesmo teor de brocardos, rifões ou adagios outras composições que poderiam incluir-se no genero epigrammatico da poesia hellenica antiga.

Tal é ainda o epigramma (chamemos assim) de um antigo Daimio, cujos trabalhos e dissabo-



res occultos contrastavam com a apparencia-tranquilla do homem de estado.

Diz assim:

Os cysnes deslisam n'agua docemente,  
Ninguem lhes vê o menor esforço,  
Mas o esforço lá está sob as aguas...  
Eu sou como o cysne.

Aqui, eu permitti-me dizer cysne onde estaria talvez a "marreca" (moorhen). E' uma pequena traição de que me penitencio; as marrecas não teem entre nós muita poesia. Talvez a jassanã fizesse melhor figura; mas o indianismo passou.

*The moor-hens on the water  
Seem without any labor flot by  
Their travail is beneath the placid water.  
Like the moor-hens am I.*

Tambem é uma peça gnomica este disfarçado elogio á velhice symbolizado nas bellezas variegadas do outomno:

Na primavera de folhas entrefechadas  
As plantas todas são verdes.  
Só mais tarde o outomno revela  
A irização das flores que ellas tinham.



No texto inglês:

*In spring before the leaves uncloze  
All the young plants are green.  
It is the later autumn shows  
How multi-colored were the flowers within.*

Acredito que reduzidos a rima e a metro esses versos poderiam ser tidos a conta de formosos pelo conceito, quando não o fossem pelas exterioridades da forma.

Parece-me agora que os ultimos versos de Ronald de Carvalho realizam brilhantemente esse conceito.

Essa poesia microscopica ainda conserva as mesmas dimensões, como já o vimos na paisagem.

Olha, através da campina  
Os bois lá vão  
Pronos, quietos, vagarosos,  
Sob as rajadas da chuva estival.

Eis uma bucolica graciosa quasi sem palavras. Busquei traduzil-a fielmente da versão inglesa:

*See, how across the plain  
The oxen go  
Unheeding, imperturbable, slow  
Through the sharp summer rain.*



A saudade e o amor são outras notas universaes que não podiam ser extranhas á poesia nipponica. Apenas estão reduzidas a pequeninas fagulhas e a estímulos quasi infinitesimae, como sempre, sem amplificações e sem prolixidade.

Queremos ainda ajuntar alguns exemplos característicos:

Na aldeia, onde passei a minha infancia,  
Que rostos novos! que diversa gente!  
Porém nas flores a minha alma sente  
Que existe ainda a pristina fragancia.

Sairam quasi versos sem que eu o quisesse. Diz o original inglês:

*The strange are all the faces here  
In the old village where I spent my prime.  
Still have the flowers at least  
The perfume of the time.*

Tambem aqui transcrevo em meios-versos ou perversos, as lindas linhas seguintes:

Que namoro que ellas fazem,  
Sem menor vontade sua,  
A Lua espelhando as aguas,  
E a Agua espelhando a Lua!



que mais ou menos correspondem aos versos da traducção inglêsa:

*What loveliness they make  
Unlaboring, unaware,  
The water-mirrored moon,  
The moon-reflecting lake!*

Cruzando o Mar-Amarello vamos encontrar na China os primeiros mestres dos japões. Os chins são muito mais philosophos ou mais cynicos; sua poesia é sob muitos aspectos, menos delicada e suave que a dos nippões, embora conserve o sabor classico, multiseccular da sua antiquissima cultura.

Os chins não fiam muito da ingenuidade e da boa fé dos homens e, por isso mesmo, preferem o escarneo e a ironia. Eis um pequenino poema de um dos seus poetas racionalistas Su-Shi, de ha dez seculos:

*No nascimento de um filho.*

Mais um filho. O pae sorri;  
"Seja um talento!" — Bem sei,  
Com talentos eu vivi,  
Toda a vida naufraguei.



Não, filho! Burro serás,  
Bem cheio de estupidez,  
Pois com isso acabarás  
Feito ministro chinês.

E' mais ou menos o que diz o interprete britânico:

*Families when a child is borne  
Hope it will turn out intelligent.  
I, through intelligence  
Having wrecked my whole life  
Only hope that the baby will prove  
Ignorant and stupid.  
Then he'll be happy all his days  
And grow into a Cabinet Minister.*

Pode algum critico pichoso advertir que de um empregado do ministerio fiz logo um ministro.

Mas, é preciso convir que isso se passou na China ha mil annos, e com equal pé de lá para cá andou o progresso equalitario.

Accresce ainda que estamos na America onde a emphase é constitucional e organica. Esta circumstancia faz-me ainda uma vez lembrar o caso de um viajante que andava por uma das nossas republicas e notava que o seu "cicerone" cumpri-



mentava a todos que passavam com a saudação amavel:

— “Señor presidente” !

— E este homem é presidente ? perguntava o turista.

— “No lo es todavia (dizia o camarada) pero acaso ha sido, ó lo salga mañana.”

Lá no extremo oeste, os salamaleks, as characinas são religiosamente observados; e toda a precaução é pouca nesta delicada materia.

Vá ministro por uma vez; eis uma justa promoção com mil annos de estagio.



## A QUESTÃO DA RAÇA ARIANA

---

**T**ODOS nós temos o justo orgulho de pertencer á mais nobre stirpe do genero humano.

A raça mais culta e progressiva, a unica que realizou a hegemonia moral e material do planeta, fez circular nos povos cultos a riqueza do sangue e a audacia de infinitas possibilidades.

Cabem-nos, de direito e de facto, algumas gotas desse sangue generoso.

Arianos e semitas foram os povos que fundaram as grandes civilizações antigas e modernas; foi, porém, principalmente essa a raça que domou as forças da natureza e as afeiçãoou aos altos destinos da vida.

D'ahi o interesse que sempre despertou a questão de origens.

Na antiguidade classica, os homens julgavam-se autochtones ou aborigines. O solo da patria bastava-lhes como genealogia extrema da raça.



Nos dois ultimos seculos, o proprio mixto das gentes modernas e antigas suscitou a questão de origens, desde o momento em que o estudo comparativo das linguas suscitou a theoria do arianismo.

Eis a soluçãõ achada: Arianos sãõ na Asia os persas e os hindús, na Europa os gregos, latinos, celtas, slavos e germanos.

E como os gregos foram os primeiros arianos de mais alta cultura e se consideravam discipulos da sabedoria oriental, desde logo se suppoz que os primitivos arias vieram do extremo oriente (extremo, no sentido da expansãõ da raça).

O estudo do sanskrito e das antigas linguas sagradas do Indostãõ e das linguas persicas parecia confirmar essa hypothese, pela affinidade que apresentam.

Creou-se, entãõ, o typo conjectural de um povo aria, primitivo, de simples costumes pastoris, nomade, que vivia provavelmente nas campinas da Asia Central, longe do mar. O vocabulario das linguas arianas, desfeitas as differençações, dava um residuo de palavras e idéas que podiam reconstituir a civilizaçãõ originaria.

Esse povo pastoril diffundiou-se para o occiden-



te, occupou toda a Europa (o que hoje e agora parece incrível pela escassez natural do seu núcleo), e veiu expirar no Mediterraneo e no Atlantico.

Falou-se com razão das linguas indo-europeas ou indo-germanicas, segundo a unidade linguistica de quasi todos os idiomas europeus.

---

A seducção dessa hypothese não podia encobrir falhas essenciaes que logo se descobriram.

A maior de todas é que da unidade das linguas não é possivel concluir a unidade das raças, necessariamente.

A' propria migração para o occidente oppunham-se factos de evidencia na proto-historia dos povos europeus.

A verdade é que a solução achada pela linguistica era demasiado incompleta. Outras sciencias, igualmente novas, não se tinham feito ouvir: a geologia, a prehistoria, a anthropologia...

Foram, na Europa, achados vestigios do homem primitivo que vivia em condições climaticas diversas das de hoje. Calculou-se, com o auxilio de astrônomos e geólogos que ha vinte mil annos, a França, por exemplo, estava dentro dos limites



inhabitáveis da neve perpetua, e o norte da Europa não passava de um campo de blócos de gelo.

Mas, com o correr do tempo, as estações variam e apparece na Europa Central o homem dolichocephalo. Esse é o typo mais primitivo europeu; expandiu-se ha cerca de quinze mil annos até ás regiões scandinavas: é o homem famoso do Cro-Magnon, o de Aurignac dos anthropologistas, o homem de craneo comprido e alongado.

Só millenios, depois, apparece na Europa o brachycephalo, a raça dos craneos largos e achatados, que se insinua pouco a pouco entre os primeiros e mais antigos europeus. Vieram naturalmente do sul, porque rareiam progressivamente nas suas migrações para o norte.

Nesse tempo não havia germanos nem slavos, nem celtas. As raças precursoras não se tinham differenciado, mas evidentemente foram as condições climaticas, o "habitat", as variações do typo que crearam as suppostas distincções ethnicas hoje conhecidas.

Essas variações ethnicas pela lingua e pelos caracteres physicos pertencem pois a uma origem ancestral commum, porque apparecem, geralmen-



te uniformes com eguaes affinidades na Europa como na Asia.

De onde vieram esses homens ?

Eis a questão. Não podiam vir do norte, onde escasseiam, nem do sul, nem de muito longe. O fóco dessa raça primeva é o centro da Europa donde ella se diffunde em percentagens menos densas quanto mais distam do fóco numeroso e principal.

---

Assim, pois, a hypothese da origem oriental esbarra em fundamentos inverosimeis. Tudo quanto hoje sabemos com certeza ou com a maior probabilidade é que a migração ariana devia fazer-se da Europa para a Asia.

A difficuldade de uma zona de transição entre os povos europeus e os arias da Persia e India, acha-se hoje inteiramente resolvida. Parecia a principio um obstaculo material a presença dos semitas da Asia, intercalados entre o Mediterraneo e o Indico. Mas, hoje as inscrições e os documentos dos "hittitas" provam que estes eram um povo ariano, de raça e lingua ariana. Desta arte, a Asia Menor, que elles habitavam, foi a ponte por onde se escoaram para o oriente.



Assim, a expansão arica de origem européa, realizou-se através dos hittitas, da Asia Menor para o Iran e para a India.

Caem desta arte as famosas hypotheses do berço ariano no centro da Asia ou nas regiões septentrionaes da Europa, conjecturas que durante algum tempo embaraçaram os mais graves pesquisadores.

A solução, bem se comprehende, não podia ser unilateral; dada a complexidade dos factos só o concurso simultaneo de ethnologos, anthropologos e linguistas poderia offerecer os elementos essenciaes para a solução definitiva.

O elemento ariano muito cedo fixou-se na Europa nos mesmos lugares onde “sob falsas apparencias” parecia ter chegado em épocas recentes. Na Italia, que já se tornou conhecida desde o periodo neolithico até a época classica, as migrações gaulesas ao norte as hellenicas ao sul, as proprias populações etruscas no centro são camadas recentes quando já os primeiros arias italicos, os latinos e os umbrios, desde longo tempo, desde a era da pedra polida, occupavam o dorso dos Apenninos e toda a peninsula.

Na Grecia deu-se phenomeno identico. A in-



vasão doria que se considera a mais antiga foi apenas uma mudança de "habitat"; não é uma nova raça. O periodo da chamada cultura myce-naica é de origem estrangeira, mas já encontra a maioria da população puramente hellenica, desde a era da pedra, ali estabelecida.

A maioria celtica na França, é a de todos os tempos historicos, sempre a mesma desde os druidas até hoje, através das vicissitudes historicas.

Estamos, pois, habilitados a dizer que a raça dolicocephala desde o chamado periodo de Aurignac, ao cabo da era glacial, se expandiu do centro para os extremos da Europa, antes das differençações ethnicas secundarias dos povos arianos.

O berço dos arianos é a Europa Central.

Resta, todavia, um mysterio por emquanto indecifavel: é o da origem dessa raça dolicocephalica que desde a era neolithica constitue os primeiros homens europeus.

Os arianos da India como os do Iran, são relativamente populações novas, com os seus companheiros, os Hittitas, mais convizinhos da antiguidade greco-italica.

---



Essas conclusões são as do professor de Stockolm, Oscar Montelius que sabidamente goza de grande autoridade no assumpto.

Vê-se que elle não aceita a antiga origem asiatica, em verdade já muito contestada, nem tão pouco a hypothese de um primitivo nucleo scandinavo que, por algum tempo, entreteve a attenção de alguns sábios.

Pareceu-nos de curiosidade expôr os resultados dessa indagação da proto-historia da humanidade, da mais nobre estirpe que desbravou todos os caminhos da civilização.

Accresce que somos, ou pelo menos, queremos ser e participar dessa prosapia fidalga que vae muito além dos cruzados.



# ACERCA DAS AMAZONAS

---

*Resposta a uma carta em que se propõe  
a questão da existencia das amazonas.*

**M**INHA doce amiga e senhora  
Estava eu todo mettido em tristezas (como sóe acontecer aos que viveram muito) quando recebi a amada cartinha em que me propõe a questão delicada das amazonas num tempo improprio em que se agitam os suavissimos concursos de belleza.

Estive a dizer como Napoleão, entediado da covardia dos bourbons ao referir-se á duqueza de Angoulême:

— Esta senhora é o unico homem da familia!

Pois que! E' por ventura v. exc. insensivel á onda de perfume e de graça que os premios de formosura espalham agora nesse ambiente eleitoral!

Não creio e nem posso crêr. As suas qualidades pessoaes, tão femininas e tão frageis, repugnariam ás torrentes de prosa que nos envenenam de tristes realidades.

Acredito que pensa em desafiar a minha incre-



dulidade levando-me á região do sonho e da fabula, refugio infallivel dos desenganados desta vida.

Quero encommendar-me á sua clemencia, inesgotavel fonte para os sequiosos que se desalteram na graça das suas palavras.

O tempo urge.

Vou mandar-lhe o meu voto.

---

A Belleza é força. Como aspecto do ideal disse Renan que equivalia á Verdade ou á Justiça. E, em regra tão apoucados somos que não vemos mais que uma face desse triedro.

---

Eu por mim creio nas amazonas fingidas ou verdadeiras e crel-o-ia ainda que eu fosse immune do peccado da mentira e ainda que minguassem os testemunhos historicos de toda gente que as viu ou conheceu.

Que as mulheres governaram o mundo é para mim de uma evidencia luminosa e sem par. Ainda hoje, os poetas e outros amanuenses do bello-sexo, sobrevivem a seu serviço.



Eu podia citar chiliades de autores gregos e mais um cento de doutores graves antigos e novos, sacros e profanos, todos concordes na existencia das amazonas.

Nella inspirou-se a arte de Phidias e de Homero.

Se v. exc., que tem viajado muito, visitou um dia o museu de Napoles, lá viu com certeza sobre um escudo, jazente e morta, aos pés o dardo espedaçado, aquella amazona formosissima como a ideara o genio de um esculptor anonymo. De labios entreabertos, a cabeça pendida, o torso ainda offegante, parece dizer as suas ultimas palavras de gloria e de indomavel coragem.

Viu-a, acaso? Pois eu a vi, e nunca mais duvidei.

Não ha idéa que não seja, ou não tenha sido ou não haja de ser a verdade.

E quem ao vel-a não se recordaria daquelle famoso verso petrarquiano do nosso poeta:

*Tanto era bella no seu rosto a morte!*

As amazonas existiram, e o que é mais e melhor, ha uma vontade surda, diffusa e universal,



de voltarem de novo. De vez em quando sentimos os calefrios lampos e temporões da formidável renascença que augura a volta de todas ellas.

Entre esses sinaes apocalypticos (perdoe a confidencia mellosa e ridicula) eu ponho o buço, o admiravel buço de v. exc.

Repito, vou mandar o meu voto no concurso.

Tomyris que metteu num odre de sangue a cabeça de Cyro, Judith a degolar Holophernes, Joanna d'Arco, a forneira de Aljubarrota... e quantas outras! são exemplos de belleza, variavel em todos os calculos humanos.

---

O que nos importa saber é o quinhão que nos cabe no amazonismo.

Temos tambem a sementeira desses viragos se não mentem os velhos chronistas e viajantes.

Feche v. exc. os seus lindos olhos e escute, que não é para vêr, esta pagina.

A America equatorial andou povoada de numerosos seres masculos e fortes, e não é provavel que ficassem extinctos. Anda e corre por ahi muita gota de sangue amazonico a colorir a suave tez das nossas beldades patricias.

O capitão Orellana, espanhol, foi talvez o primeiro que lá as viu, no rio-mar, desenvoltas, varonis, guerreiras e invencíveis. O padre Acuña confirma essa informação e diz que “seria faltar á la fé humana el no darle crédito”.

Nas suas guerras, os índios por vezes exterminavam os homens dos seus inimigos e apreciavam as mulheres... se podiam. Onde a resistencia dellas fosse victoriosa, lá nasciam de um eito o heroismo conjugal e as amazonas.

Todas as relações antigas de testemunhos directos, do padre Barazi, de W. Raleigh, Samuel Fritz, de U. Schmidel, Schomburg, attestam a verdade das tribus bellicosas de amazonas.

Quer v. exc. maior depoimento que o de tantos frades bentos e franciscos, de tantos viajantes circumspectos e santos?

Eis aqui um do antigo governador geral de Venezuela Dom Diego Portales e Meneses, capitão general e homem temente a Deus e ao seu rei.

E' elle quem affirma, faz dois seculos, que lá para o sul de suas terras vivem essas mulheres, sem commercio de homens. Eram ellas pacifistas e anthropophagas, por intervallos. Eram anthro-



pophagas quando atraíam alguns homens por breve tempo para certos misteres obscuros da eternidade da prole. E eram pacifistas, porque um anno depois exterminavam ao nascer os filhos varões.

Se algum dia se implantar essa republica entre nós, peço a v. exc. a sua intervenção em favor dos meus cabellos brancos que serão cada vez mais numerosos e attenuantes da minha já desgraçada condição.

---

Eu creio pia e fervorosamente no reinado futuro das mulheres, quando ellas tomarem a mão para falar e desferrar-se do longo captiveiro.

Mas vejo, isso será só possível á moda amazonica, com o exterminio das hostes viris. E talvez por isso, impera a moda dos glabros, "camouflage" contra o amazonismo imminente.

Ignoro ao escrever estas linhas o interesse que parece haver da parte de v. exc. acerca das amazonas. Se quizer certificar-se do que ousou dizer e da antiguidade do problema, leia Homero, cégo bastante para ser insuspeito. Conta-nos o poeta que Penthesilea veio para defender Troya e morreu nos braços de Achilles. (Homero de cumpli-



cidade com os deuses dá sempre os melhores bocados ao seu heroe favorito).

Herodoto narra que os hellenos venceram uma tribu de amazonas; mas embarcando-as, as prisioneiras á noite os mataram a todos e os lançaram ao mar.

Era uma lei entre ellas que nenhuma podia casar sem primeiro matar um homem. E todas casaram...

Espero que v. exc. guardará prudente segredo a respeito dessa erudição. Estou mesmo inclinado a dizer, como aquelle frade que pintando com eloquencia as torturas da paixão de Jesus Christo excitou largo pranto dos fieis que o ouviam: — Não chorem, disse o frade sensibilizado, não chorem, meus filhos, talvez nada disto seja verdade!

Diodoro Siculo, Eneas Silvio que foi papa, e o nosso classico João dos Santos que perlustrou a Ethiopia deixando exemplos do que “se deve dizer” contam historias e maravilhas extraordinarias das amazonas scythicas, hungaras, asiaticas e africanas.

Se a essa extensão terraqueea juntarmos a America não ha mundo que chegue para refugio dos peludos incréos.

---



Os insectos (que, entre os animaes, alcançaram sabedoria superior a dos homens e quasi divina) os insectos tambem possuem o amazonismo em seus admiraveis gregarios.

Sem retrincar as palavras nem descobrir malicia, as abelhas são amazonas laboriosas e, é sabido dos camponios como dos naturalistas, em certos dias do anno se ajuntam furiosas e fazem o morticinio de todos os machos.

Eu espero que a suavissima tribu a que v. exc. pertence continuará a fabricar o mel sem aquella temerosa carnificina.

---

Eis o que me occorreu dizer, senhora e amiga, acerca do thema que me propôs. Deixo nas entrelinhas alguma coisa que a minha modestia e obediencia não permitem declarar.

Se algum dia estivermos juntos direi, de viva voz, o que não poude dizer a penna tão separada e tão fóra de mão da minha alma.

Não falarei como no Hamlet em tom bellicoso de vingança.

I will speak daggers to her...

A questão é de palavras, e, ao cabo todas as mulheres são amazonas victoriosas, e dou por exemplo v. exc. a quem peço ordenar e ser servida.

N. B. — Incluso encontrará o meu voto a que dará o endereço conveniente. — *J. R.*





## PERDA IRREPARAVEL

---

---

**N**ão conhecemos expressão alguma na nossa phraseologia idiomática que corresponda ao classico — *sub rosa dictum* — dos romanos.

Vem ao nosso intento explicar o sentido mysterioso e symbolico dessa expressão latina. A *rosa* teve consagrações varias, mas a que nos importa conhecer agora é a de que a flor de Venus foi o symbolo do segredo e da taciturnidade.

Cupido offereceu uma rosa a Harpocrates, deus do silencio. As rosas, o amor e o segredo andam sempre juntos nos mythos e na realidade. Era costume dos romanos nas salas de seus banquetes e jantares fazer pender do tecto sobre a mesa uma *rosa symbolica*, como advertencia aos convivas naturalmente joviaes e indiscretos. Era o signal de que tudo quanto alli se dizia — *sub rosa dictum* — não devia passar alem das quatro paredes.

A rosa era, pois, o symbolo da discreção, do se-



greto e do silencio, como o diz aquella phrase proverbial. E quanto acabamos de dizer, do mytho de Harpocrates e da usança dos festins, está resumido nos quatro versos de uma inscripção antiga:

Est rosa flos Veneris, cujus ut furta laterent,  
Harpocrati matris dona dicavit Amor.  
Inde *rosam* mensis hospes *suspendit* amicis.  
Convivæ ut *sub eâ dicta tacenda sciant*.

Era essencial que Venus ignorasse as volupias secretas do filho.

O symbolo da rosa passou aos povos modernos, sob mil formas varias. A propria egreja adoptou-o e foi um papa, Adriano VI, quem autorizou que fosse esculpida na cadeira confessional uma rosa, para significar o segredo absoluto da confissão.

Em muitos claustros antigos, diz Herman Schrader, a construcção de cylindros oucos ou sulcos entre as cellas, fazia com que se ouvissem todas as palavras pronunciadas em todos os recantos. Os monges, se não queriam ser ouvidos, collocavam-se no meio do aposento, sob a rosa architectonica que fechava no tecto os arcos que divi-



diam as cellas. *Sub rosa dictum*, o discurso era um murmúrio apenas.

Allemaães e ingleses conservam a expressão e os franceses antigos também a tinham disfarçada na phrase — *découvrir le pot aux roses* — (que Quitard explica:

“*c'est-à-dire, découvrir les choses qu'on veut cachées*”. (2)

Assim, pois, temos já elementos bastantes para identificar essa synonymia, e metaphora das rosas e do silencio ou segredo.

Ora, em portuguez, ha um vocabulo cuja etymologia anda obscura e entregue a hypotheses, mais ou menos aceitaveis. E' *rosnar*, que se applica a vozes confusas de alguns animaes e todavia se entende também de murmurações e *cochichos* (como lhes chamamos) de coisas que se dizem a meia voz, imprecisas e em tom de segredo.

*Rosnar* pode ser applicado por uma fórmula conjectural *rosinare*, derivado de *rosa*. As demais

---

(2) Quitard — *Dict. des proverbes*, 609. Nelle como em Schrader estão os versos latinos citados; neste ultimo a variante *dos por flos*. Cf. J. Ingram — *Language of Flowres*, 23-48. Kleinjau — *Sprache ohne Worte*, 29, dá a explicação segundo o sentido metaphorico de *rhodon*, que implica analogo significado de pudor e segredo ~~feminino~~.

conjecturas *roncear* ou *rudinare*, *hypothetica* de *rudere*, não apresentam melhor feitio nem mais segura probabilidade.

Se aquella etymologia, phantasiosa, pudesse ser mais largamente comprovada e verificada, seria por egual o unico vestigio do pensamento e da expressão — *sub rosa* — que não vingou na Lusitania nem na literatura portugueza.

Os phonetistas apertados nas suas malhas, com os seus guizos sonoros, ficariam surdos a esse flebil gemido.

Emfim, a sciencia é delles e podem rosnar á vontade.



# CONTOS DE ÍNDIOS

---

Ondianer Maerchen de Kock Grünberg.

Os nossos folkloristas prestam atenção natural às historias de origem européa que a civilização dos conquistadores diffundi na tradição americana.

As populações mestiças e mesmo as gentes indianas que estiveram em maior contacto com os brancos receberam, em verdade, um largo quinhão da literatura popular do occidente.

Os africanos, por sua vez, elevaram e complicaram com elementos novos e mesmo antigos, o velho nivel das tradições recebidas.

Mas, essa complexidade ainda se augmenta com a caudal das historias indianas e selvagens que persistentemente vivedouras vão pouco a pouco penetrando nas camadas invasoras dos pioneiros do deserto.

Ha uma terrivel perplexidade de origens nos problemas de ethnologia que estão a desafiar a paciencia dos pesquisadores desse ramo da erudição.



O trabalho provisorio que desde já se impõe é o da concentração de todos os esforços realizados no sentido de uma synthese final.

E' possivel acreditar que a influencia do indio (que é moda desdenhar ou ter em pequena conta) venha a ter penetração lenta, mas segura, quando o povoamento connectivo dos intersticios vasio e desertos vier coordenar todas as nossas terras num todo ethnico e espiritual, mais inteiriço e definido.

Até lá, seria coisa util averiguar o teor das tribus esparsas que se vão assimilando á cultura nacional.

São essas averiguações estudos minimos, quasi infinitesimales, que escapam á percepção dos homens praticos.

São minudencias subtis.

— Para quê?

E' a pergunta dos materialistas da sciencia, que vêm em tudo isso um gongorismo abominavel.

Mas, ninguem póde limitar a observação nem traçar as raias da curiosidade intellectual.

O sr. Theodoro Koch-Grünberg é um ethnographo que gastou muitos annos a se embrenhar nas florestas e a visitar as terras impervias do



Brasil. Conviveu com os índios, estudou-lhes os costumes, a lingua e a sua literatura ingenua de tradições e crendices.

Do enorme e precioso material adquirido em suas viagens de investigações já resultaram varios livros até agora publicados: "Dois annos entre os Índios" (1903-1905) que encerra a narrativa de suas jornadas pelo noroeste do Brasil; mais dois trabalhos de pesquisas acerca das inscripções gravadas nos rochedos, desenhos indianos e a historia da arte selvagem nos seus primordios na floresta virgem.

Outra das suas obras mais curiosas é a collecção de contos dos índios sul-americanos, entre os quaes o Brasil occupa o mais largo quinhão.

Tinhamos valiosos trabalhos parciaes no assumpto. Para só mencionar o que se fez, entre nós, e foi citado e aproveitado pelo proprio investigador allemão, estão as contribuições de Capistrano de Abreu, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Telemaco Borba e Feliciano de Oliveira. Estrangeiros illustres avolumam esse thesouro: o saudoso Hartt, o proprio Grönberg, von den Stein, Ehrenreich; podem entrar nesta conta por affinidade os que mais particularmente estudaram



a vida dos indigenas da Bolivia e das Guianas: Carus, van Collen, Walter Roth, Brett...

Era já tempo de formar uma collecção “sul-americana”, sem o preconceito das fronteiras politicas que não são as mesmas da região ethnographica commum.

E foi o que fez Theodoro Grünberg na sua preciosa collectanea — “*Indianer Märchen aus Sud Amerika*”.

O livro é admiravelmente bem feito, e “apresentado”, como se diz em linguagem de livreiro, de modo elegantissimo. Está ornado de variâs photographias originaes, além de curiosissimos fac-similes de desenhos da mão dos proprios indios que traduzem o sentimento de naturalidade e de observação de sua arte ingenua e primitiva.

O pesquisador narra-nos as fadigas que custa uma selecção desta ordem. Entre os contos de indios já penetrou um certo numero de tradições européas, que convem excluir, e não poucas vezes a obra original indiana é adulterada pelas tendencias pessoaes, ou romanticas, dos collectores. Os missionarios, em geral, acolhem mal essas historias de gentios e os seus pupillos se furtam a relata-las integral e fielmente.



A região ethnographica, sob tal aspecto da mythologia, melhor e mais seguramente conhecida é a das Guianas, pelo fortuito concurso de varios ethnologos.

---

Um dos contos mais importantes desta collecção é sem duvida o da — Visita ao Céu — feita por um heróe indiano.

Essa historia teve diffusão vastissima. Encontra-se no Chile, no extremo noroeste e na America do Norte. Ainda mais; Ehrenreich mostrou que o prototypo deste conto é o velho mytho japonês de "Ohonamuxi". Sua migração pelo Pacifico e pelo dorso de toda a America deve ter levado talvez millenios, se acaso essa identidade não é fallaciosa ou fortuita.

Certamente os leitores conhecem o conto ariano da — Festa no céu —, desde as fabulas de Esopo, em que figura a tartaruga, o sapo, ou o jaboti e a aguia ou o urubú.

E' uma historia popular ariana que se acclimou entre os mestiços em contacto com os europeus.



A — “Visita ao Céu” — dos índios americanos é um mytho de outra ordem e inteiramente diverso, pois que atraíçoa o “totem” de algumas tribus que se dizem descender dos urubús.

Os urubús, altos, formam quasi uma stirpe celeste.

A historia é um pouco longa para ser aqui relatada. Na versão colhida por K. Grünberg, o começo da narrativa é a luta de exterminio entre duas tribus, os Cuyalacoques e os Palaviyangues. Estes ultimos foram terrivel e ferozmente atacados, suas aldeias e cabanas queimadas, e, á luz do incendio foram mortos todos os fugitivos.

Um só indio conseguiu escapar, jazendo resupino, todo cheio de sangue e passando por morto.

Os vencedores retiraram-se após a eversão de toda a tribu. Então aquelle ultimo sobrevivente saiu para longe, lavou-se do sangue, comeu e refez-se, mas não pode supportar por muito tempo a ausencia da tribu, e voltou para a sua taba incendiada e extincta, para ao pé dos cadaveres dos paes e companheiros.

Os abutres voejavam, então sobre os despojos da tribu, e sobre o corpo do indio sobrevivente pousou uma dessas aves que o heróe solitario pou-



de capturar de surpresa. Era a filha do *Urubú-rei*.

Aprisionou-a, fel-a sua mulher e companheira e assim viveram algum tempo. Ella, porém, um dia, teve saudade da tribo e do seu palacio perto do céu.

Foi desta arte que Maitchaule (era o nome do indio) conseguiu com uma roupa de pennas, preparada pela esposa, viajar até o céu.

Este incidente lembra vagamente a perfidia de Dalila, e tanto melhor quanto na côrte do Rei dos Urubús o esperavam os formidaveis trabalhos de Hercules.

Sob ameaça de morte, teve que esgotar um lago, construir uma casa; sempre ajudado de demiurgos protectores, as "yaras", virgens d'agua, as formigas, etc.

Passou assim muito tempo.

Afinal, um rouxinol da floresta, o passaro "Murumuruta" o reconduz á terra, fal-o descer aos lares vasios de sua tribo, aos seus parentes vizinhos, que, admirados, perguntavam:

— Onde estiveste tanto tempo?

— Estive no céu, na casa do rei dos Urubús.

E então o indio repatriado dedicou-se a uma lavoura nova desconhecida das tribus. O heróe



havia trazido do céu um grão de milho, o cereal celeste. E pela primeira vez na terra ondearam ao vento os pendões floridos do milharal.

---

O conto desse demiurgo indiano não tem correspondente na literatura popular dos povos modernos.

E' uma historia "etiologica" que explica o "totem" da tribo e a origem do milho na lavoura dos indios daquela região extrema. ..

Conheço outras historias de indios que não figuram nem por afinidade nem por longinquo parallelismo na excellente collecção de Grünberg.

Tal seria, neste caso, a historia do — "Tapir envergonhado" — relatada pelo grande emulo de Darwin, o modesto Wallace no seu livro de viagens pelo Amazonas.

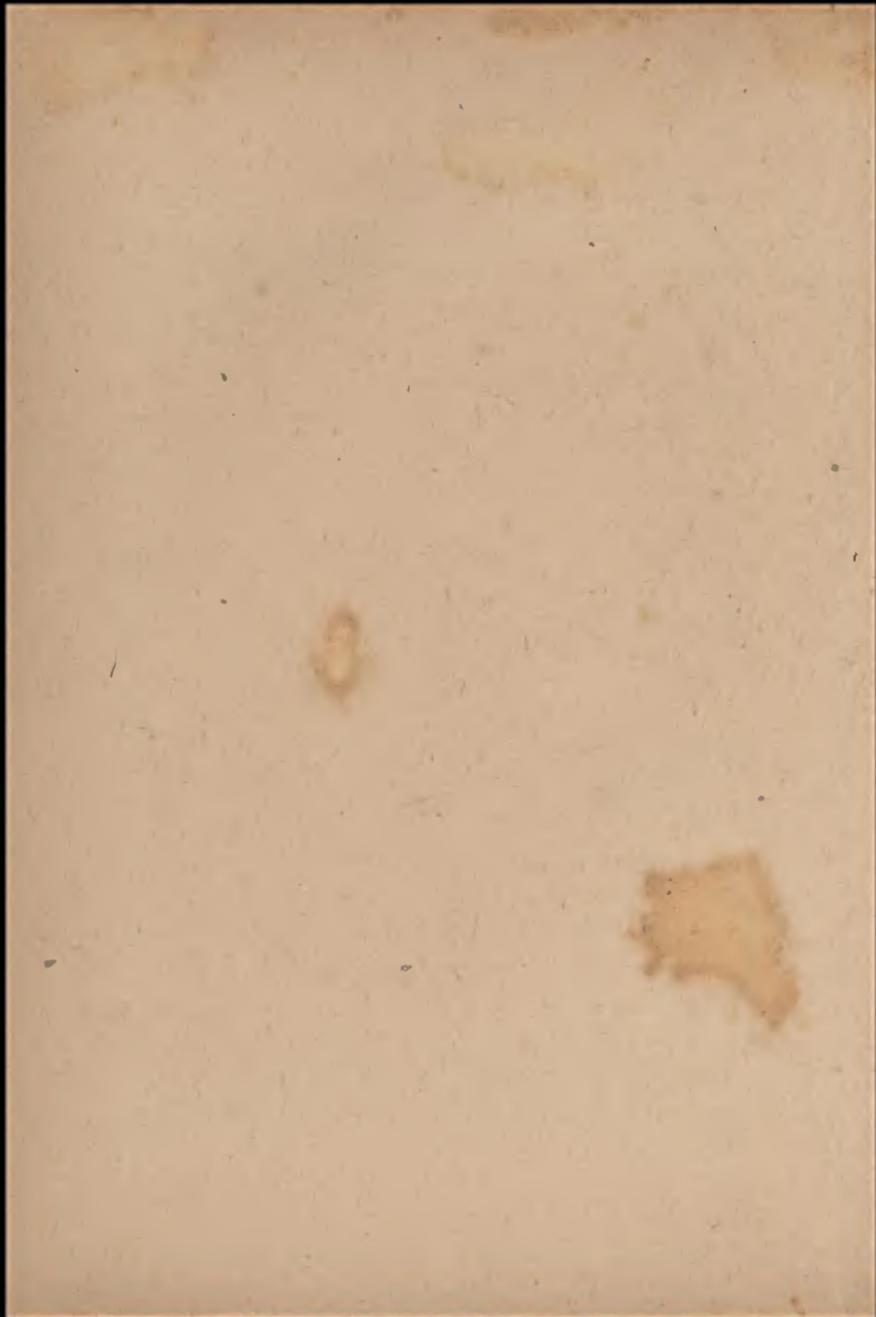
A historia não póde ser facilmente contada numa folha que não está escripta em latim...

E ha assim numerosos contos quasi picarescos ou inconvenientes; talvez por essa razão, teriam sido excluidos num livro destinado a extensa vulgarização.



Como quer que seja, os — “*Contos dos índios sul-americanos*” — é um livrinho que deve ser conhecido de todos os brasileiros que amam a sua terra e guardam com fervor o culto da tradição de todas as raças que aqui formaram o corpo e o espírito da nacionalidade.





## O PROFESSOR BRANNER

---

---

O professor João Casper Branner, da Stanford University da California, honrou-me com uma carta a proposito do meu livro — “*A Lingua Nacional*”.

Não tenho a intenção de reproduzi-la, mas de aproveitar das suas linhas as que interessam aos brasileiros.

O sabio professor Branner a quem tanto deve a geologia do Brasil, é um apologista incondicional das excellencias da nossa terra.

De uma das muitas vezes que tem vindo á America do Sul, fui-lhe apresentado á porta do Garnier, pelo saudoso Orville Derby. Creio e é natural que não se lembrará de mim, mas guardou o meu nome como o de qualquer brasileiro de pequena evidencia nas letras ou no jornalismo.

A carta que me escreve propõe questões de linguagem; e resolvi publical-a nos trechos de interesse geral.



Vou traduzil-a com toda fidelidade.

“A palavra *sotão* (diz elle), é uma das que mais me tem intrigado. Uma vez pedi a Joaquim Nabuco que m’o explicasse; mas a explicação que elle deu no momento não me pareceu satisfactoria. Ainda conheço outra palavra portuguesa que me atormenta de egual modo; e é — *hospede*. O Aulete diz-me hospede é a pessoa que se recebe. e cá chamamos “guest”; logo em seguida diz o mesmo dictionariista que é tambem a pessoa que dá gasalhado — isto é, para nós outros “host”.

---

Sem duvida, explicar a razão de sentidos tão oppostos na mesma palavra é mais um problema de semantica que de lexicographia.

Entretanto, dizer que o sentido de qualquer vocabulo pouco a pouco, ou subitamente, passou a significar o contrario do que expressava não é propriamente um mysterio linguistico, mas deixa sempre alguma duvida no espirito.

O que se pode affirmar é que é questão de facto.

A palavra *sotão* significava realmente o andar de baixo do sobrado, o que se conforma com

a raiz latina (“soto, subtus”). Aqui no Brasil o *sotão* é exactamente coisa opposta: é o andar de cima.

Busquei já, em outra oportunidade dar uma explicação que não me parece destituída de senso. E’ que neste vocabulo houve encontro de duas vózes de differente estirpe: “sotão”, latino, com o sentido de logar inferior e “sótea” (azotea, do arabe), terraço superior das casas.

E’ verdade que hoje dizem “sotéa” (o que não se conforma com o arabe “as-sat”); mas sempre os escriptores antigos escreviam e diziam — sótea ou cótea.

Parece que as duas coisas, sótea e sotão, se confundiram numa só expressão.

A explicação do duplo sentido de — *hospede* — parece-me mais difficil. Os inglezes pódem dizer — “guest” e “host” para cada um dos casos, servindo-se successivamente da palavra germanica e da palavra latina. Mas, nós não temos a moéda germanica e tiramos da latina as duas faces, o verso e o reverso.

E’ possivel suppor que sendo “hospes” o mesmo que “hostis”, o estrangeiro, e entre duas pessoas sendo a qualidade de estrangeiro recipro-



ca para ambas, o vocabulo poderia applicar-se a qualquer dellas. Assim, o hospede é tanto o que agazalha como o que é agazalhado.

Apontando apenas esses dois vocabulos, o professor Branner topou numa questão geral da semantica portuguesa.

Temos um numero sensivel de termos com sentidos oppostos. Lembraremos aqui, de corrida, alguns d'elles.

*Herdar* tanto se diz do que recebe a herança como daquelle que a transmite. De bom cunho e equivalentes, são os dizeres: Os portugueses herdaram-nos a raça e a lingua (transmittiram); ou — herdamos dos portugueses a raça e a lingua (recebemos).

O dono é tanto aquelle que dá como o que recebe, na phase que os juristas chamam — “hereditus jacens” — E dahi a sentença do antigo grammatico Festo: “heres apud antiquos pro domino ponebatur”.

Creio que para o caso a explicação é razoavel.

Outra expressão curiosa do mesmo teor que passou a sentido opposto é a de *abrigo*. A principio “abrigo” era a exposição ao sol, ao ar livre, como era no latim “apricus”. Mas no inverno, o



recinto proprio para aquecer-se era exactamente um tecto ou lugar fechado, sentido actual de abrigo. Vê-se que é o sentido de amparo e defesa que predomina na expressão.

*Abrigo* é o recinto fechado, e no mar diz-se *abrigado* o porto, a bahia onde as aguas ficam circumdadas por qualquer accidente.

Ainda ha outros casos semelhantes. O verbo *emprestar*, em Mato Grosso e outras regiões do interior, significa — tomar emprestado — exactamente como em francez o verbo “emprunter”.

— Emprestei dez mil reis — lá quer dizer, tomei-os emprestados.

O Visconde de Taunay notou esse facto.

A razão parece-me ser sempre a mesma e é que o emprestimo é um contracto; a reciprocidade confunde os agentes.

Não será ainda a mesma natural confusão, a que se observa em — *alugar*?

*Alugar* é dar ou tomar em aluguer.

Tenho, portanto, por boa explicação a que se funda na mutualidade e conversão de acções de natureza reciproca.

E' este o meu parecer.



Desta arte, acho natural, o que parece estranho ao professor Branner, a duplicidade de sentido de “sotão” e “hospede”.

Os nossos philologos que tanto se preocupam de questões graphicas e de futeis analyses grammaticaes, bem podiam deixando esse terreno (safaro, mediocrementemente escolar e inteiramente inutil), applicar-se ao estudo de casos como os que provoca o professor Branner.

---

Ha na engenhosa cartinha do professor Branner, outro passo que interessa a todos nós, pela informação litteraria inedita:

“A senhora Waring, joven americana que viajou pelo Ceará, em companhia do marido que é um engenheiro, fez uma collecção de cantigas populares d’aquella região e propõe-se agora publical-as em portugûes e inglêz, acompanhadas das musicas originaes.

Ella não sabe o que fazer da expressão — “levar a lata” — que não poudes traduzir, e pediu o meu parecer. Pareceu-me tratar-se de giria, provavelmente com o sentido de “to catch it, to get spanked” ou qualquer coisa neste genero.



Ella ainda inquiriu-me acerca do sentido da expressão — leite de boi — que ouviu no Ceará.

Não encontrei explicação nos livros de brasileirismos da minha bibliotheca, mas acho que deve significar mais ou menos: coisa impossivel. Poderá V. esclarecer-me sobre esses pontos?"

Sem duvida. Escreverei ao professor Branner, dando as explicações pedidas, ao meu alcance. Mas, confesso que não conheço a expressão — "leite de boi" — e não sei com que sentido é empregada nas regiões do Norte.

Fóra do trecho, prosa ou verso, em que ella ocorre, a difficuldade de interpretação impossibilita qualquer conjectura.

---

Como se vê, o professor Branner, presidente (hoje "emeritus") da Stanford University, é um grande amigo do Brasil, convive com os estudantes brasileiros e não perde a occasião, sempre que se offerece, de nos prestar todos os serviços da sua sciencia e de sua preciosa amizade.

Aos seus profundos trabalhos da geologia ajunta uma pontinha de amenas preocupações linguísticas e literarias.



Escreveu já uma grammatica de nossa lingua para uso dos americanos; faz questão de que o Brasil conserve a orthographia tradicional, pois que a reforma phonetica portuguesa é para elle uma obra infantil e não passa a seu ver de mera concessão á ignorancia (“I regard thát sort of thing as a mere concession to ignorance”).

Nessa mesma carta elle recorda que Roosevelt (“our boi corneta president R.”, assim se expressa) tentou igual reforma com estrondoso fiasco.

Entre nós, apenas tres ou quatro homens de letras persistem nessa obra esteril, talvez por teimosia, e descaso pela opinião nacional.

O professor Branner achando que havia falado de mais (falou tão pouco!), termina a carta com “humour” e com a phrase brasileira:

“Quem bebeu agua de chocalho fui, eu”.

---

P. S: — Pouco tempo depois, 1922, falleceu o grande amigo do Brasil.



## O MYSTERIO DA VIDA

---

Os problemas da Vida como os da Morte teem tido numerosas soluções inuteis.

Pareceu-nos curiosa e divertida para o leitor commum a doutrina do professor Troland que em termos geraes vamos noticiar.

Não é uma doutrina muito original. De qual-quer modo a sua hypothese se acha nos mais recen-tes expositores da Biologia, como pör exemplo em Paul Kammerer ("*Allgemeine Biologie*") em seus delineamentos essenciaes.

Comtudo, o professor americano apresenta no-vos aspectos que sabe desenvolver com interesse e agudeza.

Não se trata de um autor rebarbativo a quem se possa improperar de difficil ou tenebroso.

Está no numero dös autores facéis e acces-siveis...

---



Que vem a ser a Vida?

Em que consiste? qual o seu segredo?

Foi para dar resposta de inteira simplicidade a essa questão que o professor Troland, da universidade de Harvard, engenhou uma hypothese que no fim de contas não chega a ser uma conjectura ousada ou extravagante.

Como é uma das ultimas doutrinas, talvez por isso convenha conhecê-la.

São tantas...

Emfim, a doutrina de Troland não é tambem ambiciosa. Elle mesmo confessa não haver revelado o mysterio da vida. As origens da vida contêm muitos mysterios, e a sua ambição d'elle é substituir os mysterios todos por um só e unico.

Já está na tradição das boas theorias pôr uma d'ellas mais comprehensiva, em vez de muitas.

Essa simplificação dos mysterios é o intento do sabio professor americano.

E qual é?

A seu ver, o mysterio unico é a catályse dos chimicos.

A catályse, que é já de si mesma um mysterio, passa a ser tambem o mysterio da vida.

Ha substancias que são poderosos determinantes de acção chimica, simplesmente pela presença,



sem affinidades e sem que sejam affectadas pela acção que produzem fora de si mesmas.

São esses os agentes catalyticos; o professor Troland acha que a vida é simples e fundamentalmente um phenomeno catalytico.

Expliquemos. Esses agentes no processo vital são conhecidos pelo nome de "enzymos" (fermentos organicos).

Esses fermentos catalysadores não se modificam, mas emprestam velocidade á machina á maneira do oleo lubrificante.

Ahi reside o segredo principal da theoria.

A acção enzymatica ou catalytica especifica dos seres vivos, explica todos os mysterios da vida organica, as suas origens, e variações, o mechanismo da hereditariedade, etc... Talvez seja muito...

A concepção catalytica é, pois, uma resposta a todas as questões biologicas que se reduzem, por esta doutrina, a uma expansão da physica molecular:

Segundo o doutor Troland (estou a repetir as suas palavras) o que chamamos Vida é um producto de leis catalyticas agindo sobre os systemas colloidaes da materia através de longos periodos dos tempos geologicos.



Em consequencia, toda determinação intravital ou hereditaria é, em ultima analyse, catalytica.

Ostwald, o grande chimico contemporaneo, define o agente catalytico como sendo a "substancia que muda a velocidade de uma reacção sem ser affectada pelo processo". E segundo Ostwald, o poder catalytico é uma propriedade geral da materia por que não ha reacção que não seja influenciada catalyticamente e nem ha nenhum corpo, elementar ou composto, que não seja catalysador.

Ora, ha um processo auto-catalytico conhecido, a saber, uma substancia pode gerar novas quantidades d'ella mesma. Numa solução super-saturada, um cristal da mesma substancia alli atirado produz immediatas cristallisações de igual natureza.

O crescimento, que é um dos caracteristicos dos seres vivos, é analogo a aquella cristallização de saes em solução, e explica-se, assim por um processo de auto-catályse.

Os seres vivos crescem como os cristaes.

Ha aqui uma difficuldade de grande peso a resolver. Os cristaes crescem por "accreção" (do lado externo) ao passo que o protoplasma cresce



por "intussuscepção", isto é, de dentro para fóra. O crescimento todo exterior do primeiro é essencialmente diverso do crescimento interno do segundo.

Neste ponto, o professor Troland acha a objecção pouco valiosa, porque, diz elle, "a materia viva é uma mistura complexa de substancias em suspensão por sub-divisão colloidal na agua e não ha prova de que as particulas colloidaes individualmente não cresçam por accreção. Pelo contrario, é quasi inconcebível que esses corpos, que são as reaes unidades chímicas do protoplasma, cresçam por outra maneira.

---

Assim, os enzymos ou agentes catalysadores explicam em ultima analyse, os phenomenos da vida por uma acção infinitesimal, porém segura, efficiente e positiva.

Explicam mesmo as doenças porque, em liberdade, esses enzymos auto-catalyticos constituem a provavel origem de certas doenças contagiosas como a rugeola, a raiva e as bexigas que possuem virus filtraveis:

O doutor Troland confessa que a doutrina enzymatica apenas offerece certa seducção qualita-

tiva e imprecisa. Não é como a lei da menor acção susceptível de formula mathematica.

Mas é possível que com o tempo venha adquirir a evidencia que produzem as theorias mais severas, rigorosas ou exactas.

---

Não sabemos se os leitores ficaram inteiramente esclarecidos.

Para um homem que promette apenas um mysterio em vez de muitos, seria absurda coisa exigir as cartas na mesa.

Agora que se volta a estudar a *crosta do sangue e outros mysterios abandonados por estereis*, não é muito de surprehender a exploração hodierna.

Quanto a mim, pessoalmente, busquei fazer uma reportagem fiel, fora do cipoal das sciencias graves.

São os leitores curiosos?

Eu o sou, curioso; mas não sei se a minha curiosidade coincide com a dos leitores.

As historias tambem são catalysadoras e sabem o segredo de virar a cabeça a muita gente inexperta.

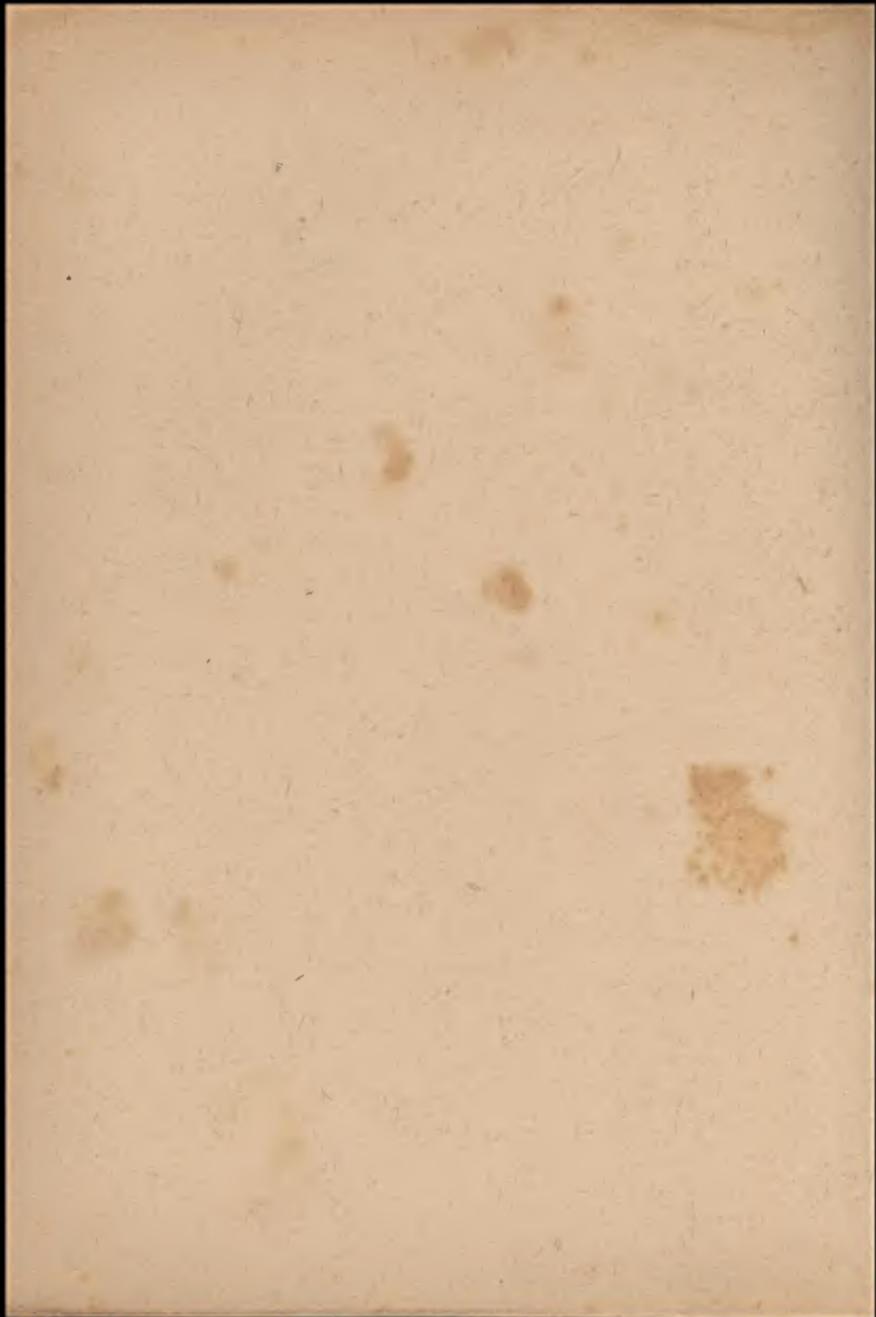


E, dizem, é um *truism*, que basta um material catalytico infinitesimal para causar resultados vistosos e gigantescos...

Deixemos Troland com os seus "ensymos".

Este será como os outros um passatempo ultra-moderno, "up-to-the-minute", em que é fértil a incontida sciencia ou a vaidade humana.





## CONFISSÕES DE UM JUIZ (1)

---

O tempo que levei a tratar da critica literaria, tres ou quatro annos, (tempo relativamente breve mas para mim extenuadamente longo) creou no meu espirito a convicção quasi optimista de que possuímos uma literatura, a todas as luzes digna, do nosso progresso intellectual.

E' naturalmente uma literatura de "quantidade" mais do que de qualidade; quero dizer que muita coisa entre nós tem sido escripta por vaidade e desejo de representação intellectual, por mero sentimento de arte pela arte, por exercicio e gymnastica de puro verbalismo e, em alguns casos, por passatempo e por falta de quefazeres, nas horas de ocio.

Essas especies inferiores e fungoides formam a "quantidade" a que me refiro e que não julgo, todavia, inutil.

---

(1) Foi publicado muito antes do julgamento dos primeiros concursos academicos de 1921.



Pelo contrario. A quantidade é sempre o “substratum” essencial que fertiliza o solo em proveito das arvores que dão sombra ou criam preciosas essencias e sumarentos fructos.

Além desse nivel geral de fermentação é que se elevam alterosas as criações da individualidade.

A esperança é uma alegria a realizar-se mais longe. E ha phantasmas de realidade futura nas criações juvenis.

---

Se eu quisesse ou necessitasse uma prova experimental para tão arraigada convicção bastar-me-ia o exemplo dos concursos literarios da Academia.

A' Academia chega apenas uma parte pouco consideravel de aspirantes aos seus premios, parte ainda reduzida pela circumstancia de ser a primeira tentativa a que a literatura nacional presta muito duvidosa confiança.

Os resultados não satisfazem; parecem injustos, ridiculos e damnosos.

As Academias em toda parte são institutos de escamoteação, como em geral todas as assembléas e companhias numerosas.



Nessas assembleas impera o grito ou a emphase ou o exhibicionismo que vencem pelo incommodo que causam. A fuga dos que se aborrecem garante a victoria do verbalismo rixoso.

E' evidente que ha muitas coisas que ficam acima das virtudes do voto. O suffragio é um pessimo juiz das delicadezas do espirito.

Não só isto. O espirito academico passa por ser uma especie de libertinagem letrada, mas anti-literaria.

Ha pouca literatura nas academias, dizem. Nem mesmo são conservadores os academicos, que não têm bagagem a conservar e a zelar. São fiscaes e zelotes de mercadorias alheias.

Estou muito longe, bem se vê, de apadrinhar as toleimas da murmuração commum.

Ha, todavia, algo de verdade nessa detracção. Os academicos perdem com a consagração a energia militante dos combates da rua. Mineralizam-se aos poucos e essa degeneração em seus tecidos finge-lhes uma especie de estatuas.

Pode não ser uma estatuas de gloria, mas é a estatuas "quand mème".

Essa rigidez academica, não padece duvida, é tambem uma inferioridade que attrae outras.



*Ao cabo de algum tempo forma uma societas vanitatum.*

Assim parece que sujeitar um artista os seus primores ao voto de seres excentricos, mortos ou agonizantes é talvez uma apparencia de humilhação.

O peor de tudo é o juizo pelo suffragio, o valor aferido pela infallibilidade do numero.

Este argumento parece accitavel.

Infelizmente, porém, não se descobriu ainda uma machina de selecção mais aperfeiçoada, senão essa que apura apenas o triste residuo commum de todos os gostos e opiniões.

E esse residuo, de ordinario, é mediocrementemente notavel!

Que remedio!

---

Estando em Milão, ha já muitos annos, eu assistia a uma das exposições triennaes de arte que se realizam de costume, cada vez em uma cidade italiana de importancia pela sua cultura artistica.

Foi naquelle momento, a vez de Milão. Distribuiam-se dois grandes premios, um dado pelo povo e outro por um pequeno Jury de artistas.

Toda a gente, com o seu cartão de entrada, tinha o direito de voto. Todos, de facto, votaram e o resultado foi como sempre, lamentavelmente popular.

Teve o premio, por quasi unanimidade, uma obra talvez apreciavel por certos effeitos de perspectiva que impressionaram o vulgo; representava um velho castelo abandonado em ruinas sobre a gloria de ouro de um pôr de sol.

Vieram-me, então, ao espirito os versos do "Dom Jayme" — que desde a escola conservo de memoria :

Um dia, quando... não sei,  
Fui vêr as gastas ruínas  
Dum velhissimo castelo  
Que ao desamparo encontrei...  
E que, ainda assim, era bello.

Mau grado essa imponencia, amplificada por longinquas recordações da infancia, algumas tinturas e rudimentos de arte fizeram-me resistir a tão formidavel obsessão, e votei numa linda tela de Bazzaro.

O jury, porém, foi mais severo, e o premio dos artistas foi dado a um quadro de Carcano.

Era Jesus a margem de um lago da Galiléa; a multidão cercava-o, pobres, velhos, crianças e



mulheres. Voltei a mim e reconheci o erro do meu voto; senti a espiritualidade daquella obra extraordinaria que quasi me passara despercebida. N'uma tela enorme quasi sem tintas com o pincel seco como se fora um lapis, Filippe Carcano fizera surgir, com assombroso milagre de idealismo, a figura immortal de Jesus.

Percebi que o meu voto era um erro de sensualidade, enquanto os artistas sentiram uma fascinação toda de espirito.

As illusões da technica empanaram-me a limpidez da intelligencia. Cedi á riqueza, malferindo a formosura.

Assim dizia um classico referindo o dito de Appelles a um discipulo que ousara retratar a Venus:

— Fizeste-a rica por não poder fazel-a formosa.

Quasi todos os nossos erros derivam em materia d'arte d'essa insufficiencia de abstracção que nos ponha ao abrigo de todos os idolos vagabundos da moda.

Somos muito mais sensiveis ao artificio que á naturalidade, talvez porque vivemos num ambien-



te de falsificações, de pharisaismos e de hypocrisias de circumdante e oppressiva ubiquidade.

E, então, pensei como ainda penso agora:  
— Como é difficil julgar!

---

Em toda obra d'arte, é o espirito o signal certo de toda a grandeza.

O mais são formulas, receitas, idolos escolasticos, rhetorica da moda, phantasias e vicios do tempo, modernismos ephemeros.

E é difficil discernir, em coisas naturalmente compositas, os elementos de espiritualidade eterna que as animam.

Em geral, damos excessivo apreço á virtuosidade, aos recursos technicos do escriptor e somos victimas d'essa fallacia insidiosa.

Toda evolução do universo se perfez de materializações successivas e crescentes: um germen primitivo que era nebulosa, nevoa etherea subtil e igual ao espirito foi-se condensando em estados rijidos e cada vez mais rijidos.

Eis porque o espirito é, por vezes, para nós uma suggestão longinqua e remotissima.



Preferimos o terra a terra.

Vemos a toda hora armados aos appetites da multidão esses alçapões de vulgaridade, a falta de imaginação escondida no verbalismo, a falta de graça compensando-se na obscenidade ou na crueza barbara das historias.

Essa elegancia nova, inimiga mortal do espirito, faz quasi toda a quantidade da literatura. E a massa mais consideravel de toda ella, é a sua historia universal, sem heroes, mas cogumelante de bicharocos. Mas, quanta seducção nos arabescos!

E quem pode evita-la! e com que direito lançar a primeira pedra?

---

Quando os azares da sorte me collocaram na terrivel responsabilidade de julgar as novellas e contos encaminhados ao juizo da Academia (de que sou um dos mais obscuros individuos )senti, sem poder renunciar aos meus deveres, que havia de commetter erros irreparaveis.

Lembrei-me instinctivamente d'aquella exposição artistica das terras italianas. Onde eu poderia de mim mesmo achar o mysterio da tela de Felipe Carcano? Quando muito, ser-me-ia possivel pre-



miar um Leonardo Bazzaro, grande e elegante seductor das côres e da luz,

Que pedra de toque tenho eu para tão diversos metaes?

Mas, a injustiça, relativa embóra, é um peso incomparavel que estou a pique de commetter a todo o momento.

Não me consola a condição de fraqueza humana sujeita a todas as ineptias involuntarias sem quem lhe acuda nesses transes.

Ha, porém, um principio de salvação superior a essas contingencias. E é que os premios não são premios verdadeiros, nem decisivos.

O grande juiz, em ultima instancia, é o consenso demorado mas seguro da opinião que revê e reforma todas as sentenças.

Essa é a que bate e cunha o ouro verdadeiro.

Sabemos ceifar, mas ignoramos a arte do se-meador.

---

Eis a confissão de um juiz perplexo, sem meios de abdicação.

A sinceridade, que foi sempre o que prometti e



podia dar na minha tarefa de critico, não me absol-  
ve dos remorsos de haver commettido qualquer  
grave injustiça.

Bazzaro ou Carcano? Pouco importa a quem  
carrega a sua cruz.

“Alea jacta est”.



## DARWINISMO ABSTRACTO

---

A transformação das especies é a doutrina mais fecunda do movimento philosophico e scientifico dos nosso dias.

Com Darwin ou com de Vries, pouco importa, não podemos prescindir de uma theoria da variabilidade dos seres.

O que, porém, nos parece ainda mais interessante são as variações da ordem abstracta e puramente intellectual.

Um ser physico soffre variações no correr dos tempos, sejam mudanças infinitesimaes ou verdadeiros saltos. Animaes ou plantas continuamente se modificam.

Mas, um animal de pura imaginação, o Pégaso ou a Mãe d'agua, estará fóra das leis da evolução organica?

O exame dos factos diz que não.

Os proprios phantasmas, criados pelo homem,



obedecem ao seu especial — “struggle for life”—, progridem ou transformam-se.

Descobrir essas leis de caracter psychologico ou historico, é realmente um thema embaraçoso.

E' claro, porém, por antecipação de qualquer doutrina que as idéas tambem se transformam e se modificam por adaptação a outros ambientes e geram insensivelmente especies diversas.

Os proprios animaes conhecidos ou familiares estão submettidos ao nosso conceito humano, de si mesmo versatil e inconstante.

Um primeiro exemplo.

Por esse magnifico livro de erudição, as — “Accendalhas” (agora mesmo vindas á luz) vemos documentada a opinião geral dos gregos a respeito das cigarras. No mundo hellenico a cigarra possuía vozes harmoniosas e era quasi uma das musas pela admiravel melodia dos seus cantos.

A voz (se tal se póde chamar o ruido dos cymbalos do insecto) era comparada á voz divina dos poetas. Nenhum elogio maior que o de cigarras queriam Theocrito e Anacreonte.

No mundo moderno, operou-se uma inversão total desse antigo symbolismo. A cigarra é estridula, aspera e roufenha, só comparavel aos máos



poetas que detestavelmente nos atordoam o ouvido. São cigarras os “poetas de botequim”, como dizia o padre José Agostinho. Do mesmo parecer é Corrêa Garção:

Por signal que cigarra parecia  
A rabeca que a todos aturdiã.

São exemplos colhidos n'aquelle livro.

Emfim, não convém demorar n'essa idéa geral acerca das cigarras e seu mau conceito.

Como explicar agora que os gregos descobrissem puras melodias em tão estrugidores ruidos?

As cigarras não mudaram de tom. Mudamos nós, que já não as comprehendemos.

Ha logar aqui para uma ou duas hypotheses, ambas verosimeis.

E' possivel que os gregos no som fundamental das cigarras percebessem os “sons harmonicos” que o acompanham e que talvez a orelha obtusa de hoje não consegue descobrir. Dotados como eram os gregos de profundo sentimento musical, a hypothese deixa de ser absurda. Um dos grandes componistas modernos procurou restituir os accordes gregos, mais numerosos e difficeis que os nossos da musica contemporanea. Foi Berlioz,



e não sei com que exito, talvez com o mesmo exito desagradavel das cigarras.

Outra hypothese seria a de que os gregos achavam harmoniosa a cigarra, exactamente por não terem o ouvido bastante educado.

Tambem não é coisa inverosimil. E' sabido que em nossa especie, os sentidos cada vez mais se aperfeçoam e se apuram.

Um caso analogo se dá com a vista, e um estudo do phenomeno gerou entre eruditos allemães a escola dos darwinistas do olho ("Augandarwinisten"); verificou-se que nos tempos de Homero os gregos não viam o azul e esta côr não tinha palavra que a expressasse. Tambem os nossos selvagens não veem ainda o azul; para os tupis, por exemplo, o azul e o preto é a mesma coisa a que chamam — "una".

E, demais, ha raias do espectro que o homem actual não vê ainda. São côres adiadas para uma percepção futura.

Dada a analogia entre a vista e o ouvido, é possivel admittir que os gregos sentissem no ruido aspero da cigarra a impressão de vibrações isochronicas, agradaveis e musicaes.

Estaria assim, por uma hypothese ou por ou-



tra, explicada a inversão de valores entre a cigarra melodiosa antiga e a cigarra roufenha de hoje.

---

A esse exemplo que nos foi suggerido pelas paginas das — “Accendalhas” — quero ajuntar um caso mais completo, pois que não se trata de um ser vivo, mas da evolução de um ser phantastico.

E’ o caso das — “Sereias”.

Varios eruditos (e entre elles o sr. Wilfred Mustard) occuparam-se exhaustivamente desse ente de imaginação.

Fizeram um inventario onde podemos colher suggestões novas.

As sereias soffreram uma “selecção natural” muito curiosa. Conservaram o sexo, pois são sempre mulheres, mas no ponto de vista biologico regrediram sensivelmente.

Na antiguidade as sereias eram metade mulher metade ave; no mundo moderno passaram a ser metade mulher metade peixe.

E’ difficil descobrir nas variações hereditarias dessa especie fabulosa as phases de transformação realizadas com tamanha evidencia.



Vejamõs primeiramente a forma antiga da Sereia, que era concebida sempre como uma ave cujos cantos insidiavam e seduziam os peregrinos.

Homero é quem nos fornece o primeiro documento no livro XII (v. 168 da Odysséa) mas esse testemunho é esteril e inaproveitavel porque se refere apenas aos amavios da voz, mas não descreve a imagem do animal.

Os poetas, que vieram depois esclarecem unanimemente a duvida possivel. Euripides diz que as sereias são mulheres aladas (pterophonoi). D'ahi por diante, cessam as incertezas; poetas e escriptores, gregos e romanos, falam do encantamento d'essas creaturas de asas.

Em Ovidio tem pés e pennas de ave — (“pedes plumœque avium”; nas Metamorphoses) e na sua historia natural Plinio confirma esse conceito.

Tão firme era essa opinião entre gregos, e depois entre os romanos, que a versão da Biblia dos setenta trasladou avestruz por “sereia” no livro de Micheas. A Vulgata restabeleceu e corrigiu o texto nessa parte.

Quando passamos das letras antigas ás modernas, observa-se uma transformação completa. A sereia é ainda uma mulher encantadora que com suas vozes perfidas vive a insidiar os incautos pe-

regrinos, mas não tem asas, mas não é mais ave ou passaro, é agora metade peixe.

E' a mãe d'agua no Brasil, é a "Lorelei" de cabellos d'ouro, é enfim a sereia dos nossos poetas, que habita não os ares, mas os rios e o oceano e, como diz Gil Vicente, é uma perenne cilada no mar:

Haré cantar las sirenas  
Y peligrar a las naves...

E' nas tempestades que as sereias apparecem e attraem os navegantes ao abysmo, ao naufragio.

---

Como explicar essa regressão de ave a peixe?

A meu vêr ha duas explicações plausiveis; primeiramente, a possivel confusão de dois mythos antigos: o das sereias aladas com as Nereides, divindades maritimas. Mas não ha seguros vestigios dessa metamorphose.

Depois, parece-me que as sereias sem asas e com cauda de peixe, coincidem com a civilização atlantica, já quando as navegações na edade moderna começaram a suscitar as realidades dos mysterios do oceano.



A passagem da civilização mediterranea antiga para a civilização oceanica marca essa transformação na phantasia humana.

As asas não eram sufficientes para tão longo curso e tão remotas distancias.

Era melhor imaginal-as as sereias, como peixes segundo o seu novo "habitat".

Os descobrimentos maritimos inverteram os valores antigos, crearam seres, coisas e idéas novas e impuseram adaptações que a novidade do mundo exigia.

---

Lembra-me ter lido n'uma folha de São Paulo um artigo do tão nosso conhecido e amigo G. Du-  
mas acerca das miragens e fabulas oceanicas dos antigos navegadores.

O autor attribuia a criação de taes mythos e absurdas phantasias, a existencia de ilhas de amores e de fartura, ao estado de espirito enfermigo dos marinheiros, que em tão alongadas viagens com poucos recursos passavam tormentos, padeciam fome e sede.

Não era de admirar que de organismos depauperados, em extrema inanição e desalento brotas-

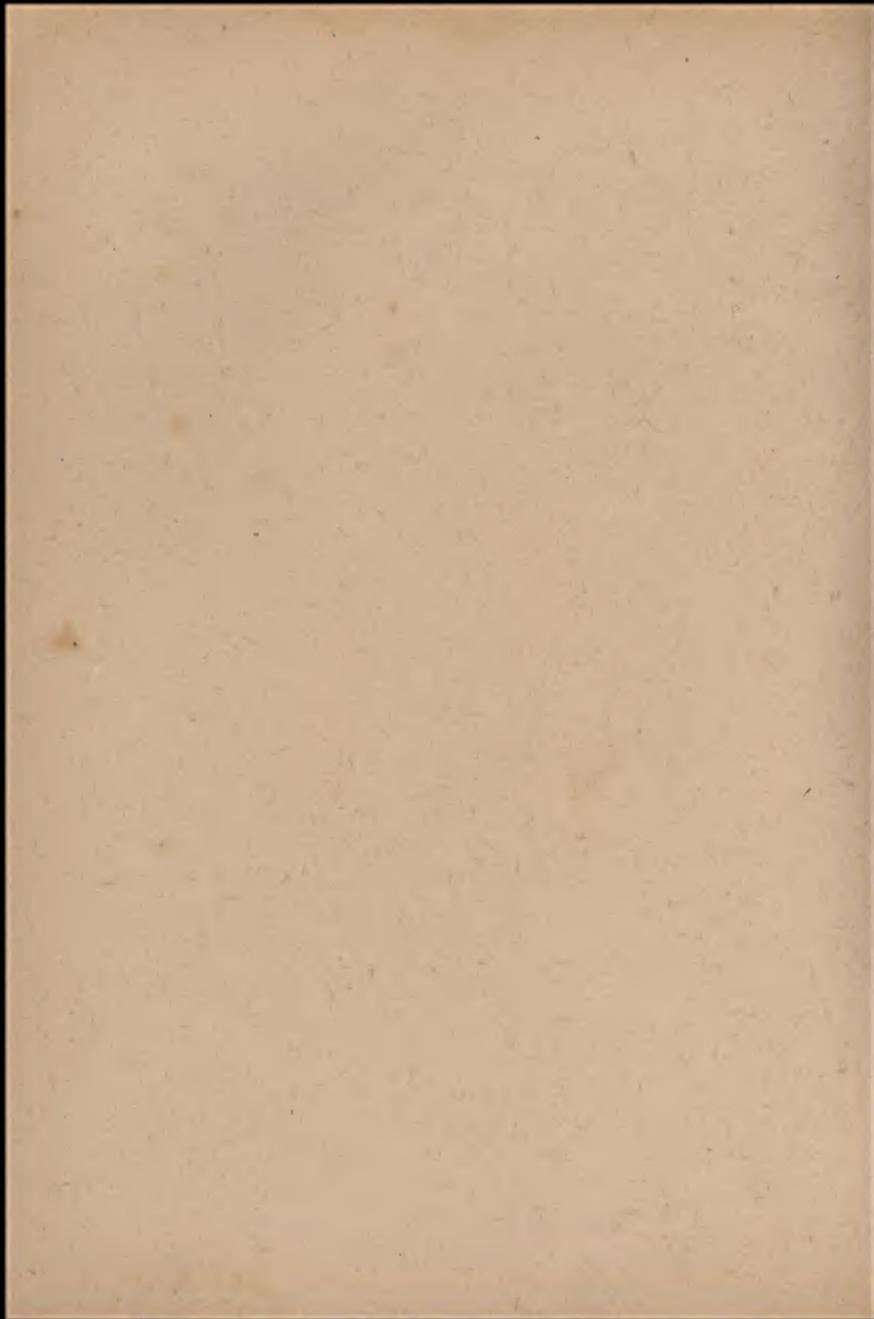
sem as mais absurdas allucinações. Era a sêde de gozo.

Esta seria a explicação geral para todas as sereias antigas e modernas que seduziam peregrinos e viajantes, mas não dá a metamorphose documentada pela literatura.

Para mim, a sereia peixe é um mytho atlantico, inteiramente moderno.

A civilização nova tambem possui os seus phantasmas proprios.





## A LEI DAS SERIES DE PAULO KAMMERER

---

**F**IZEMOS já ha pouco tempo, algumas referencias ao movimento do mysticismo dos nossos dias. Ha uma tendencia benevola, pelas interpretações mysticas, pelas questões de acaso ou de sobrenaturalidade.

E' uma reacção metaphysica contra o excesso do materialismo dos ultimos tempos.

Paulo Kammerer, o eminente biologista, é um dos nomes mais autorizados nessa reacção. E' um sabio; conhece o imperio das leis experimentaes, mas concede um quinhão de verdade incognita a todos os mysterios da credence ou da superstição.

Estudando as leis das series na natureza, verifica a frequencia de repetições, periodicidades funcionaes, symmetrias empiricas coincidencias que occultam mysterios até hoje indecifraiseis.

A credulidade popular envolve tudo isso na mystica e na magia dos numeros, desde tempos immemoriaes.

Convém classificar todo este acervo até que inopinada luz possa alumiar-o.

O acaso, por exemplo, é uma palavra de extensa elasticidade. Mas, em rigor, o acaso não existe, nem póde existir.

“A priori”, todos os factos se ordenam em leis, em relações definidas. Como haviam de escapar á ordem do universo?

Timerding escreveu um tratado sobre a analyse do acaso (“Die Aanalyse des Zufalls”), que está cheio de suggestões metaphysicas, ou antes provisoriamente metaphysicas.

E’ uma sciencia de penumbras.

As superstições, crendices, preconceitos, abusões e erros populares formam uma congerie de factos e fantasias que, longe de serem desprezíveis, devem acordar o estímulo dos sabios e contrapor ao materialismo da physica um valor novo de espiritalidade.

---

O acaso é pelo menos a interferencia de duas séries bem encadeiadas de causa a effeito. A intersecção destas series, sendo geralmente imprevisível, constitue o mysterio do acaso.



Um exemplo trivial, reduzido aos termos mais simples, torna clara a idéa do acaso.

Um individuo segue o seu caminho quotidiano por certa rua; e certo dia, ao passar por perto de uma casa, cæe-lhe uma telha na cabeça.

—Foi um acaso, diz-se.

Ora, se quizermos pesquisar este acontecimento, veremos que elle se decompõe em duas séries lineares distinctas: uma, a do individuo que desperta, faz as suas abluções, veste-se e sãe para o seu trabalho de todos os dias, ás 9 horas, por exemplo. Esta série é perfeitamente nos seus pontos determinada por successivas causas e effeitos. O homem sae e segue naturalmente pela rua que será o caminho mais curto.

Outra serie de factos, de todo independente desta, é o da telha que vae cair. Vem ella desde longo tempo escorregando ou apodrecendo, a oscillar em desequilibrio, a pender para o solo até o momento decisivo da queda. E' evidente que tambem com essa telha ha um processo linear de causa e effeito, embora obscuros, que tendem a separal-a do telhado e fazel-a cahir.

Estas duas series lineares, perfeitas, causionadas, com antecedentes e consequentes certos, são inter-independentes. O acaso consiste, pois, na in-



tersecção e encontro de duas series (a do homem que passa e a da telha que cae), perfeitamente explicavel cada uma dellas.

Os acasos são intercurrências entre si indifferentes, felizes ou desfavoraveis das linhas naturaes em que se produzem os phenomenos. Estamos dentro de uma reticula de mil direcções e de innumeraveis rumos das coisas do universo.

Dahi, a conveniencia de estudar as series, os periodos, as funcções periodicas da natureza, as suas leis de repetições, ainda mesmo nesta phase empirica em que apenas nos limitamos a accumular sem exame, todos os materiaes de observação e estudo.

---

Goethe escrevia no seu diario:

“Eu devo agora observar de perto o circulo que volve e revolve dentro de mim, os bons e os máos dias...

Alegria, afflicção, fraqueza, elasticidade, cansaço, curiosidade, tudo vae e vem. E, como vivo em regimen, posso ver como eu me movo em mim mesmo”.



Ha, como dizia Pythagoras, um numero em todas as coisas?

A vida, antes de tudo, é um phenomeno cosmico e traduz em si um fragmento da alma do universo.

Os cyclos, os rythmos, as edades de cada ser, não parecem arbitrarios.

A onda menstrual obedece a um periodo de revolução como o da lua. Que podemos saber desse influxo? Sabemos que a influencia lunar é poderosa na massa liquida do planeta, nos oceanos. Sabemos, por outra parte, que as especies animaes são de origem marinha. Pode-se conjecturalmente admittir um influxo remoto das marés que desde épocas primevas ainda conserva o seu rythmo antiquissimo.

O professor Swoboda que é um dos grandes mestres de Kammerer, e como este, tambem preocupado da lei das series, acredita que de futuro teremos uma "astrologia scientifica", quando precisarmos quantitativamente todos os influxos cosmicos, hoje obscuros.

E' conhecida a hypothese de que a vida terrestre podia ter vindo de outro planeta (Kalvin, Helmholtz, e mais recentemente Arrhenius), e seria uma "Weltinfektion" — uma infecção mundial. Mas ainda, sem sair da hypothese de Laplace, diz



o professor allemão que somos irmãos e filhos do mesmo Sol, donde nos desaggregamos, e donde *tomamos todos os influxos periodicos, o dia, a noite,* as estações e todos os rythmos telluricos.

O periodo das manchas solares que oscilla entre 6 e 17 annos já foi aproveitado pelos economistas para explicar a expansão do credito e os formidaveis "kraks" de bolsa — pois que o *phenomeno está ligado ao fluxo e refluxo das searas de trigo, á abundancia e á carestia.*

O periodo de sete annos tem sido desde os antigos observadores dado como phases da vida: a infancia, a adolescencia, a mocidade, etc. Esta crise septennial (chave de todas as coisas, dizia Cicero), parece ser a mesma das erupções vulcanicas: as maiores do Vesuvio foram no anno de 79 quando subvertidas Herculanium e Pompéa e em 1906, isto é, num intervallo de 1827 annos ou  $261 \times 7$ .

E as molestias e doenças periodicas? as epidemias, normalmente previstas?

---

Os antigos gregos e romanos, como ainda hoje nós os modernos, entretinham um curioso mysticismo dos numeros,



Numa serie, para os gregos, o terceiro facto era o maior e o mais importante; e essa superstição tornou-se proverbial, incorporando-se á linguagem commum.

A terceira onda do mar era a responsavel pelos naufragios. A expressão “trikumia” nos poetas, em Euripides, Eschylo, e em Luciano tem o mesmo sentido de enormidade. Platão fala do — “trikumia logou” — no seu Euthydemos.

E' o caso singular, o aspecto diverso (mas ainda em sentido periodico), que deram os romanos ao numero “dez” na mesma serie.

Donde procede esta evolução das idéas?

Se para os gregos era a terceira onda (trikumia), para os romanos era a decima a maior e mais temerosa nas tempestades.

*Vastius insurgens decimæ ruit impetus undæ*

Assim, nol-o pinta o verso de Ovidio, nas “Metamorphoses” e ainda o confirma no livro dos “Tristes” (1, 2, 49).

A onda decumana ou decima (“fluctus decumanus”) era o terror dos marinheiros.

A expressão tornou-se popular e extensiva a outras coisas: o ovo “decumano” era o maior de

qualquer postura, como succedia á onda decima (“Decumana ova dicuntur et decumani fluctus, quia sunt magna” é o que diz Festus e dizem Tertulliano, Paulo Diacono e outros que fôra enjoativo repetir em amplificações inuteis).

O influxo biblico de origem chaldaica e magica, revela-se no mysterio do numero “sete”, “setenta vezes sete”...

Sete annos de pastor Jacob servia e em Cicero e num discipulo de Hippocrates que escreveu uma obra sobre o numero sete (o — “Peri hebdomádon” — de Diokles).

Tres, sete e dez, são realmente numeros mysteriosamente fascinadores na serie das considerações humanas, para o mal ou para o bem. São pontos criticos e decisivos.

A intenção de Kammerer é que se ajuntem e acumulem factos, ainda na ordenação empirica de simples classificações artificiaes. Devemos trabalhar como astrologos ou alchimistas, servidores de uma sciencia futura que desconhecemos.

As antecipações imperfeitas do presente não serão inuteis nem despreziveis, e, quando o sejam, muito grande é tambem a porção de sciencia, supposta positiva, que tem tido equal destino na “cesta de papeis” da historia.

# TRASTES VELHOS

---

Ha uns versos da VI Satyra de Juvenal que dizem assim:

... si moechorum notissimus olim  
Stulta maritali jam porrigit ora capistro,  
Quem toties texit perituri *cista Latini?*

e que envolvem um sentido algo obscuro e picaresco alludindo á *cesta de Latino*.

Vale a pena contar a historia de uma cesta de vime, do tempo do imperador Trajano?

A cesta, supõe-se vasia a um canto do atrio ou do impluvium das casas romanas. A serventia era problematica e indefinida: cesta para qualquer coisa, ao certo, para futilidades domesticas.

Mas na especie appareceu uma, chamada — a cesta de Latino por merecer as honras da satyra; e ainda hoje desafia e atormenta a argucia dos interpretes.

Dizem que os maridos daquella éra convinham



na necessidade de uma cesta para certos efeitos da ethica social do tempo.

Surprehender uma esposa infiel podia ser occasião de grandes dissabores. As matronas, graças aos Deuses, eram castas, e senão, eram pelo menos cautas. E por toda cautella bastava uma cesta de vime com amplitude de almanjarra proporcional ao peccado.

As Venus vulgivas não tinham tão seguros asylos.

A enorme celebridade da cesta domestica veiu de um certo Latino que, entre os dons da fortuna havia tomado por esposa a joven e linda grega. Thimele, encanto e formosura da sociedade romana do tempo.

E foi isso no tempo de Juvenal, rispido asceta, hypocrita como todos os satyricos que desforravam em versos vehementes e zelotypicos a fealdade secreta d'alma.

---

Como quer que seja, Latino, comediante e mimico como marido pródigo possuia mulher, e cesta para superfluidades occasionaes. Os mécos



quando surprehendidos em colloquio com a voluptuosa Thymele, buscavam o refugio providencial.

Mettiam-se na cesta.

Era o imitador do grande Napoleão que definia desdenhosamente o adulterio: *une affaire de canapé*.

E Latino, e outros maridos taes, reconheciam o sigillo daquelle traste familiar e respeitavel.

A cesta era o epilogo incruento dos dramas eroticos entre aquellas gentes polidas, progressivas e scepticas que haviam já transformado a tragedia nos espectaculos de circo, em pantomima.

Assim, cresceu e prosperou a cesta de Latino, orgão da segurança publica, castello da Lei Julia “de maritandis ordinibus” e firme alicerce da paz conjugal.

A Lei Julia perseguia os solteiros, mas multiplicava os casos passionaes. . . e as cestas.

Mecos e maganões passavam pelas forcas caudinas do matrimonio forçado. E a cesta de Latino tornou-se, então, um numero indispensavel no mobiliario domestico. Cista Latini.

Mas, alguns escholiastas de Juvenal discutem a veracidade da ironia. A — “cesta de Latino” — não era, talvez, o cumplice das infidelidades da



formosa Thymele, e argumentavam com a lição de certos codices que diziam:

Quem... periturum cista Latini.

enquanto, outros assim rezavam:

Quem... perituri cista Latini.

Questiuncula gravissima.

Num caso, o individuo corria o risco de morrer ás mãos de Latino; no outro, parece dizer o poeta que este Latino era quem estava dentro da cesta, n'alguma aventura estranha. Singelo ou enfeitado?

Isso augmenta o mysterio da cesta e confunde o peccado abominavel.

A posteridade mais remota, já agora, graças á negligencia de um copista inhabil, jamais logrará saber quem é o... perituri ou o periturum.

Salva-se desta arte a reputação um pouco compromettida da voluptuosa Thymele, graças a um adjectivo incerto e corroido. Ha reputações que dependem de muito menos.

Este precioso equivoco faz lembrar aquella historia de um sujeito grave, talvez, um politico



ou estadista, envolvido seriamente ou por acaso, em uma historia de roubalheiras.

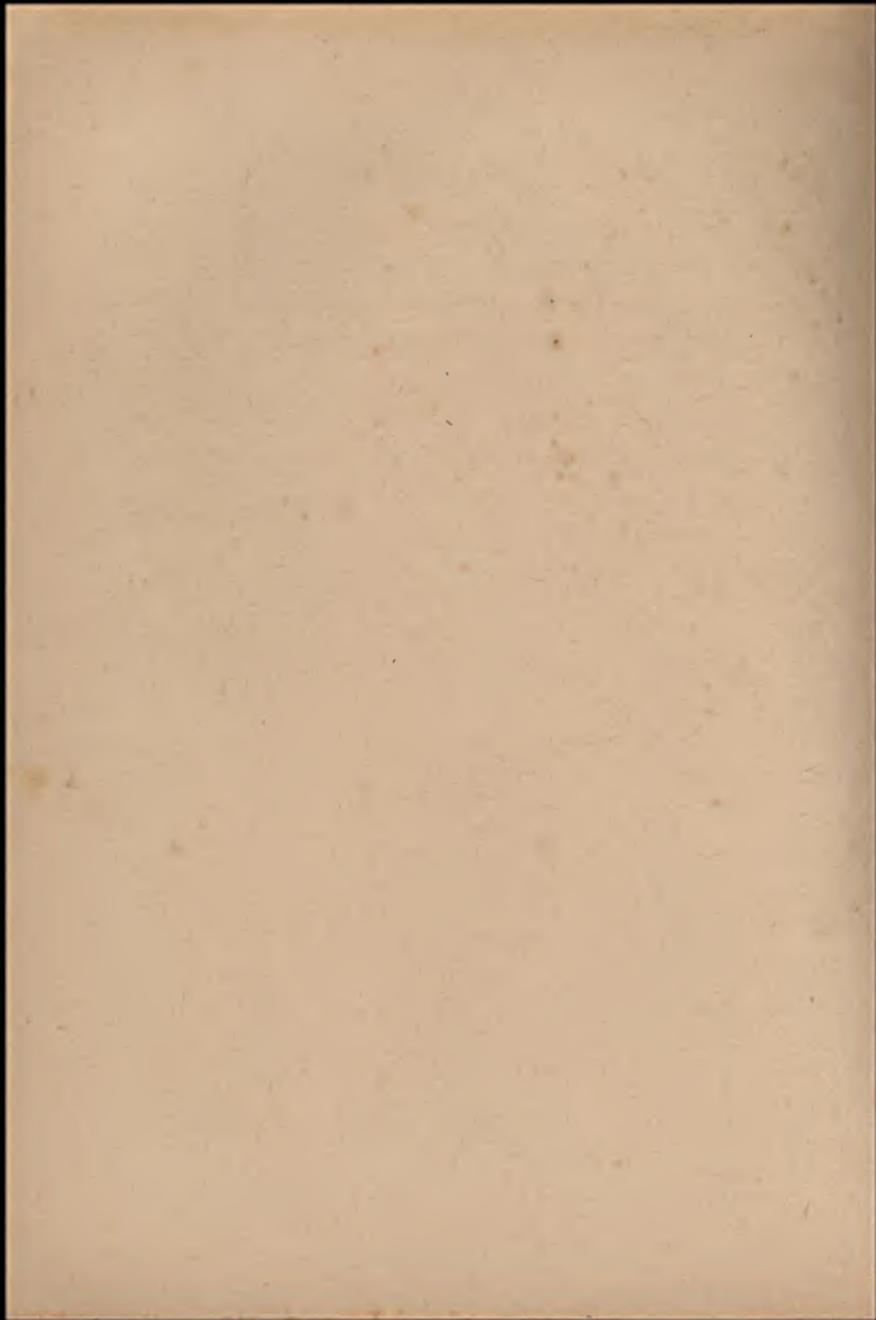
— Sei (disse um commentador de fraca memoria) que esse sujeito já andou envolvido num roubo de oitenta contos. O que não sei é se elle foi o roubado ou se foi elle o ladrão.

Oh! a memoria dos homens! Perdoemos aos copistas, que salvaram do olvido as verdades e as mentiras antigas e respeitaveis.

A tão enorme distancia, a honestidade de Thymele não terá ardentes defensores; bastar-lhe-ia a velhice para amortecer a admiração e a calumnia.

Só a cesta vive e promette vida eterna.





cm

1

2

3

4

5

unesp 

8

9

10

11

12

## UMA NOVA INQUISIÇÃO

---

A última guerra diffundi pelo mundo a noção de que a Allemanha era um paiz de barbaros, povo deshumano e destruidor, sem nenhum respeito pela vida.

Sempre nos pareceu exaggerada essa opinião que entrava nos calculos dos adversarios e inimigos do imperio hoje decahido.

Muita mentira, grossas patranhas, eram divulgadas de maneira evidentemente tendenciosa contra os chamados — “Hunos” — do nosso tempo.

Havia, entretanto, uma razão imponderavel que favorecia essa fama de crueldade dos allemaes. Era muito mais que o espirito militar, a corrente philosophica que acabara em Nietzsche e que proclamava os direitos do pro-homem ou do super-homem e desacreditava a fraqueza das virtudes christans, a pusilanimidade da misericordia que era tida não como virtude mas como verdadeira crueldade da covardia.



Era preciso acabar com essa “compaixão barbara” e iniciar essa crueldade santa (“heilige Grausamkeit”, como dizia Nietzsche) destruindo os enfermos, os fracos e os inuteis, eternos obstaculos á victoria dos homens fortes.

Não é, pois, de extranhar que dessa feroz philosophia se extraisse o fundamento da animadversão mundial contra a Allemanha.

E’ um pouco desconhecel-a ignorar que a terra germanica é fecunda e fertilissima em idéas. em systemas e prospectos ephemeros.

E’ um pais de grandes realizações e de grande idealismo. As boas doutrinas acotovellam-se alli com as mais esdruxulas e inesperadas.

Desse tumulto não é possivel evitar o predomínio das hypotheses mais extravagantes.

---

Essa corrente “barbara”, não hesitamos em empregar o termo e o epitheto, está muito longe de desaparecer das terras teutonicas.

A naturalidade ingenua, o espirito anti-humano que alli vigora em alguns dos seus philosophos e pensadores, parece um desafio ás virtudes christans dos povos latinos.



E' logico, portanto, e está na coherencia dos nossos sentimentos de humanidade, repellir tão singular attitude que repugna á indole e ás tradições religiosas da nossa educação.

Pelo sentimento da medida, nós somos o refrigerio compensador de taes exorbitancias.

---

Agora mesmo após a guerra, dois homens de pensamento, um criminalista e um psychiatra, professores Carl Binding e Alfred Hoche, associam-se ambos numa brochura para promover o exterminio das vidas inuteis e a criação de uma Inquisição nova com os seus Autos da fé contra a gente humana digna de eliminação.

Parece incrível, á primeira vista, que na Allemanha que sangrou com a perda de milhões de homens, haja quem cogite de diminuir a população por um excidio dessa ordem.

Pois, justamente no espectáculo das ruinas da guerra, em meio á fatal hemorragia, é que se fundam o psychiatra e o criminalista para tão obnoxia propaganda.

— Não se explica, dizem elles, que atiremos ao campo de batalha milhões de homens fortes,

moços, bellos e cheios de vida, ceifados nessa carnificina, e que ao mesmo tempo cuidemos em prolongar a existencia de individuos absolutamente irremediaveis, alcoolistas em ultimo grau, avariados que já chegaram ao estado intenso de ruina, idiotas ou imbecis, sem cura possivel, internados nos recolhimentos, asylos e hospitaes.

Toda essa gente inutil e pernicioso, que custa milhões dispendidos em pura perda, deve desaparecer.

A nova Inquisição não pretende levantar fogueiras, dispõe de recursos suavissimos, como a medicina os conhece, para não prolongar com palliativos e fraudes, os tormentos das victimas; quer dar-lhes o tiro de misericordia sem que ellas o suspeitem.

Aconselham pois, e justificam a existencia de um Tribunal de exterminio contra a vida “dos que não merecem viver”.

A vida é, pois, em taes desgraçados uma especie de moeda falsa que convem encinerar para valorizar as especies preciosas.

(E' assim que propõem — “die Vernichtung lebensunwerten Lebens” — como o designa um dos expositores da doutrina).



E a reponsabilidade d'essa audacia cabe a dois homens de alta cultura, um delles professor universitario e representante da vida espiritual allemã!

Fundam a sua supposta clemencia em que a destruição das vidas não repetirá os processos barbaros e inquisitoriaes do outro tempo.

A compaixão pelo doente desenganado é apenas um reflexo de profundo egoismo, que vem dos primeiros evos da humanidade. "Tu és assim" segundo o antigo dito do sánskrito "tat twan assi"; repetem os seus apologistas modernos.

Máo grado a brandura dos processos, revolta ás almas cristans essa dureza ou indifferença pela vida humana.

O criminalista argumenta com o suicidio que tambem é uma destruição, não prohibida, pelas leis.

Argumenta o medico com o proprio clamor dos doentes que pedem um termo a soffrimentos atrozes que seria deshumanidade prolongar sem nenhuma esperanza.

Os idiotas ou imbecis são indifferentes á vida, nem querem morrer, nem querem viver, na ignorancia bestial a que estão reduzidos.



Por que não exterminal-os suavemente pelos processos indolores conhecidos?

Eis a questão.

E' grave que um jurista representante da ethica social esteja, de mão commum com um psychiatra, maquinando contra o direito de viver dos entes mais infelizes do mundo.

Mas é a verdade.

E eis porque a Allemanha por vezes nos dá essa impressão de selvageria.

E' certo que os loucos (e não esquecem isso os novos inquisidores) foram tratados diversamente no correr da historia humana. Em certo tempo nelles viram prophetas e seres quasi divinos; na edade media foram tidos como possessores do demonio, e, como taes, feiticeiros e bruxas foram queimados vivos ou suppliciados.

Agora, dizem os nossos autores, caímos na phase da compaixão criminosa por essa semente do mal, inutil ou damninha.

A Nova Inquisição pretende constituir a nova phase da misericórdia legal: a liberdade de destruição benefica para os pacientes e para a sociedade.

Os cuidados eugenicos da sociedade devem merecer toda a attenção, não ha duvida; diminuir



ou impedir a prole dos defeituosos, não é todavia attentar com tamanha audacia contra a vida.

O novo Tribunal, que se propõe, constituido de juristas, psychiatras, medicos, resume-se numa compaixão libertaria quando não restar sombra de duvida e se firmar a certeza de uma generosa e humana eliminação.

Tambem, por humanidade e só para salvar a alma é que a Inquisição antiga carinhosamente accendia as suas lugubres fogueiras.

Deus nos livre dessa piedade nova, como já nos livrou da antiga.

A vida é curta e para os que soffrem é mais curta ainda. Não ha necessidade de taes remedios extremos.

“Plutôt souffrir que mourir”

assim o disse o maior dos fabulistas.

Conviria acabar com as guerras que matam os melhores dos nossos. Seria o melhor emprego da verdadeira piedade. Combateremos as doenças que como o alcoolismo, a avaria e a tuberculose são grandemente evitaveis.



Só a loucura parece não ter remédio, como não o têm as philosophias barbaras.

Não responsabilizemos a Allemanha grande e generosa por essas irrupções ferozes, extravagantes e espasmodicas que fazem parte da sua vibração intellectual.



## OS CIGANOS E O FADO DA SEVERA

---

**S**OBE-ME do fundo da alma, nas horas de recordações da minha meninice, a vaga figura dos bandos de ciganos que, celeres, atravessavam a melancholia das paisagens do Norte.

Eram gentes quasi alegres, entre mendigas e opulentas, carregadas do vario matiz dos seus bronzes luzentes e de seus apetrechos de caldeireiros ambulantes. Vinham, pousavam um pouco e logo saham de novo, levadas por inexplicavel levitação que as tornava quasi seres aereos como as andorinhas.

Aqui no Rio não me lembra tel-os visto, os ciganos. A civilização desterrou-os ou amorteceu-os na Babel incolor das raças. Mas, como revivescencia de antanho ha ainda uma rua dos Ciganos que seria talvez um caravanseraí onde apeavam das longas jornadas.

Em toda a parte os *ciganos* formam uma população adventicia e original, instavel e suspeita.



Appareceram, quasi de subito na Europa, pelo seculo XIV. Donde vinham? elles proprios o ignoram, perdida a memoria de suas antigas migrações.

Mas, o que não podiam nem sabiam dizer, disse-o afinal a philologia, de par com a historia.

Suppuzeram-nos *gregos* (como apparecem no *Cancioneiro geral*) ou *egyptios* (egyptianos, gypsy) ou *bohemios*... conjecturas de cada momento ou de cada terra por onde passavam e onde tomavam algumas vozes de emprestimo.

A philologia, porém, assignala a verdadeira origem na região da India. A lingua dos ciganos é muito convisinha do sanskrito e de outros dialectos indiaticos. Por onde seguiam nomades adquiriam tons peregrinos, persas, gregos e slavos, e deixavam ao mesmo tempo vestigios da linguagem propria.

Foi o grande slavista Miklosich quem melhor estudou e conheceu a lingua dos ciganos, os costumes desse povo erradio e as suas primeiras emigrações.

Sairam na India mais ou menos no seculo X ou XI; pouco depois se encontram já na Persia, na Asia menor e nos seculos treze e quatorze inva-



dem a Europa com os seus bandos pequeninos, numerosos e activos. Foi essa a trajetória.

Por toda a parte foram alienígenas suspeitos, acostumados a bifar pequenas coisas, a praticar commercio duvidoso de barganhas e trocas. As mulheres ciganas, supersticiosas, divulgavam a credence da *buena-dicha*.

Um aspecto curioso desse nomadismo é que sempre se dirige para oeste e nunca para o oriente. Até hoje os ciganos não penetraram na China e nem no Japão.

Na Europa todo o continente os conhecia já no século XV; leis rigorosas aqui e ali os perseguiram duramente a esses primeiros *indesejáveis* das migrações pacíficas.

Não havia piedade para os desgraçados que pareciam não ter officio nem beneficio.

Gil Vicente na *Farça dos Ciganos* pinta-os a falar a geringonça, e romanía espanhola, arrevezada, e a dizer as sinas:

Mostra la mano, señura,

ou a propor alguma barganha cavilosa:

Cual de vos otros..

Trocará un rocim mio?



Eram essas as duas trapaças mais impressionantes da ciganagem em contacto com o europeu: dizer a sina e trocar alimarias.

Comtudo, parecia poetica essa vida ao Deus-dará sem inquietação alguma pelo futuro.

Cantou-a Lenau numa poesia que o nosso Raymundo Corrêa alongou em paraphrase:

Um dia, ao fim de incommoda jornada,  
de uma longa jornada por mim feita,  
com perigos não menos do que damnos,  
ao crepusculo vi, na volta estreita  
de sinuosa estrada,  
tres farrapados, miseros ciganos.

Um — da viola amiga, unida ao peito,  
dedilhando-lhe as cordas, indolente,  
tirava brandos sons.. Que ar satisfeito!  
Que ar de satisfação completa havia  
no seu moreno rosto, que o poente  
de rubra e vigorosa côr tingia!

Outro — aspirando o seu cachimbo, ocioso,  
Nas espiraes do fumo azul deixava  
pascere-se-lhe os olhos, descuidoso..  
E tinha, entre os farrapos, o ar tranquillo,  
o ar de quem mais nada precisava,  
o ar de quem para quem bastava aquillo.



Dormia o ultimo á sombra da ramagem,  
e sobre elle a oscillar — quadro risonho —  
Pendia um par de cymbalos que a aragem  
resonava ao passar, leve e fugace..  
Tambem a doce aragem de algum sonho  
pelo seu coração talvez passasse..

A paraphrase do nosso grande poeta traduz bem no frescor e doçura os versos do poeta austriaco.

A lingua dos ciganos uma ou outra palavra deixou, mais da giria que do vocabulario polido.

Adolpho Coelho desceu ao calão para as verificar, sendo que entre nós são ainda mais escassas que em Portugal:

*Banza* — guitarra.

*Calão* — caló, giria.

*Liró* — casquilho, enfeitado.

*Gajo e gajão* — homem (espertalhão).

*Endrómina* — ardil.

Todos estes nomes teem radicaes sanscriticos ou gregos e offerecem verdadeira instabilidade de sentido. (Veja-se a obra de George Borrow — *The Zingali of Spain*).

Na alma dos ciganos ha um problema psychologico que é o *dever* de migrar, sendo para elles



desprezíveis todos os homens que saem dos bandos e ficam sedentarios. Isso vem naturalmente das origens ethnicas desse povo branco, mas distincto de todos os outros arianos.

No Brasil começam a apparecer, como degradados repellidos do convivio humano pela metropole.

Um acto do rei portugûes em 1538 declara :

Ey por bem que não entrem ciganos em meus reynos”...

Em outro acto de Dòm Sebastião em 1574, cita-se a petição de um cigano Johão Torres que pede que el rei

“ouvesse por bem que elle se saysse loguo do Reyno ou que fosse pera o Brasyll para sempre e podesse leuar sua mulher”...

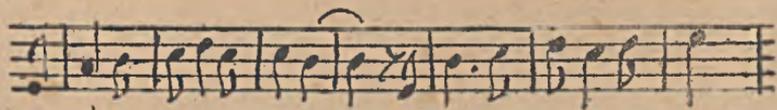
Comtudo, na tradição popular portuguesa o facto da maior impressão foi a da linda e seductora cigana, immortalizada pela musica do *fado da Severa*.

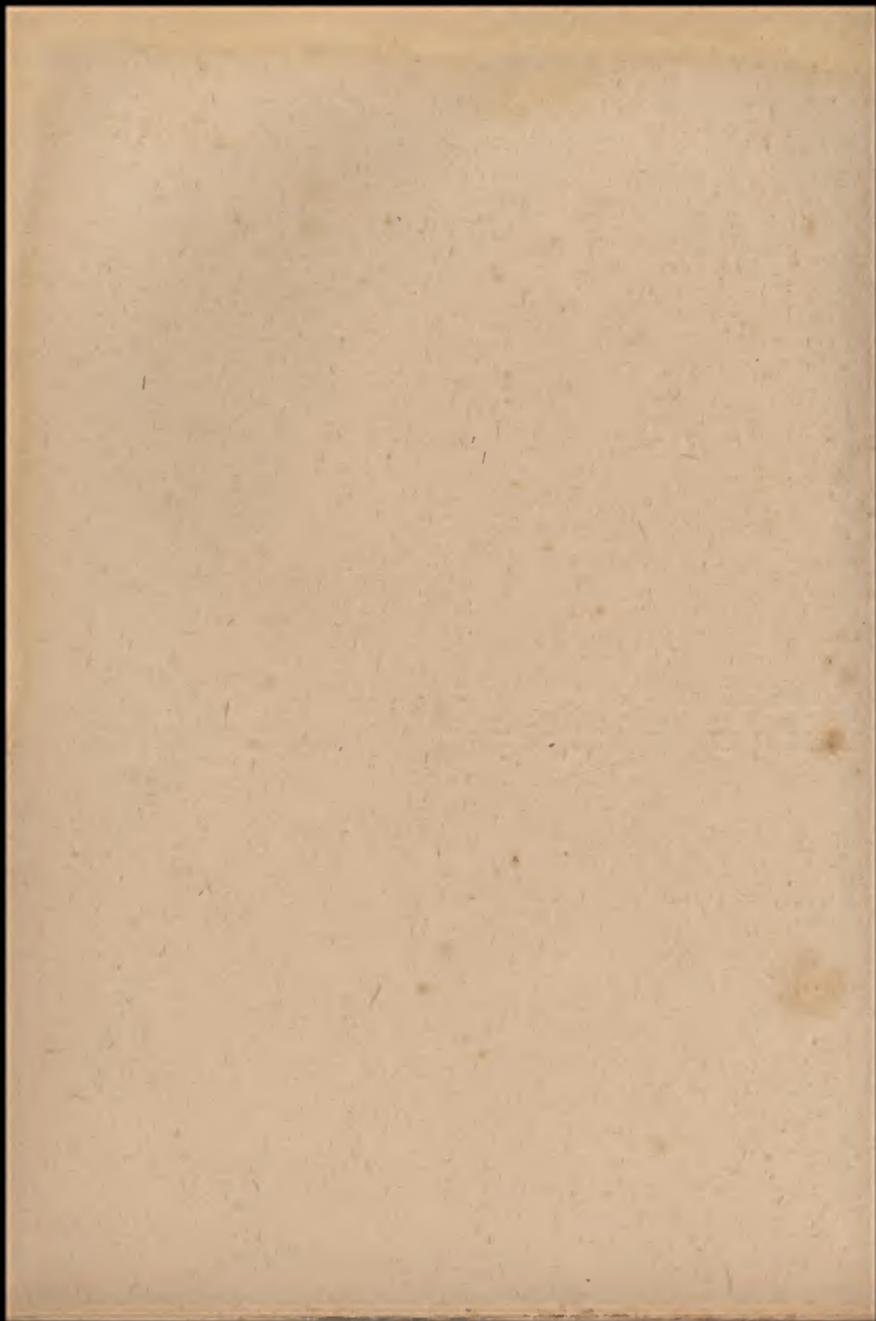
Essa formosa cigana de vida airada foi amante de um conde de Vimioso. A sua fama estendeu-se valles e serras por toda a bohemia portuguesa.



Era de Evora. Pozeram-lhe na cabecinha tanta a corôa de — *Rainha do fado*. E quem não conhece o *fado da Severa*, cantado pelos cegos em todas as cidades do Brasil? E' uma lamentação pela morte da cigana, e como é bella a sua toada melancholica em *lá menor* reunida á letra zombeteira da cantiga que ri e chora?

Até o proprio São Pedro  
A' porta do céu sentado  
Ao ver entrar a Severa  
Cantou e bateu o fado.





## AS PESSOAS DO CONTO

---

O sr. Ernst Heinrich Hess, bavaro, dedica suas aptidões criticas ao estudo da technica litteraria (1).

Um dos seus estudos mais curiosos e bem documentados, foi o que fez a proposito da entrada dos personagens na arte de contar.

Como são introduzidos ou apresentados ao leitor? Eis um problema nem sempre facil a que tem dado soluções varias a phantasia dos escriptores.

Examinando-as de perto, acha E. Hess que são duas as apresentações principaes nos contos ou na novella.

Uma dellas é a apresentação *epica*, segundo a sua classificação; a outra, é a *apresentação dramatica*.

Está claro que se trata aqui de um schema re-

---

(1) *Einführung der Personen in die Erzählung* (Lit. Echo, 1921).



duzido a linhas mais simples e geraes e dentro delle pode caber enorme variedade de processos.

Como quer que seja, esse schema é intuitivamente claro e razoavel.

Ninguem pode recusar-o.

Na maneira *epica* a apresentação é feita narrativamente pela indicação de pessoas e coisas como nas epopeas:

*Canto as guerras e os varões...*

E' assim que diz Virgilio

*Arma virumque cano...*

ou Camões:

*As armas e os barões...*

*Cantando espalharei...*

ou Torquato Tasso:

*Canto l'arme pietose e 'l Capitano*

ou Voltaire:

*Je chants le heros...*



seguindo todos elles o exemplo do primeiro epico, de Homero, na *Iliada*:

*Canta, ó musa, a colera de Achilles...*

ou na *Odyssea*:

*Canta o heroe astucioso...*

esse estylo de apresentação epica é o adoptado frequentemente por alguns *conteurs*. Eis o exemplo de Machado de Assis:

*Agora contarei a historia do relógio de ouro.  
Era um grande chronometro...*

A forma *epica* é peculiar aos contos populares e Machado de Assis ainda pode offerecer novo exemplo:

*Era uma vez uma agulha...*

A outrâ maneira de apresentação é a *dramatica*. São os personagens que como na scena, se apresentam por si mesmos. Essa apresentação é geralmente um monologo ou dialogo.



Machado de Assis era insigne no uso dessa maneira:

— Ah! o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Motta, fazendo um largo gesto admirativo. — Desculpe o meu modo... mas é mesmo o senhor?

*Varias historias, 61.*

Ficam rapidamente apresentados o Pestana e a sua admiradora. Em outro conto de Machado, com a mesma forma dramatica apresentam-se tres personagens:

A *preta* entrou na sala de jantar, chegou-se á mesa rodeada de gente e falou baixinho á senhora. Parece que lhe pedia alguma coisa urgente, porque a senhora levantou-se logo.

— Ficamos esperando, D. Adelaide?

— Não espere, não, snr. Rangel; vá continuando, eu entro depois.

*Id. 169.*

Aqui estão Adelaide, Rangel, a *preta* e outras pessoas insignificantes de comparsaria.

Essa forma é sempre a mais empolgante. A



narrativa perde muito da vivacidade com os lugares communs da descripção ou da paisagem...

Uma joven de dezoito annos, de olhos negros...

ou ainda:

Ao longe no horizonte em fogo, caia o sol...  
A brisa soprava...

ou,

Rompiam os primeiros clarões do dia...

Taes formulas são todas ellas legitimas e excellentes, mas correm o risco de inanimadas e frias quando se alonga a ausencia do homem ou elle tarda a apparecer. Os romanticsos, desde Chateaubriand, abusavam da maneira descriptiva.

Assim pensa E. Hess e com razão quando aponta a emotividade de alguns exemplos de apresentação dramatica:

— Ou acabarei com isso ou não me chame Samuel.  
(*Spielhagen*).



ou ainda:

Bons dias, snr. Henrique!

(Heiberg).

São formulas de immediato interesse.

Os velhos escriptores romanticos perdiam muitas palavras em narrativas poeticas que, embora formosas, retardavam a acção. Isso, para fazer estilo ou achar a côr local de que se preocupavam.

E. Hess lembra a admiravel apresentação de Esmeralda na *Notre Dame* de Victor Hugo. Antes de mostrar a heroína na praça, Victor Hugo mantém-nos no interior do Palacio da Justiça quando circula a noticia: "*Esmeralda está lá fora na praça*". Todos se precipitam ás janellas para vê-la. E assim ella apparece com essa tempestuosa popularidade.

Parece haver aqui uma combinação extraordinariamente feliz das duas formas epica e dramatica.

Sem querer illustrar as subdivisões do schema geral, em suas maneiras compositas ou floridas, parece que o verdadeiro *conteur* é o que sabe usar ao gráo da inspiração, de qualquer formula seja epica ou dramatica.

# S A T O R      A R E P O

---

**Q**UERO *communicar aos meus leitores uma curiosidade que me parece interessante e digna de um rapido momento de attenção.*

E' uma curiosidade do nosso folklore, vou logo advertindo, para despedir discretamente os que não morrem de amores por essa especie.

Não prometto muito, mas direi alguma coisa aproveitavel; julgo haver achado a verdadeira solução de um pequenino problema.

A unidade das coisas deste mundo faz com que só se entendam umas pelo favor das óútras. Aquelles que "especializam" muito os themas não sáem da sua concha e perdem as vantagens de horizonte mais largo e luminoso.

Eis uma excellencia da superficialidade.

Isto succede em grande e em pequeno tomo, e foi o que succedeu no estudo da curiosidade que prometti revelar aos leitores.

---



Quando eu estudava alguns factos do nosso "folklore", notei a existencia de certa fórmula popular, curiosa especie de ensalmo contra varios maleficios, especialmente contra a mordedura de cobras.

A fórmula foi trazida ao Brasil por gentes allemãs estabelecidas, ha um seculo, na serra dos Orgãos.

Colheu-a "in situ" o botanico escossês, Gardner, que percorreu o Brasil no tempo da maioridade (1840) e escreveu sobre as suas viagens um dos livros mais interessantes que no genero eu conheço.

A fórmula ou ensalmo que os supersticiosos devem trazer consigo, compõe-se das cinco palavras arreesadas, seguintes:

S A T O R  
A R E P O  
T E N E T  
O P E R A  
R O T A S

Podem ser lidas para a esquerda, para baixo, ou para a direita.

Parece, ao primeiro exame, que se trata de fórmula em lingua latina; não seria difficil a um



latinista, por meio do costumado valhacouto de ellipses e de outros subterfugios grammaticaes, encontrar qualquer sentido adaptavel ao caso.

Mas, a verdade é que não formam sentido nenhum e são meras vozes vãs de qualquer idéa.

O sr. Leite de Vasconcellos em um interessante voluminho dos seus — *Ensaíos ethnographicos* — registrou o factó e a fórmula que por engano (devido talvez a qualquer fonte de segunda mão em que a colheu) localiza em Pernambuco.

O ethnographo portuguez não conhecia o livro de Gardner.

Mas não dá explicação alguma, e nem a dão os outros que trataram do assumpto. Limitaram-se a mero registro.

A fórmula parecia, e algum tanto parece ainda, muito obscura e talvez indecifrável.

Entretanto não perdi de vista este caso, e separei-o, como é meu costume, para ulteriores pesquisas.

O tempo, novas leituras e até a frequencia de outras occupações diversas, póde inesperadamente trazer a chave de qualquer enigma.

E' preciso dizer que o artificio e a symmetria literal d'aquella fórmula ou ensalmo, para ser lido



em dois sentidos — o vertical e o horizontal, da esquerda para a direita ou de cima para baixo, está indicando que essa complicação poderia envolver qualquer adulteração das palavras ou a criação e invenção de outras mais adequadas.

Era essa uma prevenção elementar que devia ocorrer a quem quer que pretendesse deslindar o enigma.

O melhor, todavia, é não socorrer-se de hypotheses extravagantes.

---

Ficou adiado o problema para melhor oportunidade.

Ultimamente, porém, lendo e estudando alguns assumptos biblicos a que sou affeiçoado, vim a lobrigar a provavel origem da fórmula.

Não achei a luz perfeita, como desejava; mas, descobri uma claridade sufficiente, que não me deixou ás cegas em tamanha escuridão.

Eis o que verifiquei:

---

Na vida e nas lendas da Natividade de Jesus Christo, tão cheia de poesia, figura a conhecida



historia dos Tres Reis Magos que guiados por uma estrella vieram saudar e adorar o Salvador do Mundo.

Representavam as raças humanas e eram ahi como toda Humanidade, presentes ao natal da promettida redempção.

Toda essa historia, quasi toda, é legendaria em suas minucias arranjadas posteriormente pela tradição da igreja.

O unico evangelista que fala dessa extraordinaria e maravilhosa visita é São Matheus, mas não affirma que eram Reis e nem tão pouco que eram tres. Diz apenas que no natal de Christo vieram os magos do oriente (“ecce Magi ab oriente venerunt”).

Este unico texto canonico é, pois, inteiramente omisso quanto ás particularidades. Não diz os nomes nem a qualidade e o numero dos magos.

A tradição ou a lenda cumulou essa lacuna desde os primeiros tempos da igreja. Attribuiram nomes e dignidade real a esses astrologos. Santo Agostinho diz que eram doze, outros reduzem-nos a seis, e, enfim, a quatro e a tres apenas.

Parece que o que prevaleceu no Occidente foi a versão adoptada e espalhada na idade media pelo veneravel Beda, a saber, que os Magos eram ver-

dadeiros Reis, eram tres e tinham os nomes de “Belchior” (ou Melchior), “Gaspar” e “Balthazar”.

Essa é para nós a mais familiar das variantes, circumstancia casual e que nada prova. O proprio Klopstock na — *Messiada* — poema de elaboração moderna, admite a tradição diversa de cinco reis magos: Sunit, Hadad, Selima, Zemri, Beled — nomes quasi todos arabes.

Outros autores divergem e apontam personalidades diferentes; coisa inutil seria registral-as sem proveito. Apenas, uma das versões servir-nos-á para esclarecimento, o que faremos d’aqui a pouco.

Apossando-se da lenda dos reis magos, a tradição cercou-os de novas aventuras; diz-se que o tumulo delles foi descoberto pelo apostolo Tomé; os ossos levados a Constantinopla, depois transferidos para Milão, e enfim vieram a descansar em Colonia, no Rheno, por diligencia do famoso imperador Barbaroxa, grande inimigo da cidade italiana.

Realmente, foram então conhecidos como os “Tres reis de Colonia” e essas reliquias santas operaram os mais inacreditaveis milagres.



Era natural, pois, que fossem os seus nomes e invocação utilizados como seguro amparo contra quaesquer maleficios e sortilegios.

---

Foi o que succedeu neste caso, e a meu ver, deu origem áquella fórmula. Apenas não entram nella senão os nomes dos Magos de outra variante.

Encontramol-os nas — *Reflections on the devotions of the Roman Church* — onde se registra entre outras, a variante de que os reis se chamavam: — Ator, Sator e Peratoras.

Examinando essa onomastica vemos, desde logo, o nome “Sator”, que é o primeiro da fórmula; “Rotas”, que é a inversão literal do mesmo nome, artificio commum nos ensalmos (“Credo” ás avesas e outros). E o começo de “Peratoras”, suggerre “Opera”. Nova inversão de — Opera — nos dá literalmente “Arepo”.

Desta arte ficam por inversão esclarecidas quatro palavras da formula:

Sator — (Rotas)

Opera — (Arepo)

São estes dois nomes de Reis magos, segundo a variante mencionada.



Resta, apenas, explicar a presença e o sentido da palavra média do ensalmo: "tenet".

Tem o aspecto (que considero fortuito) do vocabulo latino, mas creio que será de outra origem.

Como quer que seja acho que esse é para mim o unico ponto obscuro da famosa formula e que não lógro explicar.

Comtudo, se dispoermos os quatro nomes conhecidos, todos elles de cinco letras:

S	A	T	O	R
A	R	E	P	O
·	·	·	·	·
Ö	P	È	Ò	À
R	O	T	A	S

Os pontos que representam lacunas devem resultar das terceiras letras *t*, *e*, *n*, *e*, *t*, indispensáveis para a leitura no sentido vertical, de cima para baixo.

---

Accrescento que a formula achada entre alle-mães ou seus descendentes da serra dos Orgãos não parece ter-se diffundido entre a nossa gente de origem portuguesa.



Não tenho nenhuma noticia a este respeito. E' de esperar que outras pessoas dêem mais segura informação. A verdade é que o influxo italiano e allemão é já consideravel nas idéas, nos costumes e nas superstições e credices, emfim, na vida popular do paiz.

Não é a primeira vez que em casos analogos, tenho feito uma ou outra verificação, n'este co-moço de caldeamento das raças adventicias.

Esses pequeninos problemas serão mais explicitos no futuro, quando apresentarem maior nitidez e clareza.

Por emquanto, não passam de curiosidades incertas, dignas, todavia, da attenção dos folkloristas.

---

#### NOTA FINAL

Ha ainda alguma coisa a juntar ao que escrevemos sobre a formula de ensalmo contra certos maleficios divulgada pelo botanico Gardner e achada entre colonos allemães da serra dos Orgãos.

Conjecturamos uma interpretação que consistia em ver nas palavras magicas daquelle esconjuro popular os nomes dos Reis Magos. Apontamos algumas variantes ou



versões quanto ao numero e aos nomes dos Reis que guiados por mysteriosa estrella vieram prestar adoração ao Redemptor do Mundo.

Entre as versões antigas, na tradição da igreja, os Reis Magos são seis ou doze, porem mais geralmente se admite que eram tres.

Cumpre-nos esclarecer essa preferencia.

O motivo dessa redução a tres, acha-se naturalmente na concordancia dos textos biblicos, entre o Velho e o Novo Testamento.

Na realidade, o unico evangelista, São Matheus, que fala dos Magos não diz quantos eram nem lhes declara os nomes. Já o dissemos.

No Velho Testamento encontramos a visão prophetica acerca da vida do Messias, em varios lugares. E n'um delles no Salmo LXXI diz-se claramente d'aquelle que era esperado e promettido:

“Os reis de Tharsis e as ilhas lhe offerecerão dons; os reis da Arabia e de Sabá lhe trarão presentes”.

Este versiculo do psalterio parece inculcar tres reis e d'ahi foi certamente que os primeiros christãos tomaram o numero tres, embora no mesmo psalmo se faça em verso anterior menção de mais um rei da Ethiopia.

Vêm estas considerações a proposito de uma carta que nos escreve o sr. “Na-Ihn”, de São Paulo, perguntando-nos se a versão dos “tres Reis Magos” é moderna ou antiga na literatura portuguesa.

Na vida popular, em suas manifestações mais familiares como se vê dos ornatos e symbolos do presepe, bem se depreheende que a versão é antiga e arraigada na tradição.



Quanto aos documentos literarios a questão é, certamente, mais difficil de resolver.

E' fóra de duvida que Gil Vicente a conhecia, quando escreveu em 1503 o "Auto dos Reis Magos".

Em toda esta peça, uma das primeiras do poeta e escripta a pedido da rainha Dona Lianor, por uma casualidade que nos é aqui desfavoravel não se diz nenhum nome dos reis Magos, mas declara-se que são tres:

Van tres Reis  
Adorar com sentimento  
Y mui grande acatamiento  
El nacimiento  
Del señor de todas greis.

Ha, porem, uma circumstancia na vida de Gil Vicente que esclarece a tradição d'aquelles nomes. Do seu primeiro casamento teve o poeta dois filhos varões a que deu successivamente os nomes de Gaspar e Belchior.

Na excellente monographia acerca de Gil Vicente, escreve o general Brito Rebello:

"Deste consorcio (do poeta com Branca Bezerra) parece terem nascido alguns filhos: Belchior, Gaspar, com certeza; e provavelmente um Balthazar" (pg. 128).

E' evidente que o poeta fez baptizar os filhos com os nomes dos tres Reis Magos, segundo essa tradição que data, a julgar por esse documento, dos começos do seculo XVI.

E' plausivel, pois, que seja muito mais antiga.

---



Outro correspondente é o sr. José Testa (se bem delectamos a assignatura) que nos escreve de Minas Geraes, da cidade de Alfenas:

“Sr. ... Li curiosamente no O JORNAL; um seu estudo, sobre o folklore, daquella formula que diz achada na Serra dos Orgãos:

S A T O R  
A R E P O ...

“Já a conhecia eu aqui, ha tempo, e usada pelo povo contra a hydrophobia, fazendo-a engolir pelo paciente, homem ou animal, no meio do alimento.

E’ conhecida ha muito e dizem que foi trazida por colonos italianos.

“Teria prazer se isso lhe podesse aproveitar em alguma coisa nos seus magistraes estudos sobre o folklore... Etc.”

---

Eis um testemunho que realmente confirma e comprova a reflexão que fizemos quanto á necessidade de registro de todas as credices e revelações da alma popular brasileira para onde acorrem agora contribuições de todos os povos adventicios.

Não extranhamos nem pomos duvida quanto á origem italiana de que nos fala o correspondente. A vizinhança da Austria e o duradouro dominio dos austriacos ao norte



da Italia bem poderiam haver diffundido aquella e outras superstições populares.

O folklore move-se com pasmosa agilidade e passa de terra a terra e de povo a povo em suas continuas migrações.

Conhecemos exemplos característicos, de influxo italiano no sul do Brasil. Queremos lembrar nesta circumstancia um caso assaz curioso; é coisa familiar e conhecida nos nossos collegios franceses o exemplo de fuga musical que é a cantiga de matinas:

Frère Jacques, frère Jacques,  
Dormez-vous ?...  
“Din-din-don !”

que tanto interesse desperta entre as creanças.

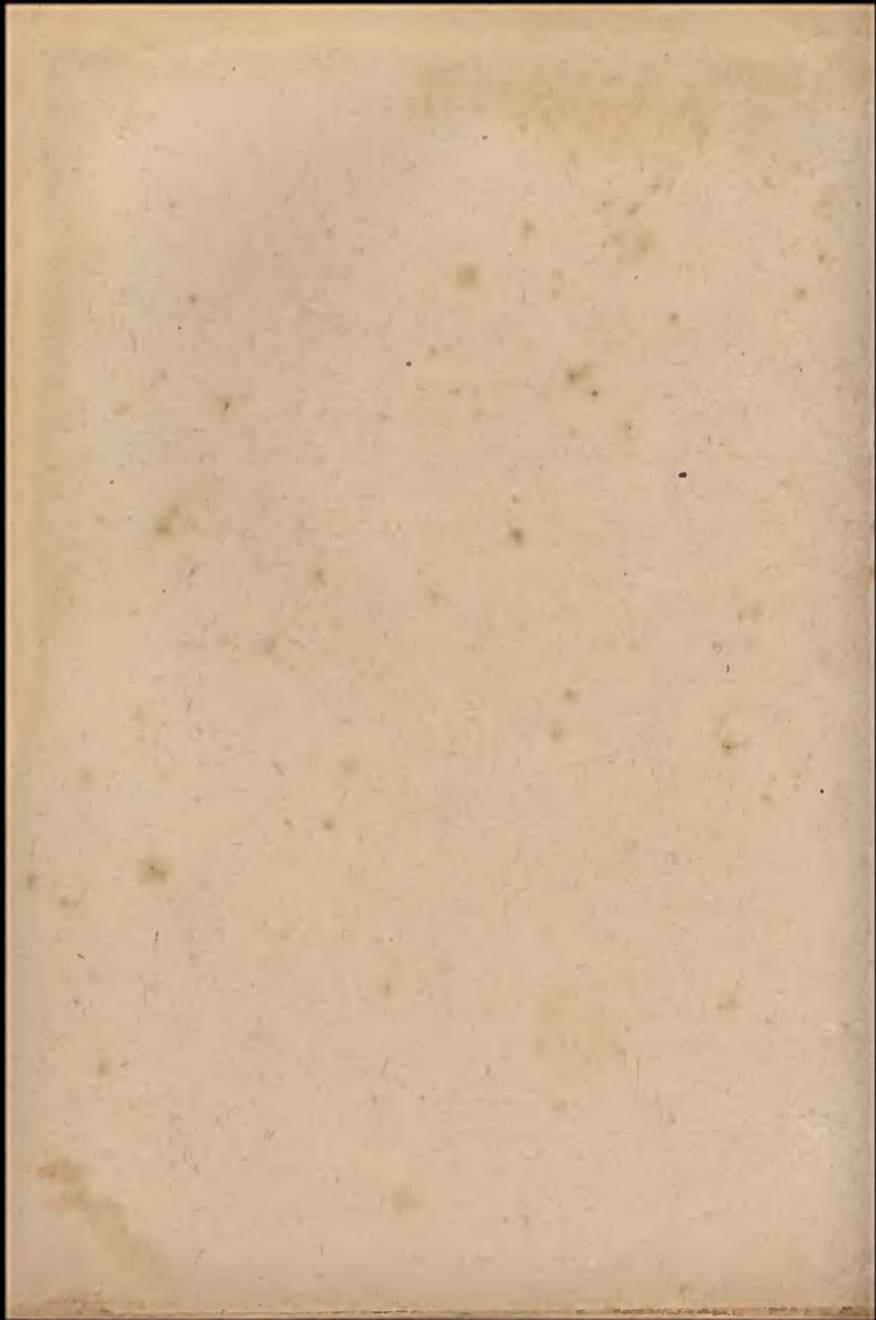
Pois egual cantiga com poucas variantes e com a mesma graciosa fuga foi colhida pela saudosa professora, d. Alexina de Magalhães, em Minas Geraes:

Frai Filipe,  
Il campanelo  
Sube e toca...  
“Dlon ! dlon !”

A disposição musical é a mesma com insignificante alteração do canon francez de Frère Jacques.

D. Alexina colheu tres variantes “Frei Martinho”, “Frei Diogo” e “Frai Felipe” que todas derivam da mesma fonte franceza. Os italianos, immigrants, foram o vehiculo dessa canção popular.





## O BRASIL CABOCLLO

---

JÁ desde algum tempo caiu em profunda ridiculez a representação pittoresca do Brasil personificado em caboclo enfeitado de pennas e armado de arco e flecha.

A repugnancia pelo symbolo fortaleceu-se definitivamente; mas a caricatura tão sequiosa dessas allegorias ainda não conseguiu estilizar um typo novo e aceitavel.

E' que realmente na babél das nossas raças essa physionomia procurada foge a qualquer definição.

O caboclo, irremissivelmente perdido e enterado, é, entretanto, o mais logico e coherente com a terra americana.

Assim o entenderam os emancipadores de 1822, e, mais tarde, o romantismo na literatura. Politicos e literatos voltaram á prehistoria, ao taca-pe, á tangapema e ao cocar de plumas.

Essas velleidades nacionalistas desacreditaram-se pelo excesso e pela hyperbole. Ainda res-



tam nos caboclos da Lapinha, nas festas do dois de Julho na Bahia e em todo sertão.

O que, porém, nos importa, (e é o unico sentido destas linhas) é verificar que o symbolismo do caboclo traz mais antigas datas e origens.

---

Creemos que seria um livro interessante e ainda não escripto, o que se compozesse de notas marginaes á Historia do Brasil.

O thema de livro tal seria investigar as relações litterarias entre o Brasil e os seus observadores estrangeiros, viajantes e touristes, sabios, escriptores, e ainda dar um quinhão á anecdota, á lenda e á curiosidade.

Sabemos, por exemplo, que entre nós esteve Dom Francisco Manoel que esboçou, rascunhou e escreveu talvez um livro curiosissimo, até hoje ignorado e perdido, e a que intitidou — o “Brasil inferno dos negros, purgatorio dos brancos e paraizo dos mulatos”.

Que coisas interessantes ou acertadas não teria dito o grande classico!

Por esse tempo, com a falta de mulheres “mesmo erradas”, como dissera antes um jesuita, o mulato era o “enfant gaté” da colonia.



Mulatos eram os filhos dos brancos, e os filhos sempre governaram a vontade dos paes.

Os mestiços, vadios, atrevidos e insolentes provocavam as satyras e os epigrammas de Gregorio de Mattos, e por vezes a sua aversão ao Brasil:

Terra tão grosseira e crassa  
Que a ninguem se tem respeito,  
Salvo se mostrá algum geito  
De ser mulato.

Não diria outra coisa Dom Francisco Manoel.

Outro escriptor, de menor lustre, Dom Francisco de Portugal, aquelle que escreveu a — Arte de galanteria — aqui esteve e combateu na formidavel armada de Dom Fradique de Toledo.

Ótro classico, Fr. Antonio das Chagas, antes de se metter frade, aqui andou foragido e homiziado por crime de morte que havia commettido na metropole.

De todos esses não temos mais que leves referencias e allusões pouco expressivas.

Nos poemas latinos de Barlaeus, ha um pelo menos — “Olinda capta” — que celebra a conquista da cidade pelos hollandeses.



Um escriptor portugêes do tempo bilingue da usurpação, João Antonio Corrêa, escreveu uma peça dramatica — “Pérdida y restauracion de la Bahia” — obra mediocre, mas historicamente significativa. Foi publicada numa collecção de “Comedias nuevas”, em Granada, 1670.

---

Quanta coisa archaica, poeirenta e suggestiva!

Todos estes nomes empallidecem diante do grande genio que foi Lope de Vega.

Sua obra, prodigiosa pelo numero, disseminou-se pelas bibliothecas particulares, pelas copias dos cartapacios ineditos e jaz ainda em grande parte, ignorada e perdida.

Para restituil-a na inteireza quasi impossivel de um dos engenhos mais fecundos do seu tempo, tomou aos hombros Menendez Pelayo a tarefa de organizar as — *Obras completas* — do admiravel poeta.

Não chegou a realizal-a em toda a extensão, pois, ha dois annos, foi surprehendido pela morte que nelle victimou um dos maiores eruditos da peninsula.



Comtudo, no tomo XIII da edição de Menendez Pelayo, sob os auspícios da Academia, achou lugar uma comedia inédita do grande poeta e que se julgava, como outras, inteiramente perdida.

Essa comedia, ou antes, lôa dramatica, traz o titulo de — “*El Brasil restituído*”.

O famoso poeta que recebeu o epitheto de — “Fenix de los ingenios” — e que na realidade nos parece um ser fabuloso com as suas duas mil comedias, não podia deixar no olvido o estrondoso triumpho alcançado pelos lusos e espanhoes na restauração da Bahia.

A sua lôa dramatica está distribuida em duas jornadas:

I Jornada: A vinda da armada hollandesa. A fuga dos habitantes da Bahia para o Reconcavo.

II A chegada da frota imponente de Dom Fradique. A restauração de São Salvador.

Segundo o estilo das comedias espanholas, em toda peça, havia um “gracioso”, isto é, um personagem comico. Frequentemente era esse um portuguez porque a differença da lingua lhe ajudava a jocosidade. Nesta comedia o gracioso chama-se Machado.

Menendez Pelayo conseguiu descobrir a fonte de que se servira Lope de Vega na composição da

comedia. Foi o informe historico da — Restauracion de la ciudad del Salvador — publicado em Madrid, em 1628, logo depois d'aquelle successo, por Tamoyo de Vargas.

“*El Brasil restituído*” — tem para nós especial interesse, mas certamente não accresce o cabedal de gloria do famoso dramaturgo.

Parece-nos tambem que é a primeira vez, na grande litteratura pelo menos, que o Brasil figura simbolicamente como um *caboclo*.

Nos tempos da separação e independencia tinhamos a mania de sermos todos caboclos. Chegámos ao ponto de trocarmos os nossos nomes portuguezes por outros tupis ou americanos. E' a época em que proliferam na onomastica popular os Tupinambás, os Tupiniquins, os Ges e Acayabas, os Atualpas e Montezumas.

O romantismo de Gonçalves Dias e Alencar prolongou essa predilecção com as Iracemas, Jacys, Aracys.

Ninguem queria ser preto, todos queriam ser caboclos. Hoje, nem uma coisa nem outra; queremos ser brancos e somos ou sel-o-emos.

Consequentemente, o — *Brasil restituído* — foi o primeiro documento litterario do symbolo



nacional do caboclo, tanto quanto alcançamos saber pois que data do seculo XVII.

---

De facto, a peça de Lope de Vega é uma allegoria historica com o entrecho obrigado de um crime passional.

O Brasil é uma mulher, uma india, Brasilia; como nos autos sacramentaes ha a figura da — Religião — encarnada em certa dama espanhola.

Vê-se do desenvolvimento da acção que certa Guiomar burlada em seus sonhos e esperanças por um nobre português, Don Diego, revela entre lagrimas ao seu extremoso pae a desgraça de que foi victima.

O pae de Guiomar era judeu e com outros judeus amigos, sequioso de vingança, trama entregar a cidade ao jugo hollandês, propicio á sua fé. Estava no instincto e na imaginação espanhola essa nova fabula egual á do Conde Julião, na invasão dos arabes.

Como quer que seja, Guiomar aceita a mão de um judeu que a toma e recebe a ella “ya en estado de adelantado embarazo”.

Está assim explicada pela traição do judaismo a conquista hollandesa.



O resto é facil de imaginar. O papel de Brasília não passa de uma pincelada insignificante que contribue apenas para a côr local. E' um elemento do scenario e mais nada.

---

Assim pois, esse grande acontecimento da nosa historia suggeriu ao engenhoso poeta, uma das suas composições allegoricas.

Certamente não passa de uma das suas obras menores que, pela mediocridade do contexto, nunca mereceu a luz da publicidade senão agora, ao fazer-se o inventario completo e exhaustivo do antigo theatro.

Comtudo pareceu-nos que seria uma curiosidade de interesse nacional vulgarizar essa noticia, ignorada, geralmente, de quasi todos nós.

Para um momento de leitura e de distracção intellectual, não deixa de ter qualquer fugaz utilidade.

O que nos parece mais digno de nota é esse *Brasil caboclo* de Lope de Vega que propheticamente precede de dois seculos o *caboclisto* da Independencia.

1920.



# A. R. WALLACE

---

**A**LFREDO Russel Wallace foi um dos grandes nomes da nossa idade; e a sua morte agora noticiada (1) não pode ser indifferente a esta nossa terra que elle perlustrou e amou vivendo a serviço da sciencia por largos annos nas regiões da Amazonia.

Tendo, ao mesmo tempo que Darwin, engenheiro a theoria da Selecção natural, entregou modestamente ao seu emulo toda a gloria dessa idéa que transformou a sciencia contemporanea.

A. Wallace escreveu a narrativa de suas viagens (*Travels on the Amazon*), um dos livros mais curiosos e agradaveis que jámais se escreveram sobre as regiões do extremo norte.

Não tenho competencia para avaliar a importancia das contribuições scientificas que alli se acham esparsas na sua obra que é, de si mesma,

---

(1) Este escripto é de 1914. Saiu n' *O Imparcial*.



brilhante pelo *humour*, pela poesia de todas as paginas.

Poderia aqui falar das suas notas ácerca da vida, costumes, superstições dos indios e da gente mesclada do norte, e da serena condescendencia e tranquillidade com que trata todos os assumptos.

Do seu valor scientifico bastaria aquella nota de Darwin a respeito do amigo e autor da doutrina da *Seleccção natural* que é a perfeita equivalencia da *Origem das Especies*.

“A sua modestia e candura não eram coisas novas para mim”.

Ambos trocaram idéas e verificaram estar no mesmo caminho da verdade. Wallace cedeu a sua parte de gloria a Darwin, que tinha maior somma de pesquisas e mais vastos dotes de generalização.

O livro de viagens de Wallace no Brasil respira alegria e enthusiasmo pela floresta virgem. Lendo-o agora, sob a fascinação do escriptor, apraz-me recordar alguns passos e trechos de observação que me parecem aproveitaveis para um chronista.

Um dos typos mais curiosos, que Wallace conheceu no deserto, foi o de um frade, *bon vivant*, pouco amigo da sua religião. Frei José dos Santos Innocentes, que Wallace encontrou no alto Rio



Negro; era um pandego, contador de historias livres ou obscenas, má lingua, mas alegre e espirituoso. Ninguem como elle conhecia as aneddotas picarescas em que entravam os mais graves personagens da provincia. E arremedava os *tics*, a falla e o *sotaque* das pessoas.

Mercê de suas operações ecclesiasticas, vivia entre os indios de ethica indifferente a esses desvários. Casava, baptizava, convertia, e nas horas vagas biblicamente multiplicava o gentio com a mesma fecundidade do seu genio aneddotico e boçagiano.

Respeitava muito a sua batina, dizia sempre; mas costumava accrescentar, olhando sobre os olhos, *de dia*.

De noite, Frei José naturalmente perdia o tom e a côr, como todos os gatos. Era assim este apostolo do Rio Negro.

Uma occasião (disse elle a Wallace, fallando de uma epidemia de bexigas), por vezes este flagello é uma providencia. "Quando estive em Santa Cruz, da Bolivia, as autoridades lutavam inutilmente contra algumas tribus de indios que devastavam e preiavam as povoações civilizadas; suggereri ao governador que fizesse lançar na floresta



as roupas (que era costume queimar) dos vario-  
losos de um *pueblo* vizinho. Conseguimos, assim,  
extinguir quatro nações de barbaros”.

Wallace percebia que tudo isso era mentira,  
para espantar o auditorio, mas a moral daquelle  
frade obrigou-o a escrever que *Don Juan was an  
innocent compared with Frei José*.

De tempera amavel, boa e generosa, o defeito  
do frade, parece-nos, era a sua incontinencia sen-  
sual e principalmente verbal. A religião não po-  
deria ser responsabilizada pelo descredito do ruim  
apostolo.

---

Outro agrado do livro de Wallace são os con-  
tos que ouviu dos indigenas como o do *Tapir en-  
vergonhado*.

O conto indiano do *Tapir envergonhado* é um  
pouco aspero para ouvidos delicados. Mas, peço  
venia para resumil-o em poucas linhas.

O *Tapir* tem vergonha de suas proprias dejec-  
ções e não pode vel-as sem incoercivel horror.  
Assim é seu costume fazel-as dentro de agua onde  
se mette para essa necessidade e donde escapa ra-



pidamente antes de perceber qualquer flutuação compromettedora.

Foi o caso que certo dia achando-se o *tapir* longe de rio, regato ou lagôa, arranhou astuciosamente uma especie de coifa ou cesta da folhagem onde fez as *suas necessidades* e cobrindo-as de folhagem, tomou a coifa nos dentes para atiral-a na agua mais proxima.

Quando ia apressado neste mister encontrou outro *tapir* que lhe diz:

— Que levas ahi nesta cesta?

— Fructas, respondeu o mentiroso.

— Vamos comer algumas, replicou o intruso que lhe atirou o cesto por terra. Apareceu então o horrivel conteudo, e apavorados os dois *tapires* abalaram em desesperada carreira, cada um para o seu lado; e ainda hoje correm.....

Essa historieta contada por Wallace, como outras do *tapir*, refere-se ao excremento (o *tepo-ty* na lingua tupi) daquelle animal. Donde o fundamento dessa constante referencia?

A verdade é que aparece em outras historias bem diversas como no *Tortoise myths* do saudoso F. Hartt, no *Folklore brésilien* de Santana Nery



nos *Indianer Maerchen* de Koch Grünberg, em situações diversas das que relata Wallace. (1).

Não sei se o leitor gosta, como eu, das histórias populares; acho, porém, muito graciosa outra fabula que ainda não foi colleccionada pelos nossos folkloristas, e que Wallace ouviu da familia de um barqueiro que o levava, rio abaixo, pelo Amazonas.

E' a historia de psychologia universal, do homem que tem medo da morte. E' evidentemente de origem européa. Eil-a:

— Todos sabem que ninguem, quando chega a sua hora, escapa da morte.

---

(1) Eis o texto do naturalista inglez:

"The tapir, they say, has a peculiar fancy for dropping his dung in the water, and they never find it except in brooks and springs, though it is so large and abundant that it could not overlooked in the forest. If here is no water to be found, the animal makes a rough basket of leaves and carries it to the nearest stream, and there deposits it. The Indians tale goes, that one tapir met another in the forest with a basket in ihs mouth: — What have you in your basket? — said the one.

— Fruit, answered the other.

— Let me have some, said the first.

— I wonit said the other; opon which the first tapir pulled the basket from the other's mouth, broke it open, and on seeing the contents both turned tail quite ashamed of themselves, run away in opposite directions, and never came near the spot again all their lives." — A Wallace. — *A narrative of travels of the Amazon and Rio Negro.* — pag 25.



Um sujeito medroso, que não queria morrer, a todos pedia conselho sobre a fatalidade terrível. Disseram-lhe: Faça-se compadre da Morte, pois que a um compadre não se negam certos favores.

O sujeito assim fez; chamou a Morte para madrinha de um dos seus filhos. E logo pediu á comadre que lhe evitasse o doloroso tributo.

— Não posso, compadre, (disse ella). Eu venho a mandado de Deus, e quando chegar a sua hora, V. não pode escapar. Faço-lhe, porém, uma concessão que é o unico favor que lhe posso prestar. Eu virei prevenil-o uma semana antes. V. tomará então as providencias. Mais não posso fazer.

E despediu-se.

O sujeito medroso resignou-se, mas levou a parafusar todos os alvitres possiveis, com o intento de burlar a Morte, naquella semana de dilação que lhe seria dada.

Passados alguns annos, appareceu um dia a Morte:

— Agora, compadre, virei buscal-o na quarta-feira proxima. E' fatal.

O compadre recebeu a noticia tranquillamente; estava já apercebido e tinha preparado o seu estratagema.



No dia fatal fez vestir com as suas roupas um preto velho que lhe servia de cozinheiro, pôz-lhe á cabeça o seu chapéo e mandou-lhe que ficasse passeando á frente de casa.

Evidentemente, a Morte tomal-o-ia pelo patrão.

Ao mesmo tempo elle, pobre diabo medroso, pela sua parte, encarvoou todo o rosto, vestiu os farrapos do preto e foi para junto do fogão.

Mas, ou fosse casual desencontro, ou fosse que o preto se esgueirasse para a venda da esquina, o certo é que a Morte entrou sem ser presentida.

A dona da casa, afflicta, murmurou apenas: — O seu compadre deve estar ahí perto, á frente da casa.

— Não é preciso incommodal-o, disse a Morte. Farei favor mais completo. Desta vez eu levo apenas aquelle preto velho que alli está ao fogão.

E levou-o.

1914.



# A NOVA THEORIA

---

S EMPRE me pareceu que alguns apontamentos de origem allemã, sem exceder os modestos limites de mera curiosidade, davam apreciavel interesse ás — “Notas de um estudante”.

A Allemanha ainda é um paiz longinquo para o nosso povo, e está fóra das nossas preoccupações habituaes de espirito.

Essa singularidade que felizmente cada vez mais se apaga e desaparece explica a intenção e a assiduidade dos nossos themas mais preferidos.

---

Não é só assombroso o movimento scientifico e philosophico da Allemanha nestes ultimos annos.

A litteratura de ficção allemã tambem é para todos nós uma terra incognita e indesejavel. As suas obras, os seus romances e novellas, uns inspirados na energia, outros no derrotismo, são



quasi desconhecidos. Prometto, se houver oportunidade, dizer alguma coisa dessa dupla corrente do pensamento e da esthetica germanica.

Mas quanta variedade e quanta vida nos dominios da sciencia pura!

Em passada oportunidade falamos de Einstein que attingiu a altura de um Copernico ou de um Newton, e escrevemos ácerca de Steinach que pretende rejuvenescer a velhice, e falamos de muitos outros...

Na philosophia e principalmente na philosophia da historia, agita o mundo a ousada concepção de O. Spengler que nos descreve a ruina da civilização actual, a quéda do Occidente (der Untergang des Abendlandes) num livro que produziu profundo espanto entre philosophos e historiadores.

No mundo anglo-saxonio já se falou do — “spenglerismo” — como se fosse uma intuição nova e uma philosophia do presente.

Spengler dá por esgotada a vaidosa civilização de hoje; estudando com rigor systematico a morphologia politica, economica, e moral, constata a decrepitude dos orgãos sociaes e á sua proxima dissolução.



Toda essa actividade mental que a guerra ia eclipsando agora reaparece em todo esplendor.

Está nesse numero a famosa theoria dos “quantums” que marca uma epoca na sciencia da physica geral. E’ a — “Quantentheorie” — de Max Planck.

Tenho a informação, de um dos nossos amigos, de que um professor da Sorbona vae este anno fazer um curso acerca da theoria nova.

Era já tempo. Pela sciencia e pela arte é que os povos esquecem as suas velhas discordias e inimizades.

A enorme attenção despertada pela theoria da relatividade de Einstein deixou um pouco na sombra o nome de Max Planck, que é um dos maiores da physica.

No seu discurso de reitorado em Berlim, em 1913, já havia M. Planck desenvolvido com magistral clareza a nova doutrina.

A “theoria dos quantums” destroe um antigo preconceito que dominava toda a physica, o dogma aristotelico que sempre se enunciou em latim: “Natura non facit saltus”. Todos os movimentos eram considerados, dogmaticamente, continuos e ininterruptos.



Essa idéa geral que dominou toda a sciencia parece agora absolutamente insustentavel. A natureza, realmente, dá saltos e saltos de qualidade singular.

Suppunha-se que as forças immateriaes, o calor, a luz e a electricidade, agiam sem intermissão nem discontinuidade; assim foi que nasceu a hypothese geral até agora admittida da propagação por ondas. A theoria das ondulações continuas das forças physicas, não tem mais razão de ser. Parece que da explicação de Huygens (quanto á ondulação da luz) se vae voltar a algo semelhante á hypothese de Newton.

Muitas experiencias pouco a pouco reunidas vieram provar que a ondulação continua, a propagação ininterrupta, constituia obstaculos inexplicaveis. Foram principalmente os phenomenos da thermo-dynamica e da radiação do calor que primeiramente mostraram o erro e a impossibilidade da antiga theoria.

Alguns physicos que estacavam diante d'essas difficuldades, recorriam a gratuitas correccões; Max Planck resolveu atacar a theoria em seu reducto e conseguiu demonstrar que o espantallo não valia coisa alguma. Com experiencias successivas chegou a verificar que a radiação do calor



não é continua, mas vae por pequenos saltos numerosos e como poude medir esses saltos em "quantums" elementares, formulou a sua famosa theoria dos "quantums".

Desde logo a doutrina de Max Planck foi como uma chave para a solução de numerosos enigmas, cuja decifração parecia adiada. A "quantumidade" da energia verificada nas radiações calorificas se estendeu experimentalmente a qualquer especie de radiação, optica, electrica, ou outra qualquer. E assim toda a physica teve que reformar as suas hypotheses anteriores.

Faz notar judiciosamente F. Reich no seu livro sobre a theoria dos *Quantums* que as pequenas causas na historia das sciencias frequentemente originam grandes effeitos.

A mera verificação de que o movimento da terra nada influe de apreciavel sobre a referida diffusão da luz segundo as experiencias de Michelson e Morley, produziu a maior concepção dos nossos dias, a theoria de Einstein.

Da mesma arte a revolução de toda a physica com a theoria dos *quantums* derivou de medida e calculos de pequenas differenças na radiação dos corpos negros.



Dahi tirou Planck a doutrina dos “elementos da energia” que não deu ainda todos os desenvolvimentos possiveis.

---

Vê-se a enorme extensão e a derrocada de varias doutrinas admittidas até agora.

Os grandes physicos do mundo inteiro occupam-se hoje em dia com a theoria de Planck. O proprio Einstein trabalhou no mesmo sentido acerca dos “quantums” da luz; outro physico de Munich occupou-se das linhas do espectro, e cita-se como excepcionalmente notavel a contribuição do joven physico dinamarquez Niel Bohr, que formulou uma nova theoria dos atomos, fundada na doutrina dos “quantums”.

Ninguem pôde avaliar os resultados enormes pela diffusão e desenvolvimento que vae tendo a nova theoria.

---

O doutor Lewinsohn em breve nota, conclue que seria talvez ridiculo applicar a nova theoria ás correntes espirituaes do nosso tempo.



Onde a ridiculêz?

São radiações verdadeiras, embora de outra especie; entretanto, foi sempre a unidade da sciencia que forneceu aos estudos sociaes as suas theorias e hypotheses.

Todo o seculo XIX, elle mesmo o relembra, viveu impregnado de evolucionismo. A *evolução continua* foi a theoria tanto da natureza como da historia.

O primeiro golpe nas sciencias naturaes foi desfechado por De Vries com a theoria das mutações. Começou a comprehender-se que a vida organica dava saltos.

Ha phenomenos de apparição explosiva.

“O seculo XX marca uma Nova Fé que se pode dogmatizar com o novo aphorismo — “Natura facit-saltus”.

---

#### NOTA FINAL

A essa theoria se ligam estreitamente as ultimas pesquisas a respeito da estrutura intima dos atomos. Esse é um dos maiores progressos da physica moderna.

Até ha pouco tempo a noção vulgar do atomo éra a de que consistia no limite minimo da divisibilidade e da



materia. Desta arte o atomo não tinha nem podia ter qualquer estrutura apreciavel. Era como se disse "a ultima realidade".

Os resultados, porem, de estudos das correntes electricas através dos gazes e as recentes pesquisas da radioactividade vieram revelar uma nova intuição atomica.

Verificou-se afinal que o atomo tem a apparencia de um systema planetario em que um nucleo (o *sol*) sempre carregado de electricidade positiva está cercado de *planetas*, isto é, de pequeninas particulas electro-negativas que compensam e tornam neutral todo o atomo.

Esta estrutura indica uma classificação nova: cada atomo tem o seu numero, que é o dos electrones que acompanham o nucleo.

Assim o hydrogenio que é o mais leve dos elementos tem um nucleo e só um electrone. O helium tem dois electrones e enfim o Uranium, o mais pesado dos elementos, tem em seu systema noventa e dois planetas, isto é, noventa e dois electrones.

O nucleo de cada atomo tem uma carga positiva tanto mais forte quanto maior é o seu conhecido peso atomico, que serve, pois, para discriminar o atomo no systema periodico dos seus elementos.

Dois grandes physicos Bohr, apoiado nas theorias dos quantums de M. Planck podem ser considerados ao lado de Moseley e Millikan, os verdadeiros creadores da nova intuição.

O proprio nucleo dos atomos ainda que não esteja completamente explorado, parece invariavel; o atomo do ouro quaesquer que sejam as perturbações e variações dos seus



electrones é sempre no seu nucleo o mesmo atomo de ouro; entretanto, ha casos que parecem indicar que os nucleos atomicos são instaveis ou compositos.

Nos corpos radio-activos verifica-se uma explosão do nucleo pois que a particula por elles expedida é um atomo de Helium, que perdeu seus dois electrones.

Assim o provam as ultimas pesquisas de Rutherford e Moseley em experiencias que não podiamos, aqui, relatar pelo seu caracter excessivamente technico. Quanto ao movimento dos electrones em redor do nucleo que comparamos aos dos planetas, ha todavia uma differença fundamental a saber que no systema planetario, o curso dos planetas depende da formação original do systema ao passo que o movimento dos electrones depende apenas da carga electro-positiva do nucleo; o processo que ahi se realiza é sempre dscontinuo (theoria dos *quantums*) .

Por isso que os electrones representam a materia em sua maxima energia, pode-se dizer que de facto em sua natureza de quasi-luz e de pura força, são elles a ultima realidade da materia.





# O PRIMEIRO POVOA- MENTO DO BRASIL

---

**S**EMPRE me pareceu obscura na historia nacional a indifferença ou inacção de Dom Manoel, logo depois do descobrimento do Brasil.

Todos os historiadores e chronistas antigos e modernos ("anche io"... ) declaram que o primeiro quarto do seculo do descobrimento escoou sem o menor vislumbre de interesse pela terra descoberta.

Essa abstenção do rei afortunado deve ter sentidos reconditos ou subtis que passaram despercebidos.

Quaes seriam elles?

Eis o problema.

As razões visiveis ou mais correntes resumem-se na crença de que a Dom Manoel pouco importava o Brasil. Vivia o rei preocupado com o Oriente, com as fabulosas riquezas asiaticas que desafiavam a ambição e a curiosidade do mundo.



Será verdade, mas não toda a verdade.

E' sempre perigoso o manejo de provas que provam de mais. O sonho ou o mytho do Oriente nunca se traduziu em negligencia pela Africa; tão pouco neste caso se ha de aceitar o descaso pela America.

Pois não foi essa mesma America que armou em contenda e poz em armas os dois grandes povos hispanicos? Não foi acaso o descobrimento de Colombo o primeiro pomo de discordia?

Ahi é que, entendo eu, se deve buscar a decifração do enigma.

Não foi com o Brasil que se propôs a primeira duvida quanto aos limites longitudinaes de Portugal e Espanha.

E' possivel acreditar que dessa falta de intelligencia reciproca é que resultou o esquecimento ou antes o adiamento provisorio da colonização do Brasil.

Se assim foi, a hypothese da attenção absorvente pela India, com ser real e verdadeira, em nada impede o interesse apenas procrastinado da colonização.

Já os portuguezes haviam iniciado a colonização até das mesmas terras que não tinham gente



como as dos Açores; não era, pois, o trafego mercantil o unico incentivo colonizador.

Examinemos a questão em seus antecedentes.

A bulla de 1493 de Alexandre VI, dividia o mundo entre Espanha e Portugal segundo um meridiano a cem leguas ao occidente de qualquer das ilhas dos Açores ou de Cabo Verde.

Isto dizia o texto, em latim:

— *Quæ linea distet a qualibet insularum quæ vulgariter nuncupantur “de los Azores” et “Cabo Verde” centum leucas versus occidentem.*

Não podia haver meridiano mais indeterminado e impreciso do que esse, como se está vendo. “A cem leguas dos Açores ou Cabo Verde” como se esses archipelagos estivessem sob a mesma linha meridiana.

Tudo isso prova a inexactidão das longitudes naquelle tempo ou a ineptia diplomatica.

De qualquer maneira, a America escapava ao imperio portuguez. Dom João II, reclamou insistentemente até que enfim o meridiano alexandrino na capitulação de Tordesilhas, no anno seguinte, 1494, foi affastado para 370 leguas a oeste.

Entrava assim a America nas possibilidades portuguezas. E sem acaso.

“La raya”, como lhe chamavam os espanhoes, estava já fixada quando seis annos depois se descobria o Brasil.

A colonização podia ser logo iniciada. As explorações no primeiro decennio incrivelmente mais rapida que as da Africa revelaram quasi todo o continente austral americano.

O reconhecimento preliminar das terras se perfazia tranquilamente e podia dar-se por acabado.

---

A colonização, entretanto, não foi iniciada porque a questão aberta com o meridiano alexandrino não terminara em Tordesilhas, sem embargo da victoria e ganho de 10 grãos alcançados pela diligencia dos portugueses.

A questão reaccendeu-se, de facto, com a viagem de circumnavegação de Magalhães. Este glorioso navegador, considerado portugûês desleal...

entre portugueses  
alguns treedores houve algumas vezes

havia realizado o periplo maximo do mundo. Os seus navios póstumos chegavam á Espanha carregados de especiarias.



Portugal logo levantou irado protesto contra a violação das pazes feitas quanto ao commercio do Oriente. Restava saber se as ilhas do Maluco estavam dentro do hemispherio espanhol ou do portuguezs. A imperfeição dos methodos de longitude ainda augmentava a confusão do litigio.

Nesse momento o rei talvez hesitasse e não seria improvavel cogitar das primitivas cem leguas da linha de Alexandre Borgia a qual punha toda a Asia dentro do imperio portuguezs.

Era difficil de supportar que um portuguezs despeitado que saiu a ladrar em Castella tomasse tão grave desforra contra a patria.

Tratou-se de novo. A questão não podia ser outra senão esta: ceder na America para ganhar no Oriente, visto como os meridianos são pouco elasticos.

E a verdade é que o rei portuguezs não queria ceder aqui nem ali. As juntas dos "jueces de propiedad", das duas nações reuniram-se em 1524, entre Elvas e Badajoz. Os portugueses sophismavam e obstruiam, pois que não tinham razão. O accordo tornou-se impossivel e só mais tarde com o casamento de Carlos V ("tu, felix, Austria nubes...") com uma princeza de Portugal, é que



cessaram as divergencias e as Molucas passaram a Portugal, em 1529.

---

Que concluir desse litigio que enchia quarenta annos?

A conclusão verosimil é que a colonização seria imprudencia ou precipitação.

Não só a terra podia entrar em litigio, como a attenção do rei e a sua vontade eram conserval-a sem perder ou comprometter os dominios asiaticos.

Supponho, pois, que foi essa longa dilação das negociações diplomaticas a causa principal do supposto olvido, esquecimento ou descaso que soffreu o Brasil no reino de Dom Manoel.

Logo que foi resolvida a pendencia, a colonização começou com as primeiras capitánias. Mas Dom Manoel já descansava no tumulo.

---

Eis porque todo o reinado de Dom Manoel apparece inutil e vasio na historia do povoamento.

Por nós trabalhava silenciosamente a sua diplomacia.



## O DESCOBRIMENTO DA AMERICA

---

O descobrimento da America, graças á erudição e aos trabalhos da critica historica, offerece hoje em dia aspectos novos e interessantes.

Apesar das repetições infindaveis dá tradição uniforme dos livros e das historias vulgares, não é mais possivel admittir com facilidade que Colombo se achasse inspirado pelo pensamento genial de attingir o oriente pelo caminho occidental.

Operou-se agora uma inversão de taes valores. A antiga legenda foi toda architectada pela familia de Colombo por engrandecel-o aos olhos do mundo e dos posteros.

Provavelmente; porque, foram della grandes esteios o historiador das Indias Las Casas (1571) e mais tarde (1601) Herrera, que o repete, e ambos se inspiram nos archivos da familia do geno-



vês ou no que ella aprazia communicar, ciosa dos  
grandes feitos que a Castella

un nuevo mundo  
dió Colon.

Deu-o de facto. E seria toleima desconhecer a  
immensa gloria do navegador genovês.

A verdade, porém, é que Colombo não buscava  
as terras orientaes, nem a India, nem sequer a  
Asia.

Sua tenacidade applicava-se a revelar um  
phantasma da imaginação do tempo: descobrir a  
supposta "Antilia", que se presumia existir nos  
mares de oeste, para além dos Açores.

Era uma fabula corrente na phantasia divi-  
natoria de marinheiros e navegantes.

---

O conselheiro da embaixada americana em  
Paris, Henry Vignaud, uma das maiores autori-  
dades na historia de Colombo e do descobrimento  
da America, reduz severamente ás mais modestas  
proporções o feito a que as consequencias então  
incalculaveis, emprestaram o valor de revelação  
divina.

O descobrimento da America, se é certa e se-



gura a sua critica, não seria mais que um episodio de natureza casual, contido no cyclo das navegações portuguezas.

---

No proximo dia 12 de Outubro celebraremos esse feito, e é melhor interpretal-o como uma inspiração divina, qual nol-a retrata o poeta:

Vae, Colombo. Abre a cortina  
Da minha eterna officina...  
Tira a America de lá.

Colombo, exaltado, visionario e supersticioso, tinha estofo sufficiente para obedecer a influxos superiores, mais da aventura que da sciencia.

Não era cosmographo, nem navegador. Era um inspirado.

Podemos comparal-o áquelles remotissimos seres que foram os primeiros, em épocas geologicas obscuras, a sair da agua para desembarcar na terra e iniciar os prodigios imprevisiveis da vida terrestre.

Mas quantos "eons", quantos millenios foram precisos para crear no planeta essa audacia monstruosa!

---

Os documentos que formaram a tradição da epopéa marítima de Colombo, reunidos, para significar o altiloquo pensamento do “levante por el poniente”, são papeis apocryphos uns, inexistentes ou ainda inacreditaveis, outros.

Colombo parece não ter nunca adivinhado a possibilidade, como ahi se allega, de attingir pelo occidente as Indias asiaticas, as terras das especiarias.

O proposito que elle proseguia era o de achar uma ilha imaginaria, a “Antilia” ou “las Sete ciudades”, especie de fabula do tempo de tantas viagens, tantas mentiras e tantos mythos geographicos. Os descobrimentos geraram fabulas e patranhas como a do reino do “El Dorado”, a “Ciudad de los Cesares” e “las Batuecas” da península que quando, mais tarde, desacreditadas deram talvez origem ao vocabulo americano das “potocas”.

Ora a “Antilia” era uma terra de “batuecas” e nada mais; Colombo quiz descobri-la como tantos outros mais tarde pensaram surprehender o “El Dorado”.

Esse mytho da “Antilia” enchia a época de Colombo e já figurava nas cartas geographicas



antes das suas viagens. Foi bebido no ambiente português, talvez nos papéis de Perestrello, o colonizador da Madeira e sogro do genovês. Assim o confessa o seu filho Fernando e o repete Las Casas.

Assim, de facto, Colombo era um discípulo da arte náutica portuguesa, do seu ambiente espiritual, e nella exclusivamente se inspirou para tentar o descobrimento da "Antília" que veio, de facto, a ser a America.

Outras circunstancias encaminham essa convicção de que jámais passára pelo espirito do genovês a idéa geral, e sumptuosa, do "orientes pelo occidente".

Seus planos eram vagos, diffusos e muito mais modestos. Dom João II ouviu-o com alguma attenção, submetteu suas propostas a uma junta de cosmographos. E o maior resultado, de tudo isso, foi mandar o rei de Portugal uma caravela de exploração em busca da fabulosa ilha, com o intuito de desenganal-o.

Colombo teve grande pesar dessa desconfiança, tornou-se precavidamente mais reservado e passou á Espanha.

---



Nessa outra phase da sua peregrinação, nunca se falou na côrte dos Reis Catholicos do novo caminho para as Indias.

No accordo com os soberanos catholicos apenas Colombo se refere a certas ilhas que deviam ser descobertas.

Do seu tempo é Oviedo que o conhecia pessoalmente e a alguns dos seus companheiros; e é incrível que esse escriptor nada mencione do projecto de alcançar as Indias. Em todas as suas cartas declara que o objecto da viagem era o de certificar e descobrir as ilhas que realmente descobriu.

Gomara repete a mesma coisa. Como é possível admittir que concordassem sobre assumpto tão grave ?

Nenhum delles se refere ao supposto plano de Colombo em 1492 tão vulgarizado na legenda e na tradição.

Quando não contradizem, emmudecem.

A mystificação pode ter só uma unica origem: o interesse ou o proposito da familia de Colombo. Foram os seus descendentes que crearam o mytho de — “el levante por el poniente” — a fabula de que o genovês promettera a Castella um novo caminho occidental para as Indias.



Tudo concorre para certificar-nos dessa provavel mystificação. A carta attribuida a Toscanelli, na qual o astronomo, em 1474, aconselha ao rei de Portugal o tentamen do caminho da India, até hoje nunca foi authenticada; o documento, que seria decisivo, perdeu-se. Só a “familia de Colombo” a conheceu.

Tambem se perdeu o primeiro diario de Colombo na primeira viagem. O que delle sabemos é uma analyse, assaz posterior, de Las Casas!

Em Palos a tripulação recusava embarcar sob pretexto de que a famosa “Antilia” era uma miragem, e ahi temos o testemunho do piloto Agron, que affirma ser o pensamento de Colombo desvendar o mytho daquela ilha fabulosa.

Tanto isso é verdade que o nome da legendaria ilha, collocada, antes, na região dos Açores, foi o escolhido para designar os archipelagos descobertos. Já no mappa portugûes de Cantino (1502) apparecem no logar proprio, com a designação de — “Antilhas del Rey de Castella”.

A grande aventura de 1492 fica assim limitada, nos seus primordios, a um episodio da tradição e da arte nautica portuguesa. Com ser grande, Colombo é em verdade um epigono.



Ninguém cria em um — “Novo Mundo” — nem na Índia colombina.

Apenas um companheiro do genovês proseguia em proposito differente. Era Pinzon, que chegava da Italia e pensava em attingir o “Cypango” (Japão) contra e independentemente das idéas de Colombo.

Esse proposito de Pinzon e a descoberta da “Antilia” mysteriosa parecem ter sido os unicos moveis da aventureosa empresa de 1492.

Acharam mais do que queriam e pensavam achar. Descobriram a terra do futuro (1).

1922.

---

(1) A synthese da critica de H. Vignaud está no seu proprio punho,, resumida em — ‘The Living Age’ — de julho, 15, de 1922, no ensaio — ‘How America was really discovered’.

Vignaud é conselheiro honorario da embaixada americana em Paris, tem hoje a bella idade de 92 annos; gastou toda a sua vida a especializar-se na historia colombina.



## PROBLEMAS DA NOSSA HISTORIA LITERARIA

---

---

**A** nossa historia literaria está cheia de problemas e enigmas abstrusos.

E' enorme nella a materia indeterminada ou controversa. Cada passo é disputavel e inseguro no largo e obscuro periodo da colonia, em que tudo se encadeiava para lá, á vida da metropole, em que do lado de cá, os elos de qualquer corrente não tinham sequencia e sempre nos pareceram discontinuos.

Eis agora um caso, um pouco molesto e fatigante que vae accrescer o tedio do meu thema de hoje.

O inconfidente poeta Claudio Manoel da Costa, ao prefaciari o seu poema — "Villa Rica" — que deixou manuscrito, levantou o véo a certa imagem inteiramente obscura e ignorada, á de Diogo Grasson (ou Garção) Tinoco, autor de uma antiga epopéa das bandeiras.

---



Este Diogo Grasson Tinoco viveu na ultima metade do seculo XVII como bem indica o seu poema "feito no anno de 1689".

E' a primeira epopéa escripta e inspirada na aventura dos bandeirantes e no descobrimento das minas. O seu heroe é o "caçador das esmeraldas" Fernão Dias.

Hoje só conhecemos dessa composição épica em oitava rima quatro estancias citadas por Claudio Manoel da Costa no — "Fundamento Historico" — que serve de prologo ao poema da — "Villa Rica" .

Claudio Manoel da Costa, para rememorar o argumento do seu poema, escreveu uma "preliminação historica" com o intuito de protestar inteira fidelidade á tradição e á verdade dos factos naquelle tempo adulterados ou desconhecidos.

As quatro estancias são as seguintes que publicamos para juntar á unica voz que as revelára a nossa tão remota e distanciada:

#### Estancia XXVII:

Lendo-a Fernando, achou que El-Rei mandava  
Dar-lhe ajuda e favor para esta empresa,  
E em ajuntar mantimentos se empenhava  
Com zelo liberal, rara grandeza;



Mas por que exausta a terra então se achava,  
E convinha o soccorro ir com presteza,  
Mandou-lhe dar cem negros carregados  
A' custa de seus bens é seus cuidados.

#### Estancia XXXV :

Parte enfim para os serros pertendidos,  
Deixando a patria transformada em fontes,  
Por termos nunca usados, nem sabidos,  
Cortando mattos, e arrasando montes.  
Os rios vadeando mais temidos  
Em jangadas, canoas, balsas, pontes,  
Soffrendo calmas, padecendo frio  
Por montes, campos, serras, vales, rios.

#### Estancia IV :

Isto supposto, já para a jornada  
Manda á patria buscar quanto a seu cargo  
Incumbe, pois que a fabrica guiada  
Destruida se vê do tempo largo ;  
Determina á fiel consorte amada  
Que a nada do que pede, ponha embargo,  
Inda que sejam por tal fim vendidas  
Das filhinhas as joias máis queridas.

#### Estancia LXI :

Era o Silvestre moço valeroso,  
Sobre nervudo, de perfidia alheio,



O gesto respirava um ar brioso,  
Que nunca conhecera o vão receio.  
Pintado de urucú vinha pomposo,  
E o labio baixo roto pelo meio,  
Com tres penas de arara laudado,  
De fléchas, de arco e de garrote armado.

---

Eis ahi tudo o que resta do nosso mais antigo poema épico das bandeiras, escripto sob o tumulto dos maravilhosos feitos dos paulistas.

Quatro estancias apenas, e nada mais. Ninguem conhece as estancias restantes e nenhuma noticia e informação existem do poeta.

E' possivel que com tão escassa materia o problema tenha qualquer solução? Diogo Grasson Tinoco era talvez paulista ou vivia entre paulistas e acaso tomou parte em qualquer dos primeiros bandos que devassaram a região das minas. E' mais uma figura para o romance e a lenda que para a historia.

---

Vivia essa duvida em sua propria escuridade, quando me surprehendeu outra noticia inesperada do poeta.



Encontrei-a nas “Noticias Soteropolitanas” — agora impressas.

As — “Noticias Soteropolitanas”, (isto é, da cidade do Salvador, da Bahia) formam uma verdadeira geographia e historia local do Brasil no seculo XVIII.

Essa obra menos valiosa e menos systematica que a de Aires do Casal, sendo-lhe anterior mas a certos respeitois mais completa, jazia esquecida e manuscrita; foi agora, felizmente, editada e enriquecida de notas proveitosas pelo eruditissimo professor Braz do Amaral, da Bahia, a quem a nossa historiographia deve inestimaveis serviços.

O seu titulo geral é — “Cartas de Vilhena”.

Luiz dos Santos Vilhena, autor das “Noticias Soteropolitanas” escreveu-as pelos fins do seculo XVIII na Bahia, onde fôra professor regio da lingua grega. As suas preoccupações hellenisticas revelam-se no proprio titulo da obra e nas pessoas que figuram no correr das epistolas (Filopono, Aletheya, Patriphilo, etc.)

Neste curioso livro, cujo espesso conteudo se achava já preparado para o prelo desde 1800, volta de novo, e é a segunda vez, o nome do poeta Diogo Grasson Tinoco e com a reproducção de



uma estancia que infelizmente é a ultima citada em Claudio Manoel da Costa, de modo que o espolio do poema perdido não augmentou um só verso.

Entretanto, a citada — “Cartas de Vilhena” — offerece novas duvidas, pequeninas, mas dignas de exame.

O primeiro verso da oitava em Claudio Manoel.

Era o Silvestre nosso valoroso

parece indicar um nome de pessoa, quando apenas equivale a designação de — “o joven indio” — aqui chamado o silvestre (e “nosso” por “moço”) o habitante das selvas, e, aliás, o contexto de oitava não deixa duvidas; um Silvestre, christão e civilizado, com o labio roto pelo meio, coroado de pennas de arara e pintado de urucú, é inteiramente inverosimil e absurdo.

Outra pequena discrepancia é que a estancia designada como a quarta em Claudio Manoel da Costa é erro evidente, pois que ella narra successos posteriores aos de outras.

Tambem o nome do poeta em Vilhena (Garson ou Garção, é muito mais aceitavel que Grasson) parece ser o verdadeiro.



São pequeninas nugas que, entretanto, avultam com o problema principal, que é o de saber e determinar a fonte de que se serviu o professor Vilhena.

Toda gente sabe que o — “Fundamento Historico” — do poema “Villa Rica”, de Claudio Manoel foi publicado pela primeira vez no periodico “O Patriota”, do Rio de Janeiro, em 1813. Não se póde, pois, admittir que Vilhena em 1800 conhecesse essa publicação.

Podia, porém, conhecer qualquer cópia manuscrita que lhe viesse ás mãos na Bahia.

Eis a questão difficil de resolver.

---

E' possivel ainda conjecturar outra hypothese: de que ambos, Vilhena e o inconfidente mineiro, autor do “Fundamento”, beberam em fonte commum e mais antiga.

E essa podia ser a das notas manuscriptas do paulista Bento Furtado.

Mas, como affirmal-o sem provas?

Apenas certos signaes parecem confirmar uma ou outra das duas hypotheses; porquanto a



Carta XVIII de Vilhena é paraphraseada e por vezes literalmente copiada do texto conhecido do — “Fundamento Historico”.

Não temos espaço sufficiente para cotejos e confrontos neste lugar; mas quem quer que examine com attenção logo se convencerá de que Vilhena copia Claudio ou ambos copiam autor e texto ignorados.

São agora novos problemas que ficam a desafiar a perspicacia e a erudição dos futuros historiadores da nossa literatura.

Não é de somenos importancia o intrincado enigma offerecido aqui á pesquisa dos eruditos, pois que se trata do primeiro poeta dos bandeirantes e do descobrimento das esmeraldas, do precursor do saudoso Olavo Bilac.

E’ esse o caso que offereço á curiosidade dos estudiosos nossa historia literaria.



# EINSTEIN E A QUESTÃO DO ENSINO

---

**N**ão fui, uma vez sequer, ao Congresso de Ensino.

De longe, porém, li e meditei acerca das questões que ali se agitaram.

E por útil diversão reli um capítulo do professor Einstein, que versa de modo geral sobre o ensino.

O capítulo está numa obra do ensaísta Moszkowski (de quem uma vez falei neste mesmo lugar). Moszkowski é um escriptor profissional á maneira de Chesterton, fertilíssimo em paradoxos e em idéas novas. A sua obra, o Mundo pelo outro lado — “Die Welt von der Kehrseite — mostra a sua diabolica fascinação pelo reverso das coisas.

Philosopho, estylista e espirito de grande cultura, Moszkowski pôs-se a entrevistar Einstein acerca de todas as questões de actualidade e foi desses interessantes dialogos que compôs um livro tranquillo e de magnifica reportagem,



Nunca vi o livro que eu conhecia apenas de resenções das folhas que o compararam aos entretenimentos de Goethe e de Eckermann.

Foi para mim um dia de prazer quando recebi da captivante gentileza de Medeiros e Albuquerque um exemplar da traducção inglesa.

Não era o original como eu agora desejaria, mas fio-me da fidelidade do traductor.

Das entrevistas de Einstein, escolho neste momento a parte em que se resumem as suas idéas acerca do problema da educação.

Não sei se os paradoxos habituaes de Moszkowski contagiaram a severidade habitual do grande sabio. Não é provavel.

Em qualquer caso, o dialogo é curioso, interessante e instructivo, e ha em todas as suas linhas a intelligencia e o sentimento das verdadeiras reformas que o ensino das humanidades parece reclamar em todo o mundo.

Ouçamol-o.

— Para falar com absoluta sinceridade (disse Einstein), em minha opinião o valor educativo das linguas tem sido muito e muito exaggerado.

Moszkowski tomou a liberdade de recordar ao mestre uma proposição que é considerada proverbialmente irrefutavel entre certos homens de estu-

do. O dito de Carlos V de que cada lingua que se aprende ajunta ao homem outro homem novo: — “Quot linguas quis callet, tot homines valet”. Ha tres ou quatro homens no individuo sabe tres ou quatro linguas.

— Duvido muito desse aphorismo, disse Einstein, sem prova razoavel em qualquer tempo. A experiencia desmente-o. E se assim fosse, as mais altas posições intellectuaes caberiam a atletas linguisticos, como Mithridátes ou o cardeal Mezzofanti. Ora, se ha provas nesta materia, estão justamente do lado opposto: as mais fortes personalidades, aquellas que mais trabalharam pelo progresso, não se distinguiram jámais em conhecimentos linguisticos, e antes sempre se queixaram de taes e inuteis sobrecargas da memoria.

Moszkowski, neste passo, lembra que os exageros da educação escolar degeneram em esteril pedantismo. Nietzsche começou a ser o philosopho notavel que é depois de abandonar por uma vez a philologia. E hoje, em todos os institutos, ao contrario do outro tempo, está assáz reduzido o ensino do latim e do grego.

— Eis um signal de progresso, interrompeu Einstein, e um resultado de que já se delineam os verdadeiros intuitos da escola. O homem deve ser



educado "to react delicately", isto é, para adquirir e desenvolver "musculos intellectuales". E os methodos da linguagem muito pouco se conformam com esse proposito de dar maior agudeza aos nossos reflexos.

O interlocutor aborda a questão dos estudos mathematicos. Ha, em verdade, muita gente de consideravel intelligencia que fica atacada de estupidéz diante da mathematica. Medicos, legistas, historiadores, literatos ainda sentem o pesadello terrivel dessa prova de fogo da idade juvenil. E esse horror é justo porque se elles conseguiram mais ou menos apprehender alguns fragmentos de latim ou de historia, inteirar-se pelo menos da natureza dessas materias, entretanto a sua incompreensão da mathematica, desde o inicio, inutilizara-os para o deante, e para sempre. Apresentaram-lhe esphinges e enigmas cada vez mais intrincados. Isso aconselharia pelo menos a instituir um "curriculum" especial adaptavel a talentos individuales refractarios a esse ramo do ensino.

— E' o que já tem sido feito em alguns paizes (respondeu Einstein), como a França e a Dinamarca, mas não no gráo que julgo desejavel. Todavia, tenho duvidas a este respeito, e não estou convencido de que esses tormentos se deprehen-



dam da ausencia de talento dos estudantes. Inclino-me muito mais a admittir em taes casos a culpa e responsabilidade dos mestres. Muitos desses professores gastam enorme tempo formulando “questões para descobrir o que o alumno não sabe”, enquanto que a verdadeira arte de questionar deve ter o proposito de “descobrir o que o alumno sabe ou é capaz de saber”. Onde quer que occurram semelhantes erros, em qualquer ramo de sciencia, a falta é sempre do mestre. Os proprios resultados da classe offerecem um indice seguro das qualidades do preceptor. Tomadas todas as coisas em consideração, a media de aproveitamento, com pequenas fluctuações, deve ser sempre satisfactoria. Se o progresso das classes fica abaixo desse nivel, a conclusão é que se trata de um instructor inefficiente. Ha mestres que sabem muito, mas não sabem como ensinar, e eis ahi a origem de perturbações taes. E’ preciso que o mestre saiba, não fatigar e espantar, mas “interessar”, de maneira que as almas juvenis estejam em resonancia e sympathia, em perpetua curiosidade.

— Isto é em si mesmo um postulado ideal. Se o admittirmos como realizado, de que modo desejaes ver distribuidas as materias do “curriculum”?



— Deixemos essa discussão para outra oportunidade, replicou Einstein. Um dos pontos principaes será a economia de tempo e tudo quanto é superfluo, aborrecível ou de pura gymnastica deve desaparecer. Hoje, o principal de todo o curso é obter um “certificado” final. Este certificado não deve existir mais.

— E’ sério isso, professor? Pois então se ha de acabar com os exames para a matricula universitaria?

— Exactamente, disse Einstein. Deve acabar-se com esse temeroso monstro sempre de guarda ás portas da escola. Se fôr eliminado desaparecerão os terrores de que falaes. Não se aprenderá mais a enormidade de coisas que se vão esquecer e merecem esquecidas. Voltemos á Natureza que nos ensina o divino principio de alcançar o maximo effeito com o minimo de esforço. O exame final é exacta e diametralmente o opposto dessa lei natural.

— Sim, obtemperava Moszkowski. Restaria saber quaes os que estão no caso de entrar para a universidade.

— Estará no caso todo aquelle que se mostrar capaz. O professor será o juiz e dirá quem é o qualificado, sem essas provas cruciaes de puro



accidente. O proprio comportamento do alumno, as suas notas pessoais de progresso e sufficiencia bastam. Ha evidente sobrecarga de estudos inuteis; a maior parte daquillo que se chama — “Historia Universal” — não passa de aridas taboadas de nomes e de datas. E ainda esses nomes, em grande parte, nada significam. Não considero desgraçado o rapaz que ignora os feitos de Alexandre o Grande, ou de Artaxerxes, ou de Vercingétorix. Talvez lhe aproveitasse mais e melhor conhecer os pioneiros da cultura e da civilização, Archimedes, Ptolomeu, Appolonio, do que informar-se dessa triste série de aventuras, de alto banditismo e de mortandade.

— Não seria talvez de util expediencia tomar um pouco de tempo da — “Historia” — para consagral-o ao estudo do estado, da sociologia e do codigo?

— Não é coisa desejavel, disse Einstein. Muito me interessam as manifestações da vida publica, mas na escola soffreriam sempre o influxo politico e official além de que principalmente requerem certa madureza de espirito, a qual não pode existir na escola. Na minha opinião, o verdadeiro meio de estabelecer um contracto entre a vida publica e a escola é “instituir compulsoriamente o



aprendizado de um officio". Todos os rapazes devem saber um officio qualquer que seja a escolha, devem alcançar qualquer habilitação technica, de carpinteiro ou marceneiro, encadernador, serralleiro, etc. O aprendizado technico preenche dois grandes propositos: a formação do ser ethico e moral, e a solidariedade com as grandes massas do povo. A escola não deve ser uma fonte de jurisprudentes, literatos e advogados, nem meramente a fabrica de machinas mentaes. Prometheu, segundo o mytho, não começou a ensinar aos homens a astronomia, mas principiou pelo fogo e suas propriedades e usos praticos...

E ao entrevistador, tendo ainda no ouvido as palavras de Einstein, ocorreu a lembrança de que tambem na idade media os antigos "Meistersinger", os mestres cantores, eram todos ferreiros, caldeiros, sapateiros, o que não os impediu de lançar uma ponte para o ideal, para a poesia.

O malho e a forja não devem ser apenas imagens rhetoricas nem metaphoras para as lides espirituaes.

A poesia é, de facto, o refugio e o intermezzo posto ás afflições da vida.

Moszkowski aproveitou a oportunidade para



lembrar a Einstein o conceito que este affirmára da sciencia pura independente da pratica.

— Sim, disse Einstein. Os fins ultimos da pesquisa scientifica são a tarefa de pequena minoria. A escola, porém, é o lugar commum de todos. Para voltar ao ensino da mathematica, se elle confunde e affasta tantos espiritos bem dotados, é que não é “praticamente interessante”, não se dirige aos sentidos nem se busca apprehender intuitivamente. Não lhe apraz ao alumno a série de definições, coisas conceptuaes, sem oportunidade de chegar ao abstracto pelo caminho das coisas concretas. Os primeiros principios não podem ser dados na sala de aulas, mas ao ar livre. Deve mostrar-se aos moços como pode um campo ser medido e comparado a outros. A attenção pode ser dirigida a considerar a altura de uma torre, ao comprimento da sombra della em horas differentes, conforme a altura do sol; por esse methodo as relações mathematicas serão adquiridas mais segura e rapidamente que com palavras e giz, recursos empregados para induzir-lhes no espirito os conceitos de dimensões, de angulos e acaso de alguma funcção trigonometrica. E assim aconteceu, todos sabem, na origem das sciencias. Foi assim, praticamente, que Thales mediu a al-



tura das pyramides, fincando uma varinha no ponto extremo da sombra dellas.

A curiosidade e alegria do alumno ficarão satisfeitas quando verificarem que podem medir a altura da torre sem subirem ao cimo della. E' essa excitação "pratica" que falta ao ensino theorico e escolar.

. . . . . , , ,

---

Não é preciso proseguir nem acompanhar o dialogo por mais tempo. Na physica, as experiencias engenhosas despertam sempre grande interesse. Na geographia e na historia natural o recurso actual do cinema, os "films" lentos que decompõem os phenomenos de velozes que eram em movimentos tardos, descansados e vagarosos, tudo isso contribue para augmentar e desenvolver com animado interesse os poderes da intuição.

E é pela intuição que se deve aprender.

Emfim, diz o grande sabio, o ensino da escola deve ser um constante e crescente appello aos sentidos. A escola será não uma ficção ou magia; será a imagem da propria vida. "Learning must become living".

Teremos tempo ainda em outra occasião de continuar esse deleitoso dialogo.



## EINSTEIN E OS EXAMES

---

**M**EU querido Afranio Péixoto.

Agora é tempo de exames. A multidão de rapazes acorre aos tribunais da sabedoria official. Vão tristes, cabisbaixos, humildes, desfeita a alegria propria da idade pelas rajadas da colera magistral dos seus juizes.

As tuas palavras vieram, pois, a proposito na hora mais opportuna.

Não se trata de condescendencias criminosas, nem de sophismas pedagogicos.

Como dizes, e excellentemente, o nosso dever actual é “substituir um discurso, ás vezes mal ouvido, por pequeno numero de alumnos e um exame final a que a condescendencia, a fraude e, ás vezes, sentimentos deploraveis tiraram todo o caracter de efficaz seriedade, pelo conhecimento efficaz da “acção” pois forjando é que se fica ferreiro, como se fica medico, ou engenheiro, ou advogado, versando concretamente as questões todas que, reunidas, fazem esse conhecimento. O professor será guia e fiscal: o alumno terá a consulta — deste ou a de seu livro, suas notas, sem rebuços, porque o que se quer é que faça, e faça bem, seja como fôr; o guia é um livro ou um mestre; o livro, guia silencioso; o professor, guia falante ou actuante.”



Este é o “working-method” dos ingleses applicavel a todas as disciplinas.

Se os nossos professores não o praticam sem restricções e reservas, é porque o exame, a praga do exame, exige principalmente uma instrucção livresca de pura retentiva.

Não temos um processo racional e aceitavel que verifique a habilitação daquelles que estudam.

E não o temos por motivos muito simples. O principal de todos elles é o conceito especialissimo daquillo que nos parece ser a “habilitação”.

A habilitação, na opinião vulgar, consiste em responder improvisamente sobre qualquer materia a questões meramente escolares.

Por exemplo. Argue-se o catechumeno:

— Quantos são os peccados mortaes?

— “Resposta”: São sete.

— Muito bem. Diga-os.

— “Resposta”: A. B. C. D. etc.

— Perfeitamente. Está “habilitado”.

E’ o caso da approvação. Vejamos agora o caso typico da reprovação.

— Menino, diga-me quantos são os peccados mortaes?

— “Resposta”: Não me lembra, mas ha uma duzia delles.

— Não conhece então nenhum? Não poderá dar um exemplo?

— “Resposta”: Sim, verbi gratia, “não pagar jornal a quem trabalha” é peccado mortal.

— Está enganado. Isso não é peccado mortal; é um



dos "peccados que bradam ao céo". Já vejo que não conhece a materia. E o pobre diabo está reprovado em catechismo.

Todo exame é afinal um catechismo, um digesto de perguntas e respostas.

Nas sciencias e estudos é a mesma coisa. O resultado fatal e incontrastavel é que na verdade só existe uma materia e uma unica disciplina: a "examinologia".

E' vulgar essa admoestação: "Você sabe; mas não sabe fazer exame".

A "examinologia" é um terino hybrido, segundo os grammaticos. Mas a expressão deve ficar, porque a coisa a que corresponde, é ainda mais hybrida.

Quando se approxima a época dos exames a unica coisa que verdadeiramente se estuda é a "examinologia". E' a disciplina unica e fundamental.

Recorre-se então a uma miseravel literatura didactica, a dos "livrinhos de pontos", aos resumos de questões provaveis, aos "cramer-books", como lhes chamam os ingleses, aos repetitoriums e memorandumus...

Para que tudo isto?

Para responder promptamente ás questões propostas.

Entretanto, responder promptamente a qualquer questão não constitue apreciavel merito a não ser o da vivacidade ou o da excellencia da memoria.

Mais nada.

— Sabe o senhor dizer quaes foram as eguarias, repetir o "menu" de tudo quanto comeu no mes de julho do anno passado?

— Não posso dizel-o. Mas é certo que comi e me



alimentei; do contrario, estaria morto nesta hora. Comi; e todo o proveito foi incorporado á minha vida.

— Ora, sendo assim, o que é que o senhor me poderá dizer da historia ou da physica ou da botanica que lhe aproveitaram naquelle mesmo mes de julho do anno passado?

— Nada posso dizer agora. Mas aproveitei tudo o que estava na minha capacidade de aproveitar. Não me venha agora pedir o “menu”.

A memoria é excellente faculdade que não convem estragar com essa micrologia annua de questiunculas, de cartapacios e valhacoutos que constituem o exame final.

Saber não é repetir. E frequentes vezes repetir é o signal de ignorancia grande.

Pelo menos é profunda mesquinhez preconceitual aquella que manda dividir a guerra dos cem annos em quatro partes, a syntaxe em duas, dar a nomenclatura disso ou daquillo, sem discrepancias.

A examinologia reclama toda essa falsa sciencia de schemas, esqueletos e diagrammas, impostos á entupida memoria dos estudantes.

Quando chega a época dessa misera e pedantesca ostentação, andam os rapazes com a cabeça a arder, sob o pavor das sentenças absolutas e inappellaveis dos seus juizes.

A unica coisa boa nos exames é a benevolencia dos mestres. Todos elles, (com pequenas excepções), sabem que os pobres alumnos não podem resistir a tão absurdas provas.

Deve considerar-se como sabido tudo quanto se ouviu



com atenção, assiduidade e interesse. Mais ou menos, aqui como em todas as coisas, a incorporação é tanto melhor e mais profunda, quanto menos é literal e pagaaial.

E' o espirito e não a letra o bom alimento substancial.

---

Qual o meio pratico de resolver essa questão dos exames?

Fóra das praxes regulamentares, é difficil achar um criterio de approvação.

Não ha duvida. Entretanto, ha meios indirectos, mas sufficientes para chegar a uma sentença justa.

Sympathizo muito com o methodo "ad absurdum" que eu sei não ser muito seguro, mas sempre razoavel para quem não pretenda a infallibilidade em seus juizos.

Não é menos verdade que existem processos directos e directissimos de verificação.

Se um professor habil organizar uma lista de quarenta ou cinquenta theoremas e problemas da geometria ou do calculo, sem o intuito de difficultar e só com o intento de abranger o essencial de toda a materia; se ao mesmo tempo publicar esta lista de questões com a antecedencia de dois ou tres mezes, póde contar-se com segurança que o alumno que as poder demonstrar ou resolver está perfeitamente habilitado.

Vemos entretanto a pratica contraria: o ponto que cae no exame é inteiramente vago: angulos, por exemplo.



Ahi dentro ha mil e uma questões inesperadas ou talvez insidiosas, em qualquer caso imprevisíveis.

Para que esse improviso?

---

2 Por vezes sinto, como Einstein, que está habilitado "todo aquelle que se mostrar capaz". Como assim?

Vou a este respeito contar uma anedocta curiosa.

Vae para muitos annos Medeiros de Albuquerque, então director da instrucção publica, convidou-me para examinar algumas centenas de provas escriptas de alumnas que se propunham a entrar para a Escola Normal.

Cada examinador dava a sua nota a parte, sem conhecer as dos seus collegas. O proprio Medeiros tinha dado o thema da prova, que consistia apenas em tres dados: uma menina á janella de um sobrado, um capitão de espada á cinta e uma pulga.

Medeiros com o seu "humour" habitual queria verificar até que ponto a intelligencia dessas creanças podia coordenar e compor uma historia qualquer em linguagem corrente com aquelles parcos e dispartados elementos.

Imagem a angustia de todas ellas. Quasi todas escreveram com absoluta inverosimilhança que a menina do alto da sacada atirava a pulga sobre o capitão e este, puxando da espada, partia ao meio o misero animalculo.

Uma, porém, em poucas linhas mal escriptas e em graphia mais anarchica que a de hoje, afastou-se inteiramente das suas collegas.



Escreveu, em substancia, o seguinte: que a menina do sobrado lançou a pulga num balde de agua e despejou-o sobre o capitão, que passava...

— Excelente! pensei eu. Não havia outro meio de fazer chegar a pulga até o transeunte. Assim como assim, a agua é o unico vehicúio.

E a menina proseguia: o capitão, todo molhado, tirou o cinto e a espada, não para matar, mas para pacificamente desabotoar a tunica e caçar a pulga que lhe descera pela gola. *Eureka!*

Eis ahi uma menina intelligente que não quiz matar a pulga a gume de espada.

— Esta é capaz, disse eu. E dei-lhe a nota maxima.

Verifiquei mais tarde, não sem espanto, que os meus collegas deram grande attenção aos numerosos erros graphicos e por ventura a alguns solecismos. Mantive, entretanto, a minha escandalosa nota de louvor; e até hoje ignoro a quem a dei.

Esse meu antigo desdem pelas frioleiras grammaticas e quejandos cartapacios de erros escolares certamente não me recommenda á argucia dos sustentaculos e columnas da lei.

---

Meu caro Afranio. Eis o que ingenuamente penso a respeito dessas coisas arduas e perigosas a que infelizmente não posso suggerir um remedio.

Sou, como tu és, um absoluto descrente das violencias curativas, a ferro e fogo, como as queria Hippocrates.

Estamos num tempo de medicinas mais suaves e a ti, mais que a ninguém, pela feição juvenil do teu espírito, pela aguda perspicacia do teu engenho, pela tua autoridade de sabio e mestre, a ti cabe a delicada e perigosa defesa de tantas victimas.

Os mestres carrancudos, ainda fazem como Pythagoras fazia ao demonstrar um theorema: para render graças aos Deuses ordenam uma hecatombe.

A colera dos deuses já deve estar aplacada.



## O PRIMEIRO GALLICISMO

---

---

**E'** talvez um thema de curiosidade para espiritos ociosos instituir uma breve pesquisa acerca do primeiro gallicismo que se naturalizou nesta nossa terra de gallophobia grammatical.

Outra circumstancia me incita a esse intento.

Tambem, de vez em quando, costumo escrever algumas notas á margem da historia do Brasil. E se os dois assumptos se casam, é dobrado o proveito.

Assim é que tive a occasião neste mesmo logar de explanar o sentido da expressão — “Vera Cruz” — que foi o primeiro nome dado á terra nos dias do descobrimento.

O nome “Brasil” que prevaleceu, tão desastrosamente na opinião orthodoxa de João de Barros, tem-se aggravado até hoje com as numerosas e infundaveis discrepancias dos grammaticos e dos neographos de ultima hora.

A questão maior entre os doutores é a de saber se se deve escrever Brasil com *s* ou com *z*.



O caso em si mesmo pôde parecer banal, como banaes são todas essas frioleiras da anarchia orthographica que servem de alimento commum á mania nacional das altercações philologicas.

Entretanto, e a mau grado dessa apparencia antipathica, o caso é realmente consideravel.

Não é possivel que um povo ignore a maneira de escrever o seu proprio nome; e, entretanto, a hesitação perdura nos documentos officiaes, nas inscrições, nas moedas, em todas as actas da vida publica, sempre desencontradas e contradictorias.

Ha um partido forte e numeroso do — *s* — e outro, pequeno e revél em favor do — *z*.

A rixa não terminou ainda.

Já produzimos pelo menos duas monographias de equal titulo dubitatorio — “Brasil com *s* ou com *z*?” — dos srs. Mello Carvalho e Assis Cintra, as quaes eu nunca li, confesso.

E’ o destino que por merecido talião espero para esta notula inexpressiva.

---

Em verdade, a palavra — *brasil* — era conhecida desde a edade média e foi um dos gran-



des lyricos da Tavola Redonda, quanto se pôde colher da literatura, o primeiro que a empregou num dos seus romances bretões.

Devia ser já uma palavra conhecida e popular — *braisil* — de Chrétien de Troyes, que é do seculo XII.

Designava o termo certa madeira de tintura de côr rubra e que vinha do oriente.

Essa é a mais remota occasião em que apparece em textos escriptos o nome.

Logo depois, toda a literatura medieval italiana e franceza accusa repetidos exemplos, aqui e ali, daquella expressão vulgar.

Quem a transmittiu ao occidente?

Não ha duvida que foram e deviam ser os italianos, pois que elles, só elles, eram os que faziam o commercio do oriente com as frotas venezianas e genovêsas.

De facto, a essa especie vinda das terras orientaes, os italianos chamavam *versi*, *berzi*, *verzino*, *bercino*, na variedade de seus dialectos.

Esse *berzino* é o *braisill* ou *bresill* dos francezes.

Não ha, porém, nenhuma prova documental, que fosse até hoje verificada, da existencia entre os portuguezes da forma *Brasil*.



Elles de certo não a conheciam; e, pois, foram em verdade os francêses que logo desde os primeiros annos do descobrimento, e antes da colonização, aqui vinham para “fazer o brasil” os divulgadores desse nome que ficou definitivo.

As incursões dos piratas francêses davam-se no Rio Real e um pouco por toda a parte. Christovão Jacques teve de rechassal-os de varios pontos, antes da criação das capitánias. Com ser mesquinha, a industria do brasil bastava a esses aventureiros. BRASIL, conseguintemente é o nosso nome e o nosso primeiro gallicismo.

Eu, se não fosse o caso de intervir em rixas alheias (donde se sae sempre mal ferido) eu proporia com licença de todos os mendobis a hedionda substituição de Brasil por Ibirapitanga.

A toleima não seria maior. Ibirapitanga é o nome indigena, feio e alongado, do precioso lenho, mas teria a vantagem de nesse campo de Agramonte inaugurar a paz e excluir a suspeita de tendencias francelhas e galliciparlas.

---

Brasil é nome francês na forma e na phase historica em que o recebemos.



A averiguação não é difficil e podemos institui-la sem dispendio de grammatiquices extemporaneas e hirsutas.

Os portuguezes que não estavam e nem podiam estar fóra do commercio do mundo, mesmo antes das suas grandes navegações atlanticas, conheciam palavras vernaculas para designar o brasil do oriente.

Podemos verificá-lo no livro de Marco Polo que foi trasladado em linguagem no tempo de Dom Duarte. Ahi a expressão portuguezá é "birço" ou "byrço" para a madeira e a côr.

Dois exemplos bastam para abonação do vocabulo:

Ali no reyno de Lambri nascem *byrços* em muy grande avondança...

fol. 64.

Ham *birços* (na ylha de Seilam) os melhores do mundo que nascem hy.

fol. 64 v.

Este "birço" é instinctivamente o "berci" ou o "bercino" dos italos.

Tambem os portuguezes conheciam outra palavra a "urzella" ou "urchila" que designa a



planta e a côr roxa, provavelmente uma variedade do “byrço” oriental.

Ora, de “birço” não é possível tirar — Brasil — por mais que o pilem, cozinhem e espremam. Isso seria o descrédito de todas as sublimidades phoneticas.

Assim, não pôde haver questão de que é inteiramente francês o “brasil” ou “bresil” (tomado ao “verzin” ou “bercino” dos venetos).

O nome era applicado a varias especies que tinham igual utilidade industrial e por isso não hesitaram em dal-o á “ibirapitanga” da America.

---

Por todas essas razões, se Brasil viesse directamente de “verzino”, haveria que escrevel-o com *z*.

Mas, veiu pelo francês; e foram os franceses os primeiros que usaram a palavra e a applicaram á planta americana.

Mas cá onde mais se alarga alli tereis  
Parte tambem co’o pau vermelho nota,  
De Santa Cruz o nome lhe poreis.

*Canto X, vDJ.*



Não só era a terra *nota* ou conhecida por causa do “brasil” no tempo de Camões.

Já o era em outro grande poeta, em Gil Vicente no “Auto da Fama” desde 1510:

Com ilhas mil  
Deixae a *terra do Brasil*.

Foi esse o primeiro gallicismo que recebemos na pia.





## INDICE

A sciencia do Amor . . . . .	5
O problema de Fermat . . . . .	13
O latim e o sport . . . . .	17
Goethe e o Brasil. . . . .	25
Du Guay Trouin e um avô de Bocage. . . . .	31
A poesia japonêsa. . . . .	39
A questão da raça ariana. . . . .	49
Acerca das amazonas. . . . .	57
Perda irreparavel . . . . . <i>A Rosa</i>	67
Contos de indios . . . . .	71
O professor Branner . . . . .	81
O mysterio da Vida . . . . .	89
Confissões de um juiz . . . . .	97
Darwinismo abstracto. . . . .	107
A Lei das series de Paulo Kammerer. . . . .	117
Trastes velhos . . . . .	125
Uma nova Inquisição . . . . .	131
Os giganos e o fado de Severa . . . . .	139



As pessoas do conto . . . . .	147
Sator — Arepo . . . . .	153
O Brasil caboclo . . . . .	167
A. R. Wallace . . . . .	175
A nova theoria . . . . .	183
O primeiro povoamento do Brasil . . . . .	193
O descobrimento da America . . . . .	199
Problemas da nossa historia literaria . . . . .	207
Einstein e a questão do ensino . . . . .	215
Einstein e os exames . . . . .	225
O primeiro gallicismo. . . . .	233



## NOTA FINAL

---

Foi uma anotação crítica de Tristão de Athayde e outra de Mucio Leão que me sugeriram o título de *Colmeia*. Não falaram nessa palavra, mas coincidiram na mesma ideia. E eu que andava a procurá-la!...



